



APNOR

Empreendedorismo no Ensino Superior: o caso do Instituto Politécnico do Porto

Sara Carvalho Costa

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto para obtenção do Grau de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas

Orientada por Professor Doutor José Freitas Santos

Porto, Maio, 2013



APNOR

Empreendedorismo no Ensino Superior: o caso do Instituto Politécnico do Porto

Sara Carvalho Costa

Orientada por Professor Doutor José Freitas Santos

Porto, Maio, 2013

Resumo

O presente estudo enquadra-se no âmbito de um projeto de investigação sobre empreendedorismo, analisando a intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do Instituto Politécnico do Porto e os fatores influenciadores desta. Foram recolhidos dados sociodemográficos e utilizado o “National Undergraduate Student Survey” (Redford, 2008) e o “Teste da Capacidade Empreendedora” (IAPMEI, n. d.). A amostra é composta por 313 estudantes finalistas da área das ciências empresariais e da área da saúde.

Os resultados obtidos revelam um nível baixo de intenção empreendedora a curto prazo dos estudantes tendo em conta valores de referência nacionais e internacionais, contudo, a longo prazo os resultados são mais animadores. Conclui-se que os fatores sociodemográficos e de formação influenciam a intenção empreendedora. Quanto aos fatores ambientais, a possibilidade do negócio ir à falência e a incerteza quanto ao rendimento são os riscos mais receados, assim como o clima desfavorável que existe atualmente em Portugal é o entrave mais percecionado pelos estudantes finalistas. A maioria dos estudantes finalistas inquiridos não acredita que o sistema educativo português desenvolve uma predisposição para a criação da própria empresa e relativamente à iniciativa do ensino superior politécnico, conclui-se que existe uma falha na divulgação do programa Poliempreeende, principalmente na escola associada à área das ciências empresariais. Quanto à capacidade empreendedora dos estudantes finalistas inquiridos, conclui-se que é explicada, principalmente, por quatro fatores psicológicos: a autoconfiança, a liderança, a ambição e a criatividade.

Palavras-chave: empreendedorismo, estudantes, intenção empreendedora, fatores influenciadores.

Abstract

The present study is based on an investigation project about the entrepreneurship, analysing entrepreneurial intention of finalist students of two Schools of Oporto Polytechnics Institute and the influent factors of that entrepreneurial intention. There were collected social demographic data and applied the “National Undergraduate Student Survey” (Redford, 2008) and “Teste da Capacidade Empreendedora” (IAPMEI, n. d.). The sample consists of 313 finalist students of business sciences and health area.

The obtained results reveal a low level of entrepreneurial intention at short term of these students considering values of national and international references but at long term the results are higher. In conclusion the social demographic factors and academic training induces the entrepreneurial intention. About environment factors, the possibility of going bankrupt and the insecurity of income are a risks to be considered as well as the actual negative economic climate in Portugal is the obstacle most quoted by the finalist students. The most of the inquired don't trust that the Portuguese educational system develops a predisposition for own business creation and regarding the initiative of superior polytechnics teaching, the study concludes that there is a lack on divulging the Poliempreende program especially at the associated business sciences school. Concluding, about the entrepreneurship ability of the inquired finalist students is defined based, principally, in four factors: self confidence, leadership, ambition, and creativity.

Keywords: entrepreneurship, students, entrepreneurial intention, influent factors.

Resumen

El presente trabajo se encuadra en el ámbito de un proyecto de investigación acerca de emprendimiento, analizando la intención emprendedora de los estudiantes finalistas de dos escuelas del Instituto Politécnico de Oporto e los factores influyentes de esa intención emprendedora. Se recogieron datos socio demográficos y aplicado el “National Undergraduate Student Survey” (Redford, 2008) y el “Teste da Capacidade Empreendedora” (IAPMEI, n. d.). La muestra se compone por 313 estudiantes finalistas del área de ciencias empresariales e del área de la salud.

Los resultados obtenidos revelan un bajo nivel de intención emprendedora a corto plazo de estos estudiantes considerando valores de referencia nacional y internacional, pero a largo plazo los resultados son más positivos. Se concluye que los factores socio demográficos y de formación académica influyen la intención emprendedora. Cuanto a factores ambientales la posibilidad del cierre del negocio y la inseguridad cuanto al rendimiento es un riesgo a considerar así como el clima económico desfavorable actualmente en Portugal es el entrabe más evidenciado por los estudiantes finalistas. La mayoría de los inquiridos no cree que el sistema educativo portugués desarrolla una predisposición para la creación de empresa propia y relativo a la iniciativa del ensino superior politécnico se concluye que existe una falla en la divulgación del programa Poliempreende especialmente en la escuela asociada al área de las ciencias empresariales. Cuanto a la capacidad emprendedora de los estudiantes finalistas inquiridos se concluye que se explica, principalmente, por cuatro factores psicológicos: la autoconfianza, lideranza, ambición y creatividad.

Palabras clave: emprendimiento, estudiantes, intención emprendedora, factores influyentes.

Agradecimentos

À Presidência do Instituto Politécnico do Porto, pelo interesse e autorização concedida para a realização desta dissertação, assim como a todos os Professores que permitiram a recolha de dados e a todos os estudantes que aceitaram participar e responder ao inquérito, sendo fundamental para a concretização deste trabalho.

Às minhas amigas Isa e Tatiane, pela enorme motivação, acompanhamento e constante disponibilidade em ajudar.

Ao meu companheiro Filipe, pelo incentivo, paciência, compreensão e cooperação nesta etapa da minha vida, pois sem ele não teria sido possível enveredar por esta aventura.

À minha família, pelo carinho e compreensão relativamente às minhas ausências.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a elaboração desta dissertação.

Abreviaturas e Acrónimos

AEP – Associação Empresarial de Portugal
ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários
CEE – Comunidade Económica Europeia
ESTSP – Escola Superior de Tecnologia e Saúde do Porto
EUA – Estados Unidos da América
GCI – Global Competitiveness Index
GEDI - Global Entrepreneurship and Development Index
GEM - Global Entrepreneurship Monitor
I&D – Investigação e Desenvolvimento
IAPMEI – Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação
IDE – Investimento Direto Estrangeiro
IECP – Intenção Empreendedora a Curto Prazo
IEMLP – Intenção Empreendedora a Médio/Longo Prazo
INE – Instituto Nacional de Estatísticas
IP – Instituto Politécnico
ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
MCTES – Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
MIT - Massachusetts Institute of Technology
ONU – Organização das Nações Unidas
PIB – Produto Interno Bruto
PME – Pequenas e Médias Empresas
SPI – Sociedade Portuguesa de Inovação
SUDOE - Sudoeste da Europa
TEA - Taxa de Atividade Empreendedora
TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
UE – União Europeia

Índice

Lista de Figuras	xv
Lista de Tabelas	xvi
Introdução.....	1
Capítulo I	3
O empreendedorismo e a sua importância	3
1.1. Empreendedorismo e empreendedor: conceitos e evolução.....	5
1.2. Caracterização do empreendedor.....	9
1.3. Fatores de envolvente que fomentam o empreendedorismo	11
1.4. Importância do empreendedorismo.....	13
Capítulo II	16
O empreendedorismo em Portugal	16
2.1. Evolução do empreendedorismo em Portugal	17
2.2. Situação atual: indutores e barreiras ao empreendedorismo em Portugal.....	19
2.3. Considerações gerais sobre Portugal e o empreendedorismo	22
Capítulo III	25
Empreendedorismo no ensino	25
3.1. A relevância do empreendedorismo no ensino	26
3.2. Empreendedorismo no ensino superior: revisão da literatura	27
3.3. Propostas e iniciativas para uma educação empreendedora	32
Capítulo IV	37
Metodologia do estudo	37
4.1. Objetivos do estudo.....	38
4.2. Recolha de dados.....	38
4.3. Caracterização do questionário.....	39
4.4. Caracterização da amostra	41
4.5. Escolha das variáveis.....	43
Capítulo V.....	44
Intenção empreendedora dos estudantes finalistas do Instituto Politécnico do Porto: resultados de um inquérito.....	44
5.1. Análise e discussão de resultados	45
5.1.1. Intenção empreendedora a curto e a médio/longo prazo dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto	45

5.1.2. Análise da intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto em função de fatores sociodemográficos e da sua área de formação	47
5.1.3. Relação dos riscos percecionados pelos estudantes de duas escolas do IP do Porto com a intenção empreendedora	56
5.1.4. Relação dos entraves percecionados pelos estudantes de duas escolas do IP do Porto com a intenção empreendedora	58
5.1.5. Perceção dos estudantes finalistas de duas escolas o IP do Porto sobre o sistema educativo português face ao empreendedorismo	60
5.1.6. Fatores psicológicos que mais explicam a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP do Porto	64
Conclusões	72
Referências Bibliográficas	77
Anexos	86
Anexo I – Inquérito à intenção empreendedora dos estudantes finalistas
Anexo II – Correlações entre variáveis, média e desvio-padrão

Lista de Figuras

Figura 1: A dinâmica de valorização dos indivíduos	35
Figura 2: Variáveis do modelo.....	43
Figura 3: A IEMLP e os riscos segundo a área de formação	57
Figura 4: A IEMLP e os entraves segundo a área de formação	59
Figura 5: Perceção sobre o sistema educativo português e sobre o programa Poliemprende de acordo com a área de formação dos estudantes.....	63

Lista de Tabelas

Tabela 1: Estudos internacionais sobre a intenção empreendedora dos estudantes	28
Tabela 2: Estudos nacionais sobre a intenção empreendedora dos estudantes	30
Tabela 3: Balanço das atividades do Poliemprende	36
Tabela 4: Mapa da recolha de dados no ISCAP	39
Tabela 5: Mapa da recolha de dados na ESTSP	39
Tabela 6: Caraterísticas demográficas da amostra	42
Tabela 7: Caraterísticas económicas e sociais da amostra	42
Tabela 8: Empreendedorismo e perceções sobre o futuro	46
Tabela 9: Intenção empreendedora por área de formação - Escola	48
Tabela 10: Intenção empreendedora por área de formação – Curso	49
Tabela 11: Intenção empreendedora por sexo	51
Tabela 12: Intenção empreendedora por idade	52
Tabela 13: Intenção empreendedora por caraterísticas económicas e socais – Actividade profissional remunerada	53
Tabela 14: Intenção empreendedora por caraterísticas económicas e socais – Familiar próximo empresário	55
Tabela 15: Intenção empreendedora por caraterísticas económicas e socais – Situação económica familiar	55
Tabela 16: Intenção empreendedora e o risco	57
Tabela 17: Intenção empreendedora e os entraves percecionados	59
Tabela 18: Perceção sobre o sistema educativo português	61
Tabela 19: Resultados da análise fatorial do Teste da Capacidade Empreendedora (versão de 30 variáveis)	66

Introdução

Atualmente ouve-se falar muito em empreendedorismo e surgem imensos estudos e publicações sobre o tema.

De facto, a importância do empreendedorismo é incontestável. Contribui para a criação de emprego, para a promoção da criatividade e inovação, para o desenvolvimento da economia e sociedade de um país e constitui cada vez mais uma opção de carreira para muitos empreendedores. Assim, a promoção e valorização do empreendedorismo e de uma cultura empreendedora numa sociedade afirma-se vital ao nível do desenvolvimento social, económico, tecnológico e organizacional, especialmente para Portugal que atualmente está a passar por uma crise económica, política e social. Deste modo, a implementação de uma estratégia focada na educação para o empreendedorismo torna-se fundamental para a mudança de atitudes e comportamentos. Neste sentido, é necessário que as Universidades e os Politécnicos criem um ambiente propício para o empreendedorismo, de forma a desenvolver capacidades individuais, sociais e de liderança, competências pessoais e organizacionais, a incentivar a inovação e investigação e a fomentar parcerias com entidades que tenham como objetivo a promoção do empreendedorismo.

De forma a potenciar uma mudança na realidade atual reanimando o desenvolvimento social, cultural e económico de Portugal, o ensino superior politécnico aposta numa educação para o empreendedorismo em que através da promoção da inovação e criatividade, pretende formar líderes com comportamentos, competências e atitudes empreendedoras.

O presente estudo tem como objetivo analisar a intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP do Porto – o ISCAP e a ESTSP, e os fatores que a influenciam. É realizada uma análise do perfil do empreendedor do estudante finalista ao nível de fatores sociodemográficos, fatores de formação e fatores psicológicos, a análise dos riscos e entraves resultantes do meio ambiente e a análise da perceção do sistema educativo português face ao empreendedorismo.

O estudo está dividido em cinco capítulos, em que nos primeiros três capítulos é feito um enquadramento teórico do tema e os restantes dois capítulos, referem-se ao estudo empírico. O primeiro capítulo aborda o conceito do empreendedorismo, a sua importância, as características psicológicas associadas ao empreendedor e os fatores de envolvente que fomentam o empreendedorismo. O segundo capítulo apresenta a evolução do empreendedorismo em Portugal e faz referência à situação atual, relativamente aos indutores e barreiras ao empreendedorismo. No terceiro capítulo é feita uma revisão da literatura em torno dos estudos nacionais e internacionais sobre o empreendedorismo no ensino. No quarto capítulo é apresentada a metodologia utilizada na recolha de dados, assim como a caracterização da amostra obtida. No quinto capítulo, são apresentados os resultados do inquérito e a sua discussão comparando-os com os resultados de estudos já existentes na temática.

Este estudo é relevante a vários níveis: para a promoção de uma cultura empreendedora no ensino superior, na medida em que as atitudes face ao empreendedorismo são o resultado da envolvente cultural e social; para o aperfeiçoamento de programas educativos adequados ao desenvolvimento de conhecimentos sobre a criação e gestão de negócios assim como de competências empreendedoras nos estudantes, na medida em que a perceção dos estudantes do ensino superior face ao empreendedorismo é um indicador para essas melhorias; para o apoio ao desenvolvimento de projetos e negócios dos estudantes do ensino superior, na medida em que, numa sociedade do conhecimento, os mais promissores empreendedores são os estudantes do ensino superior.

O presente estudo visa ainda contribuir para a expansão da investigação ligada ao empreendedorismo.

Capítulo I

**O empreendedorismo e a sua
importância**

1.1. Empreendedorismo e empreendedor: conceitos e evolução

Nos últimos anos, o conceito de empreendedorismo tem vindo a ser amplamente divulgado em Portugal (Gonçalves, 2009), sendo apontado como uma das soluções para a crise económica e financeira que se vive atualmente. Nos EUA, principalmente, o termo empreendedorismo não é novo, pelo contrário é estudado há largos anos (Dornelas, 2005).

Têm surgido imensos estudos e publicações sobre o empreendedorismo, no entanto a divergência de visões dos autores, torna a sua investigação complexa (Rosário, 2007). A dificuldade de definir o termo empreendedorismo é reconhecida por vários autores (Gartner, 1989; Bygrave & Hofer, 1991; Stewart, 1991; Ucbasaran, Westhead, & Wright, 2001; Montanye, 2006) e passa, pela incerteza sobre a sua fronteira e objeto de estudo (Busenitz, West III, Sheperd, Nelson, Chandler, & Zacharakis, 2003; Gartner, 1990; Shane, 2003; Shane & Venkataraman, 2000; Welsch & Liao, 2003). Bygrave e Hofer (1991) adiantam que na falta de uma definição universalmente aceite de empreendedor, o significado do termo deve ser definido em cada investigação.

Para compreender melhor o significado de empreendedorismo é necessário esclarecer que teve origem em França, em que “entre” e “prendre” significa “estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor” (Sarkar, 2010). Na Idade Média, o empreendedor era considerado um participante ou administrador de projetos de produção em grande escala e não corria riscos (Hisrich & Peters, 2004). No século XVII, o empreendedor passou a ser visto como um indivíduo que assumia riscos (lucros ou prejuízos) derivado de um contrato de valor fixo com o governo (Hisrich & Peters, 2004). No século XVIII, Richard Cantillon, notável economista, lançou as bases para a construção de uma das primeiras teorias do empreendedor (Cantillon, 2010), descrevendo-o como um indivíduo que corre riscos ao pagar um certo preço por um produto, sem saber previamente qual será o preço de venda (Sarkar, 2010). Richard Cantillon salienta, ainda, a função do empreendedor e não a sua personalidade, realçando a sua função económica (Hébert & Link, 1988).

No século XIX, Jean Baptiste Say empregou o termo empreendedor no seu livro “Tratado de Economia Política” (Rosário, 2007), sendo reconhecido como o pai do empreendedorismo ao associar os empreendedores à inovação¹ e nomeando-os como agentes de mudança (Acúrio & Andrade, 2005). Este autor clássico avançou também algumas características que o empreendedor deve possuir, tais como a capacidade de decisão, a perseverança e o conhecimento sobre o mundo e sobre os negócios (Rosário, 2007).

Em 1848, John Stuart Mill retoma o conceito de Cantillon e assume o empreendedor como um indivíduo que se diferencia por assumir riscos (Mill, 1909). No final deste século, surge o conceito de intra-empreendedorismo que diz respeito aos empreendedores que operam dentro das organizações,

¹ Inovação é entendida como “produzir, assimilar e explorar com êxito uma novidade nos domínios económico e social” (Comissão Europeia, 1995).

denominados por intra-empresendedores (Stevenson & Jarillo, 1990; Cunningham & Lischeron, 1991; Davidsson, Low, & Wright, 2001; Davidsson & Wiklund, 2001). Norman Macrae (1982, 1976) foi um dos primeiros autores a identificar o intra-empresendedorismo em artigos na revista "The Economist" e Naisbett (1986) mencionava o intra-empresendedorismo como um processo de negócios que permitiria encontrar novos mercados e produtos. Knight em 1921, sustenta que o empresário é um indivíduo que procede à tomada de decisões em condições de incerteza (Gartner & Shane, 1995).

No século XX, mais precisamente nos anos 30, o economista Joseph Schumpeter, autor do livro "Teoria do Desenvolvimento Económico", afirma que o empresário é uma pessoa capaz de causar uma descontinuidade, motivado pela tarefa, pela especialização, pela expectativa de ganho pessoal e pelo ambiente favorável (Schumpeter, 2004). Este autor realçou o espírito inovador como sendo a parte central do empresendedorismo, distinguindo quatro formas de inovação em contexto empresarial: i) a introdução de um novo produto, ii) a introdução de um novo método de produção, iii) a abertura de um novo mercado, iv) a aquisição de uma nova fonte de oferta de materiais, (e) a criação de uma nova empresa (Sarkar, 2010). Segundo Schumpeter, a criação de empresas é o motor fundamental da economia, destacando a importância do empresendedorismo na promoção do desenvolvimento, nomeadamente na criação de novos produtos e descoberta de novos mercados (Schumpeter, 2004). Nos anos 40, Schumpeter alargou o âmbito do conceito de empresendedorismo para o de "destruição criativa". Para este autor, o empresendedorismo, para além de ser responsável pelo avanço e progresso da economia e da sociedade, desencadeia o desenvolvimento da vida empresarial por substituição das organizações existentes por novas que estejam aptas para usufruir das inovações (Schumpeter, 2003).

O investigador que iniciou a contribuição das ciências do comportamento para o estudo do empresendedorismo foi David MacClelland, em 1961. Este autor refere que o empresário é alguém dinâmico que corre riscos moderados (Hisrich & Peters, 2004). Segundo ele, o empresendedorismo está associado à necessidade de realização pessoal visto as pessoas com essa necessidade enfrentarem melhor as oportunidades, ainda que isso envolva responsabilidade ou risco (McClelland, 1967).

Em 1964, o guru da gestão, Peter Drucker defende que o empresário é um indivíduo que procura obter o máximo de oportunidades de negócio (Gaspar, 2006). Em 1974, Hayek (galardoado com o prémio Nobel de Economia), descreve o empresário como o motor para o desenvolvimento e um indivíduo capaz de identificar oportunidades através da captação e utilização da informação Domínguez (2002) citado por Gaspar (2006).

O empresendedorismo foi interpretado como um processo conducente à criação de maior riqueza (Ronstadt, 1984). Segundo este autor, a riqueza provém de indivíduos que assumem riscos em termos de património, tempo e/ou comprometimento com a carreira ou do valor acrescentado que colocam nalguns produtos ou serviços.

Para Robert Hisrich (1986), o empreendedorismo traduz-se num processo de criação de algo novo implicando tempo e esforço do indivíduo que assume riscos financeiros, psíquicos e sociais e que recebe recompensas de satisfação e independência económica e pessoal.

Também em 1985, Drucker volta ao conceito de empreendedor e tendo por base a definição de Schumpeter descreve o empreendedor como uma pessoa que está sempre a inovar (Drucker, 1985). Segundo este autor, é possível definir sete fontes que podem originar uma oportunidade inovadora: o inesperado, a contradição entre o que existe e o que deveria existir, a necessidade, a mudança estrutural, as mudanças demográficas, a transformação das perceções e as descobertas científicas (Rosário, 2007).

Em 1987, Drucker (1987) vai mais longe e afirma que empreender é uma “força externa”, segundo a teoria económica clássica, em que a ferramenta do empreendedor é a inovação convertendo ideias em ações lucrativas.

Em 1988, Low e MacMillan (1988) citado por Gartner e Shane (1995) definem empreendedorismo como o processo de criação de empresas. Gartner, em 1989, corrobora esta ideia com o conceito de que o empreendedorismo é um processo de criação de organizações, no entanto acrescenta que o empreendedorismo finda no momento em que o estágio de criação da organização acaba. No ano seguinte o mesmo autor, defende que o empreendedorismo compreende as seguintes oito vertentes: i) o empreendedor, ii) a inovação, iii) a criação de uma organização, iv) a criação de valor, v) as organizações com ou sem fins lucrativos, vi) o crescimento, vii) o único, viii) o dono é também gestor da nova empresa (Gartner, 1990).

Segundo Bygrave e Hofer (1991), o empreendedorismo consiste na deteção de oportunidades e a criação de organizações capazes de realizar essas oportunidades.

Para Timmons e Spinelli (2009), o empreendedor é alguém capaz de identificar, agarrar e aproveitar oportunidades, procurando e gerindo recursos de forma a transformar a oportunidade em negócio de sucesso, conceito avençado já em 1994. Este autor acredita que o fundamento do empreendedorismo é a cidadania visando o bem-estar coletivo, o espírito comunitário e a cooperação. Para Kirzner (1997), os empreendedores são responsáveis pelo equilíbrio de mercado e aproveitam as oportunidades de negócio lucrativas através da utilização eficiente dos recursos de que dispõem. Fillion (1997), alarga o conceito de empreendedorismo que contempla as características do empreendedor, os seus efeitos socioeconómicos, assim como do processo que envolve a atividade empreendedora. De acordo com Virtanen (1997), o empreendedorismo é um processo dinâmico que tem como finalidade criar valor no mercado explorando inovações económicas, e por outro lado, permite ao empreendedor alavancar o seu negócio. Wennekers e Thurik (1999) referem que o empreendedorismo não depende do grau de incerteza ou das dificuldades ao longo do processo, mas é influenciado pela vontade e aptidão dos indivíduos de descobrir e explorar novas oportunidades económicas através do desenvolvimento das suas ideias.

Mais recentemente, no século XXI, a definição de Shane e Venkataraman (2000) tem recebido aceitação crescente. Para estes autores o empreendedorismo, como uma área de negócios, procura

compreender de que forma surgem as oportunidades para criar algo novo (novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas, novas formas de utilizar tecnologias existente), mas também perceber como são descobertas ou criadas essas oportunidades, incluindo a utilização de meios para as explorar ou desenvolver (Baron & Shane, 2007).

Para a Comissão Europeia (2003) o empreendedorismo é acima de tudo “uma atitude mental que engloba a motivação e a capacidade de um indivíduo, isolado ou integrado numa organização, para identificar uma oportunidade e para concretizar com o objectivo de produzir um determinado valor ou resultado económico”. Neste sentido, a Comissão Europeia (2003) atribui importância ao empreendedorismo devido ao seu contributo para: i) a criação de empregos, ii) o crescimento económico, iii) a melhoria da competitividade, iv) o aproveitamento do potencial dos indivíduos, v) a exploração dos interesses da sociedade, nomeadamente a protecção do ambiente, produção de serviços de saúde, serviços de educação e segurança social.

Na visão de Bygrave (2004) citado por Rosário (2007) um empreendedor é aquele que aproveita uma oportunidade para criar o seu negócio. Este autor defende que existem três fatores críticos na criação de um negócio: o individual, o ambiental e o social. Os fatores individuais estão relacionados com a realização pessoal, a exposição a riscos, os valores, a educação e a experiência, por sua vez, os fatores ambientais prendem-se com a oportunidade e a criatividade, e por último, os fatores sociológicos refletem-se na família e redes de contactos.

De acordo com Dolabela (2006) o empreendedor é alguém capaz de sonhar e de transformar o seu sonho em realidade, assim como de gerar e distribuir riquezas, impulsionando através da inovação, a economia e contribuindo de forma sustentável para o crescimento económico (Saes & Pita, 2007).

O empreendedorismo, numa perspetiva de gestão, procura saber como as oportunidades de criar novos produtos ou serviços surgem e são descobertas ou criadas por indivíduos específicos, os empreendedores. Estes usam diversos meios para explorá-las ou desenvolvê-las, produzindo uma vasta gama de efeitos (Baron & Shane, 2007). Sarkar (2010) simplifica o conceito e considera que o empreendedorismo é um processo de criação e/ou expansão de negócios inovadores ou negócios que provêm de oportunidades identificadas.

O projeto GEM (2007) – Global Entrepreneurship Monitor, define empreendedorismo como “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio, por parte de um indivíduo, de uma equipa de indivíduos, ou de negócios estabelecidos”.

No presente estudo, o empreendedorismo é o estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com a criação de uma empresa. Uma definição bastante mais restrita do que a maioria das definições atuais, no entanto enfatiza alguns aspetos importantes do empreendedorismo, envolvendo o perfil e capacidade empreendedora dos indivíduos e o processo de criação de novos negócios. Importa referir que neste trabalho, não se irá distinguir o

empreendedorismo induzido pela oportunidade ou pela necessidade² e não serão abordadas as novas atividades económicas criadas por indivíduos dentro de empresas já existentes, o intra-empreendedorismo, embora estes também sejam considerados empreendedores (Domínguez, 2002) citado por Gaspar (2006).

1.2. Caracterização do empreendedor

Neste estudo, a caracterização dos atributos que contribuem para a formação do perfil empreendedor tem especial importância, pois permite compreender se o empreendedorismo pode ou não ser ensinado (Moreira, 2009). É necessária uma rigorosa definição das características que constituem o perfil empreendedor de forma a caracterizar o empreendedor diferenciando-o de outros indivíduos (Moreira, 2009). No entanto, vários autores salientam a dificuldade de definir as características de um empreendedor (Pylro, 2002; Schumpeter, 1978; Filion, 1999) citados por Moreira (2009).

Autores como Bygrave e Minniti (2000) mencionam que os indivíduos nascem com um conjunto de características que determinam a sua propensão para o empreendedorismo, no entanto, Ede, Bhagaban e Calcich (1998) argumentam que o empreendedorismo pode ser aprendido, pois não se trata de um perfil genético. Para Dolabela (2006), todos os indivíduos nascem empreendedores, pois a espécie humana é empreendedora. Segundo Dornelas (2003) os empreendedores, sejam eles de qualquer tipo, intra-empreendedor, empreendedor de *start-up* ou empreendedores sociais, são indivíduos que se destacam no meio onde desenvolvem a sua atividade e o seu comportamento e atitudes devem ser compreendidos e adquiridos.

De acordo com a teoria base comportamental, o objetivo centra-se na identificação das características de comportamento de indivíduos que criaram empresas (Moreira, 2009). Reber (2001) testou esta teoria e verificou que existem comportamentos e traços na personalidade únicos para o sucesso dos empreendedores.

O perfil psicológico do empreendedor tem sido amplamente estudado por vários autores, nomeadamente David McClelland, Professor de Psicologia da Universidade de Harvard que iniciou a contribuição das ciências do comportamento para o estudo do empreendedorismo (McClelland, 1967). Segundo este autor, o indivíduo empreendedor tem uma estrutura motivacional diferenciada pela presença marcante de uma necessidade específica: a necessidade de realização. Indivíduos motivados pela necessidade de realização depositam muita energia no aperfeiçoamento e no progresso constantes das próprias ações, têm gosto por resolver tarefas que se traduzam num desafio para as próprias capacidades e procuram soluções que originem sentimentos de competência pessoal. Estes fatores são essenciais para se ter sucesso no mundo dos negócios.

² Empreendedorismo induzido pela oportunidade resulta da vontade de aproveitar, por iniciativa própria, uma possibilidade de negócio existente no mercado, através da criação de uma empresa. Empreendedorismo induzido pela necessidade resulta da ausência de outras oportunidades de obtenção de rendimentos que leva à criação de uma empresa, dado não existirem melhores alternativas (GEM, 2010).

Em 1987, David McClelland defende que a iniciativa, a identificação de oportunidades, a capacidade de comunicação, a orientação eficaz, a preocupação com a qualidade do trabalho, o planeamento sistemático, a monitorização, o cumprimento do contrato de trabalho e o reconhecimento das relações nos negócios, como as nove características que distinguem os empreendedores com muito sucesso dos empreendedores medianos (McClelland, 1987).

Por seu lado, Timmons (1989) afirma que o empreendedor de sucesso deve ser uma pessoa que tem um elevado nível de criatividade e inovação, assim como capacidades de gestão. Em outro estudo do mesmo autor, este alega que as características inatas como a energia e a inteligência pura são importantes, no entanto defende que os empreendedores podem ser feitos, ou seja, certas atitudes e comportamentos podem ser adquiridos, desenvolvidos, praticados e refinados através do estudo e da experiência (Timmons & Spinelli, 2009). Este autor define as principais características dos empreendedores como sendo: iniciativa e energia, autoconfiança, pensar a longo prazo, vêem o dinheiro como indicador de desempenho, perseverança, determinação nos objetivos, assumem riscos moderados, atitude positiva diante do fracasso, importância de *feedback* sobre o seu comportamento, possuem conhecimentos sobre a procura e utilização de recursos, não consentem a imposição de padrões, suportam a ambiguidade e a incerteza (Timmons, 1994) citado por Moreira (2009).

De acordo com Fillion (1999), o indivíduo que possui as características necessárias de um empreendedor, tem a capacidade de adquirir competências para a criação, desenvolvimento e realização do seu projeto. Este autor realça as seguintes características comportamentais do perfil empreendedor: inovação, otimismo, liderança, iniciativa, flexibilidade, independência, tolerância à ambiguidade e incerteza, orientação para os resultados, assunção do risco, capacidade de aprendizagem, habilidade para conduzir situações, criatividade, necessidade de realização, sensibilidade aos outros, autoconsciência, agressividade, confiança, originalidade, envolvimento a longo prazo, dinheiro encarado como indicador de desempenho (Fillion, 1999) citado por Moreira (2009).

Domínguez (2002) citado por Gaspar (2006), conclui que o perfil do empreendedor se caracteriza por: perspicácia, pro-atividade, ambição e paixão, autoconfiança, propensão para o risco, capacidade para captar conhecimento através da experiência, capacidade para minimizar a complexidade, ser orientado para objetivos, criativo e original.

Através da análise de dados reunidos pelo *Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership*, Henderson (2002) salienta dois tipos de empreendedores: *lifestyle* e alto crescimento. No primeiro tipo, o empreendedorismo abarca a comunidade local favorecendo o aumento da qualidade de vida, e no segundo tipo, há a tendência para a criação de empresas maiores em termos de dimensão e de visibilidade.

Através da análise de vários estudos psicológicos, Hansemark (2003) identificou alguns traços característicos do perfil empreendedor, tais como: o grau de adaptabilidade e impulsividade, a intensidade de desejo de independência e a necessidade de realização.

Mais recentemente, Chiavenato (2005) define o empreendedor como um indivíduo com sensibilidade para os negócios e capaz de identificar oportunidades, de forma a conseguir converter ideias em realidade com sucesso. Para Dolabela (2006) o empreendedor de sucesso é aquele que possui características como a iniciativa, o otimismo, a autoconfiança e a necessidade de realização. Para este autor, o empreendedor é intuitivo na definição dos seus objetivos e no seu alcance, sendo um indivíduo que assume o fracasso como uma oportunidade. Ahmetoglu, Leutner e Chamorro-Premuzic (2011) estudaram o perfil da personalidade empreendedora de acordo com as quatro dimensões de Ahmetoglu e Chamorro-Premuzic (2010): consciência empreendedora, criatividade, oportunismo e visão, confirmando-se que estes aspetos são de grande importância na definição do perfil empreendedor.

Embora haja características pessoais e aptidões frequentemente presentes nos empreendedores, até agora não existe consenso relativamente a uma combinação ideal de traços, experiências e aptidões adquiridas que favoreçam o perfil de um empreendedor (Hisrich & Peters, 2004). Segundo Drucker (1987), “muito do que se ouve sobre empreendedorismo está errado. Não é nada de mágico; não é mistério; e não tem nada a ver com genes. É uma disciplina, e como uma disciplina, pode ser aprendida.”

Assim, é possível afirmar que os empreendedores podem ser formados, no sentido em que as características que distinguem um empreendedor poderão ser estimuladas e adquiridas, ou seja, a cultura, a educação e as políticas públicas podem ser promotoras do empreendedorismo.

Os empreendedores têm a capacidade de identificar oportunidades e de anteciparem problemas, sendo imprescindíveis para o sucesso de uma organização (Filion, 1991) citado por Ribeiro, Vilas Boas, Oliveira e Magalhães (2010).

De notar que o estudo do empreendedorismo e do empreendedor está fortemente relacionado com as atitudes que, por sua vez, se traduzem nas ações que definem os comportamentos empreendedores (Cerizza & Vilpoux, 2006). Assim, conclui-se que características como a motivação para a realização, a independência, a autodisciplina, a capacidade de criatividade e inovação, a propensão para assumir riscos num ambiente de incertezas e a autoconfiança são citadas como determinantes no comportamento empreendedor, e dessa forma serão alvo de análise neste estudo.

1.3. Fatores de envolvente que fomentam o empreendedorismo

Para além dos fatores psicológicos do empreendedor que determinam a sua capacidade empreendedora, o empreendedorismo é influenciado por fatores ambientais, fatores sociodemográficos e fatores de formação, tais como a envolvente social, política, cultural, económica, infraestrutural (Almeida, 2003).

Ao nível ambiental, o empreendedorismo é influenciado pelas alterações das condições na envolvente, tais como as recessões económicas, o fraco/forte crescimento económico, as

transformações tecnológicas, as mudanças organizacionais, assim como um ambiente propício e facilitador ao nível económico e político (Almeida, 2003). Segundo Drucker (1985), a inovação é o motor de desenvolvimento do empreendedorismo e emerge devido a vários fatores, tais como a ocorrência de factos não previstos, incoerências, mudanças industriais e de mercado, modificações demográficas e expansão de conhecimentos.

Assim, existe um conjunto de fatores ambientais que fomentam o empreendedorismo, tais como o sistema de apoio social e familiar, as fontes de financiamento, os *stakeholders*³, a comunidade local, as agências públicas e a envolvente cultural, política e económica (Almeida, 2003).

A envolvente social e cultura é um fator muito importante para o empreendedorismo, visto que um comportamento empreendedor individual ou em grupo, é um fenómeno social. Os comportamentos dos empreendedores afirmam-se perante uma referência indireta a outro indivíduo, grupo, sociedade ou cultura (Almeida, 2003). Segundo McClelland (1967), a capacidade empreendedora, seja inata ou adquirida, é dependente da envolvente social. Segundo Poutsma (1997) citado por Almeida (2003), o empreendedorismo é estimulado a nível local devido a fatores, tais como: a existência de micro e pequenas empresas que geram redes de cooperação informal através da partilha de valores sociais e culturais; uma estrutura económica baseada em empresas familiares; e a existência de “empreendedores comunitários” que impulsionam a economia a nível local e regional.

Se ser empreendedor for visto como algo positivo num determinado ambiente, o indivíduo terá mais motivação para criar o seu próprio negócio (Dolabela, 2006).

De acordo com Fillion (1991) citado por Ribeiro et al. (2010), as famílias onde existe um empreendedor, têm maior probabilidade de originar novos empreendedores, visto que estes costumam ter um modelo que admiram e imitam.

Os empreendedores podem ser vistos como uma ameaça ou um concorrente para alguns homens de negócios, no entanto, para outros, pode ser visto como um aliado, um cliente ou alguém que cria riqueza para outros, produz postos de trabalho e reduz o desperdício através da otimização da utilização de recursos (Hisrich & Peters, 2004).

O fracasso empresarial é um fator cultural que pode ser inibidor do empreendedorismo. Na Europa em geral e em Portugal em particular, existe um estigma social em relação à falência. Nos EUA, o falhanço é visto como parte do processo de aprendizagem e o empreendedor tem a possibilidade de recomeçar, enquanto na Europa o acesso a financiamento para uma nova empresa é dificultado. Assim, a perceção sobre risco é alterado e o papel do empreendedor na sociedade adulterado (Almeida, 2003).

³ *Stakeholders* correspondem a todos os envolvidos e interessados num processo/organização e podem ser os trabalhadores, os clientes, os fornecedores, por exemplo.

1.4. Importância do empreendedorismo

O empreendedorismo está atualmente no centro da discussão dos principais agentes políticos e económicos, pois permite a criação de novas empresas ou o desenvolvimento de algo novo numa empresa existente, o que está diretamente relacionado com o crescimento económico de um país.

Cada vez mais, o empreendedorismo é visto como um meio de desenvolvimento das sociedades em termos de criação de emprego, da promoção da criatividade e inovação, e da competitividade, contribuindo ao nível da responsabilidade social (Eurobarometer, 2009). Também a Comissão Europeia (2003) atribui importância ao empreendedorismo para o desenvolvimento económico e social de um país através da criação de novas empresas, em particular das PME – Pequenas e Médias Empresas.

Segundo Timmons e Spinelli (2009) “O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a Revolução Industrial foi para o século XX.” De acordo com Gonçalves (2009), a importância do empreendedorismo é incontestável visto contribuir para a mobilização de recursos necessários visando o desenvolvimento de uma economia, para o fomento do emprego, para a promoção da inovação nos produtos, serviços e técnicas, e para a dinamização de carreiras profissionais associadas a uma mobilidade social que cruza universidades e empresas.

Os autores Bruce e Kirchoff (1989) e Reynolds e Maki (1991) afirmam que nem sempre existe uma relação entre a criação de empresas e o crescimento económico, apesar de concluírem que é mais frequente o contrário. Mais recentemente, segundo vários autores existe uma relação estatisticamente significativa entre a constituição de empresas e o crescimento do PIB de um país (Arzeni & Pellegrin, 1997; Tang & Koveos, 2004). Carter, Gartner e Shaver (2003) corroboram esta afirmação e vão mais longe, afirmando que a criação de novas empresas representa entre um quarto e um terço do crescimento económico de um país industrializado. Henderson (2002) é mais específico e menciona que o empreendedorismo representa cerca de um terço do crescimento económico e esta tendência aumentaria nos países dependentes do comércio internacional.

No entanto, autores como Audretsch e Fritsch (2002) comprovam que não existe uma relação entre empreendedorismo e crescimento económico de um país e Van Stel, Carree e Thurik (2005) demonstram que a relação entre empreendedorismo e crescimento económico é influenciada pelo rendimento *per capita* de cada país.

O aumento da investigação sobre empreendedorismo acaba por ser um reconhecimento da importância que este assume no desenvolvimento das economias, como já era referenciado por Schumpeter há mais de 50 anos (Gaspar, 2003).

Segundo Gaspar e Pinho (2007), a importância atribuída pela literatura a este fenómeno abrange quatro aspetos principais: i) a criação de emprego, incluindo o autoemprego; ii) a importância das jovens empresas para a inovação; iii) a contribuição da criação de empresas para a criação de riqueza e para o desenvolvimento da economia e da sociedade; iv) a opção de carreira para uma parte significativa da força de trabalho.

De seguida, serão analisados cada um destes aspetos individualmente.

Relativamente à criação de empregos, no estudo de Reynolds, Storey e Westhead (1994) no qual procedem à comparação de taxas de criação de novas empresas em vários países, concluem que nos EUA e na Suécia, as PME's foram responsáveis pela criação de cerca de metade dos empregos criados durante um período de seis anos. Reforçando esta ideia, Henderson (2002) afirma que as PME's são responsáveis por $\frac{3}{4}$ dos novos empregos criados nos EUA.

Assim, segundo Lago, Oliveira, Cabral, Cheng e Filion (2005) é inegável a importância das PME's na economia de um país, visto estas gerarem uma grande parte dos empregos, das exportações e do PIB de um país. Para estes autores, o empreendedorismo é visto como um fator determinante no desenvolvimento de PME's e no crescimento económico sustentável, através da geração de empregos e da criação de oportunidades para toda a sociedade (Lago et al., 2005).

Esta nova economia, formada por PME's, teve origem entre a década de 70 e o início da década de 90 tendo ocorrido em variados países desenvolvidos, tais como os EUA, a Alemanha, o Reino Unido e a Itália, tornou-se um fenómeno identificado em diversos estudos (Acs & Audretsch, 2003; Brock & Evans, 1989; Loveman & Sengenberger, 1991; Thurik, 1999).

Segundo os estudos de Audretsch e Thurik (2001), Romer (1994) e Lucas (1988), nesta nova economia, o conhecimento torna-se uma fonte de vantagem competitiva substituindo os fatores de produção tradicionais, tais como o capital e a mão-de-obra não qualificada.

De acordo com Dolabela (2006), através da inovação, o empreendedor impulsiona a economia e torna-se o responsável pelo crescimento económico e pelo desenvolvimento social. Para este autor, o empreendedorismo é a melhor arma contra o desemprego.

Em relação à importância das jovens empresas para a inovação na economia, já Schumpeter (1942 e 1984) citado por Fontenele (2010) afirmava que o empreendedor, ao associar inovações e novas tecnologias, contribuía para a substituição de produtos e processos ultrapassados. Na visão deste autor, para além de colaborar no avanço e desenvolvimento da economia e da sociedade, o empreendedor exerce uma função essencial na evolução da vida empresarial e na substituição de empresas já instaladas por novas organizações com capacidade de usufruir das inovações.

Reynolds (1999) confirma que a “destruição criativa” e o crescimento económico estão relacionados. Em 1994, o mesmo autor confirma a importância das jovens empresas para a inovação na economia, pela quantidade de patentes registadas a favor das novas empresas e pelos desafios que representam às empresas já instaladas (Reynolds, 1994).

A relação entre a inovação e o desenvolvimento económico tem sido reforçada ao longo do tempo. Alguns estudos, indicam que as empresas inovadoras através do progresso tecnológico, foram responsáveis por 90% dos empregos nos últimos vinte anos e do crescimento da economia nos EUA (Lago et al., 2005). Em muitos países, o sucesso e crescimento de PME's estão ligados à inovação (Schacht, 2010).

Arend (1999) acrescenta que na década de 80 do século passado, as PME's investiram mais em I&D do que as grandes empresas, visto estas não se interessarem por explorar as inovações devido aos custos e riscos associados à mudança.

De acordo com a terceira razão que justifica a importância do empreendedorismo, a contribuição da criação de empresas para a criação de riqueza e para o desenvolvimento da economia e da sociedade, Reynolds, Storey e Westhead (1994) e Reynolds e Maki (1991) afirmam que a criação de empresas e o crescimento económico andam quase sempre acompanhados. Carter, et al. (2003) declaram que, em muitos países industrializados, o aparecimento de novos negócios explica quase um terço da variação no crescimento económico de um país, apesar de, segundo Henderson (2002) citado por Gaspar e Pinho (2007), a relação entre empreendedorismo e o crescimento económico ser mais forte em países que dependem mais do comércio internacional.

Por sua vez, Arzeni e Pellegrin (1997) e Tang e Koveos (2004) acrescentam que existe uma relação estatisticamente significativa entre a criação de novas empresas e o crescimento económico.

A Comissão Europeia (2003) avança afirmando que os países com maior iniciativa empreendedora têm tendência para taxas de desemprego menores e que o empreendedorismo contribui para o crescimento económico, fortalecendo a coesão económica através do incremento da actividade económica e da criação de emprego.

Relativamente ao último aspeto, a opção de carreira para uma parte significativa da força de trabalho, esta razão é analisada por Douglas e Shepherd (1999) na medida em que essa escolha é feita tendo por base o benefício que o empreendedor espera de cada opção: constituir a sua empresa ou manter o atual emprego. A decisão de carreira como empreendedor irá depender das compensações daí resultantes, dos riscos a assumir, do esforço exigido, da autonomia na tomada de decisões e das condições de trabalho.

Carter, et al. (2003) prosseguem afirmando que os indivíduos que decidirem por uma carreira de empreendedor importam-se menos ao reconhecimento social.

Henderson (2002) declara que os trabalhadores por conta própria norte-americanos usufruem de uma remuneração superior em 1/3 do que os assalariados e aqueles que criaram uma empresa ainda usufruem de mais.

De acordo com Gaspar e Pinho (2007), os fatores enumerados justificam a importância do empreendedorismo, demonstrando este ser essencial ao nível do desenvolvimento económico e social sustentado de um país, o que reforça a afirmação do prémio Nobel Hayek (1974) citado por Gaspar e Pinho (2007) de que o empreendedorismo é a chave para o desenvolvimento das nações.

Desta forma, encontra-se justificado o presente estudo sobre o tema.

Capítulo II

O empreendedorismo em Portugal

2.1. Evolução do empreendedorismo em Portugal

Ao longo da História de Portugal reconhecem-se cenários de glórias e feitos, mas também de dificuldades que foram ultrapassadas através de engenho e criatividade. Neste sentido, é possível afirmar que o empreendedorismo sempre existiu na essência daqueles que se empenharam em transformar os seus desejos em realidade com as suas próprias mãos. De facto, os portugueses sempre foram empreendedores e terão necessidade de continuar a sê-lo, para se afirmarem num mercado global à escala mundial, em contante mutação e de grande competitividade (Mendes et al., 2011).

De acordo com Gaspar (2006), a investigação e estudos realizados sobre empreendedorismo em Portugal são reduzidos. Num dos artigos mais antigos foram estudadas as motivações para o empreendedorismo em quinze países, incluindo Portugal (Jesuíno, Reis, & Cruz, 1988). Os resultados mostram que, metade dos empreendedores portugueses inquiridos são motivados pela independência, um quarto pela segurança e bem-estar da família e, outro quarto, pela aprovação social. Quase uma década depois, Pereira (2001) desenvolveu um projeto de investigação sobre a representação social do empresário e os fatores que influenciam a criação de empresas. Neste estudo o autor conclui que os fatores influenciadores do empreendedorismo em Portugal são: a realização pessoal, a independência, a necessidade de aprovação, a necessidade de promoção social e a segurança familiar. Relativamente às representações sociais, o empresário é valorizado por criar postos de trabalho, desenvolver o país e permitir melhores condições de vida. O empresário é visto pelos próprios, como o mais importante agente da sociedade, e pelos não empresários, o mais importante da sociedade a seguir ao Governo. Gonçalves (2000) desenvolveu um estudo com base num questionário com o objetivo de caracterizar o perfil dos empreendedores e das sociedades criadas e do perfil dos empreendedores, pertencentes à rede de Centros de Formalidade de Empresas. Os resultados alcançados mostram que a maior parte das empresas criadas (83%) são micro empresas sob a forma de sociedades por quotas e não fazem intenção de exportar a curto prazo. Verificou-se, por outro lado, que o tipo de empresas criadas depende mais do sector de atividade em que se insere, do que do volume de atividade ou da região. Quanto ao perfil dos empreendedores, concluiu-se que a maior parte dos empreendedores são indivíduos do sexo masculino, entre os 25 e 35 anos, com o ensino secundário completo e que mais de 70% possuem empresários na família.

Em 2001, de forma a analisar o nível de empreendedorismo e a sua relação com o crescimento económico, Portugal aderiu à iniciativa do GEM. Os estudos deste projeto traduzem-se numa referência mundial no estudo e monitorização da evolução do empreendedorismo (Saraiva, 2011). O relatório do GEM de 2001 reconhece que os níveis de empreendedorismo em Portugal são bastante inferiores à média europeia, e está ainda longe de outras referências de empreendedorismo, como

nos EUA. Verificou-se também que em Portugal a percentagem de mulheres envolvidas na atividade empreendedora era a mais baixa (Mendes et al., 2011).

Também em 2001, a SPI - Sociedade Portuguesa de Inovação efetuou uma investigação sobre o empreendedorismo em Portugal, analisando comparativamente Portugal e os EUA ao nível das redes de incubadoras e do ensino do empreendedorismo (SPI, 2001). Neste estudo, concluiu-se que, devido aos apoios de programas nacionais e da UE, existe uma boa base de incubadoras em Portugal dispersas por todo o país e implantadas em comunidades de menores dimensões, situação muito similar ao padrão inicial dos EUA que, entretanto, foi modificado devido à expansão das empresas. Em relação ao ensino, este estudo permite concluir que este campo é muito importante em Portugal visto não existir uma cultura de propensão ao empreendedorismo, situação diferente da verificada nos EUA.

Em 2003, Carvalho (2003) identificou algumas das razões que podem justificar um nível de empreendedorismo baixo em Portugal utilizando os dados do GEM 2001. Este autor aponta as razões geográficas, históricas, de educação, culturais e económicas. Reforça também a ideia de que Portugal deve apostar na formação em empreendedorismo de forma a impulsionar a sua economia, assim como numa alteração da cultura dominante na sociedade em relação ao empreendedor.

Segundo Braga (2003), num estudo realizado tendo por base o Relatório de Desenvolvimento Humano 2001 da ONU, conclui-se que, em Portugal, o índice de acesso ao conhecimento é o mais baixo em comparação com os outros países da UE a 15, e que o índice de criação de novos conhecimentos mostra que Portugal é uma das economias com menor capacidade de inovação na UE.

De forma a analisar os motivos que influenciam as diferenças na criação e encerramento de novas empresas em várias regiões, Gaspar (2004) efetuou um estudo nesse sentido e concluiu que a criação e encerramento de empresas se encontra muito concentrada em Lisboa e Porto, ao contrário do outras zonas do país, principalmente o interior, em que se verifica uma fraca dinâmica empreendedora.

Os relatórios do GEM referentes ao estudo realizado em 2007 revelam que existem 4 principais fraquezas que limitam a atividade empreendedora em Portugal (Ferreira, Santos, & Serra, 2010): i) as barreiras ao acesso a capitais e a falta de informação referente aos meios de financiamento disponíveis, ii) a instabilidade das políticas industriais, das estratégias de desenvolvimento nacional e dos programas de apoio do governo, iii) a falta de maior desenvolvimento dos serviços comerciais e profissionais, iv) o sistema educativo que não valoriza a cooperação, não habilita os estudantes para identificar oportunidades emergentes, nem promove o pensamento criativo e inovador, e por outro lado, não responde às necessidades do mundo de trabalho, não fomentando o espírito empreendedor. O IAPMEI - Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação também tem realizado estudos em volta do fenómeno do empreendedorismo em Portugal. De acordo com os dados recolhidos em 2007, a maioria das empresas inquiridas tinham como objetivo desenvolver a sua atividade principal nos serviços (40,4%), comércio (26,3%), construção (14,3%) e turismo (11,3%). A

maioria dos empreendedores portugueses são homens e jovens com uma média de idade entre os 37 anos. Em relação às habilitações académicas, verifica-se que estas diferem em função do sector de atividade, sendo que as mulheres têm tendência para registarem níveis académicos mais elevados do que os homens. Um facto importante que este estudo registou foi que 12,8% dos novos empresários encontravam-se em situação de desemprego e o empreendedorismo foi a melhor solução para ultrapassar essa situação conjuntural (IAPMEI, 2008).

Redford (2008) conclui que o norte de Portugal, tradicionalmente visto como o coração da produção do país, é muitas vezes referenciado como sendo mais empreendedor do que o resto do país. O norte acolhe também importantes associações de empresários, a AEP - Associação Empresarial de Portugal e a ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários, que dão formação para empresários. Para aquele autor, a vontade sentida pelo indivíduo português em ser empreendedor, faz da promoção do empreendedorismo um imperativo económico muito importante, mas também demonstra a necessidade de os decisores políticos e organizações abordarem a questão no contexto da coesão social e satisfação da população (Redford, 2008).

Por seu turno, Ribeiro, Fernandes, Matos e Cabo (2011) incidiram a análise sobre 65 empresas portuguesas e concluíram que a maioria dos empreendedores é do sexo masculino (70,8%), com idade média de 44,7 anos e possuem o 9º ano de escolaridade (65,4%). Os empreendedores inquiridos atuam nos sectores do comércio, da restauração e da construção civil, sendo que antes de constituírem o próprio negócio, a maioria trabalhava por conta de outrem (83,1%). Os autores concluíram que as empresas estudadas contribuem positivamente para o desenvolvimento local ao empregarem, em média, 5 trabalhadores e cerca de metade das empresas atingem um volume de negócios de 100 mil euros.

2.2. Situação atual: indutores e barreiras ao empreendedorismo em Portugal

Os efeitos da crise económico-financeira internacional têm prejudicado significativamente a economia portuguesa, em particular ao nível da taxa de desemprego e das condições de funcionamento da atividade económica. Neste contexto, a promoção de um espírito empreendedor não é mais uma opção, mas antes uma necessidade inadiável (Sarkar, 2010).

Atualmente, Portugal depara-se com uma crise económica sem precedentes e necessita de encontrar soluções para os problemas e as dificuldades por que estão a passar os agentes da economia e a população em geral. De forma a reestruturar o país, são apontados como fatores fundamentais a inovação, a criação de valor e o empreendedorismo (Mendes et al., 2011).

Neste sentido, o empreendedorismo traz claras vantagens, tais como a criação de novos empregos e negócios inovadores, tornando-se um motor do crescimento económico e do emprego (GEM, 2007).

Um país empreendedor é aquele que oferece oportunidades e infraestruturas de forma a apoiar o empreendedor a criar e gerir o seu negócio (Ferreira et al., 2010). Assim, pretende-se examinar as

características ambientais que influenciam a capacidade empreendedora através de uma análise dos indutores e barreiras ao empreendedorismo em Portugal.

O GEM é responsável pela realização de um dos maiores estudos anuais independentes sobre empreendedorismo a nível mundial, procurando analisar a relação entre o nível de empreendedorismo e o nível de crescimento económico, assim como os indutores e barreiras às dinâmicas empreendedoras em cada país que participa no estudo (GEM, 2010).

Numa análise ao estudo do GEM, efetuado em 2010, conclui-se que a TEA – Taxa de Atividade Empreendedora⁴ é de 4,5%, sendo a nona mais baixa entre os 59 países que participaram no estudo e por cada 100 portugueses existiam entre 4 a 5 novos empresários. Esta situação contrasta com o mesmo estudo realizado em 2007, altura em que o país registava praticamente o dobro do nível de empreendedorismo atual, onde nove em cada 100 portugueses eram empreendedores e a TEA atingia os 8,8%. Segundo o GEM (2010), a TEA nos países da UE regista uma média de 5,2%, valor acima da fasquia nacional. No entanto, Portugal não é o único país a perder a capacidade empreendedora desde 2007, a Espanha, Itália e Dinamarca registaram uma quebra na sua TEA, em comparação com os valores atingidos em 2007, apresentando em 2010, resultados abaixo da média alcançada por Portugal.

Quanto aos sectores da economia, Portugal aposta no sector direcionado para o consumidor final, registando 54% de empreendedores, enquanto a indústria, transporte, comunicações e distribuição grossista, apresentam-se na lista como as restantes áreas de maior investimento para os empreendedores portugueses (GEM, 2010).

Ainda segundo este estudo, em 2010 o número de empreendedores do sexo masculino correspondia ao dobro do número de empreendedores do sexo feminino, conclusão que corrobora com outros estudos referidos anteriormente. Também são mais os homens que assumem possuir competências e conhecimentos necessários para criar um negócio, em comparação com as mulheres.

O mesmo estudo, GEM (2010), regista ainda que mais de 50% dos empreendedores criaram negócios motivados pela oportunidade e 31,1% o fizeram por necessidade ou para assegurar o seu autoemprego. Quanto à perceção dos empreendedores portugueses face à concorrência, 60% dos empreendedores assumem que existem muitos outros negócios que oferecem produtos ou serviços similares, enquanto apenas cerca de 15% acreditam que não existem negócios concorrentes, e aproximadamente 30% dos empreendedores portugueses afirmam utilizar novas tecnologias. O mesmo estudo refere que cerca de 62% dos negócios empreendedores portugueses são dirigidos aos clientes internacionais, o que representa uma ligeira diminuição em relação a 2007, mas superior à média europeia (GEM, 2010).

⁴ A TEA mede a proporção de indivíduos adultos (com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos) envolvidos quer num negócio em fase nascente (negócio que proporcionou remuneração salarial por um período não superior a 3 meses), quer na gestão de um novo negócio (negócio que proporcionou remuneração salarial por um período não inferior a 3 meses e não superior a 3,5 anos) (GEM, 2010).

O GEM (2010) assinala ainda as condições estruturais do empreendedorismo em Portugal. Como indutores do empreendedorismo foram identificadas a qualidade do apoio das infraestruturas físicas, ao nível de estradas e comunicações, assim como, a quantidade existente de fornecedores de serviços e de consultores à disposição das empresas novas. As barreiras ao empreendedorismo estão relacionadas com a cultura nacional, na medida em que existe uma falta de estímulo ao êxito individual, conseguido através do esforço próprio, a ainda os obstáculos ao desenvolvimento da atividade empreendedora em Portugal, como a existência de um excesso de burocracia e de carga fiscal. No entanto, ainda são enumerados outros dois aspetos importantes: a dificuldade de acesso a financiamento por parte das novas empresas, apesar de existir uma crescente dinamização da comunidade *Business Angels* em Portugal; e o aumento do nível da educação em empreendedorismo no ensino superior, apesar da pouca atenção dada ao empreendedorismo no ensino primário e secundário.

O GEM (2010) faz referência a mais dois estudos importantes: o GCI – Global Competitiveness Index e o GEDI – Global Entrepreneurship and Development Index. O GCI (2011-2012) contou com a participação de 139 países e o estudo do índice assenta em doze pilares: (1) instituições, (2) infraestruturas, (3) ambiente macroeconómico, (4) saúde e educação primária, (5) educação superior e formação profissional, (6) eficiência do mercado de bens, (7) eficiência do mercado de trabalho, (8) sofisticação do mercado financeiro, (9) prontidão tecnológica, (10) tamanho do mercado, (11) sofisticação dos negócios, (12) inovação. De acordo com este estudo, Portugal ficou na 46ª posição a nível mundial em termos de competitividade e na 26ª posição entre os países do GEM.

O GEDI é um índice que tem como objetivo analisar o impacto do empreendedorismo na economia dos vários países envolvidos (Zoltán & László, 2010). Este estudo contou com a participação de 71 países, decorreu entre os anos 2002 e 2009 e resulta da interação entre atitude empreendedora, atividade empreendedora e aspiração empreendedora. As suas conclusões mostram que Portugal tem um posicionamento mais favorável ao nível da atitude empreendedora, o que significa que a postura da população face ao empreendedorismo está orientada para a capacidade de assumir riscos, de estabelecer relações com pessoas empreendedoras, de atribuir reconhecimento aos empreendedores e possuir as competências necessárias para a criação e desenvolvimento do negócio. Portugal obtém o pior resultado ao nível da atividade empreendedora, o que está relacionado com a criação de negócios no sector das novas tecnologias por empreendedores qualificados e motivados pela oportunidade. Este estudo salienta a internacionalização como um ponto forte que Portugal deve aproveitar, realçando o resultado de negócios empreendedores que apresentam clientes internacionais. Um dos pontos fracos assinalados passa pelo sector tecnológico, o que significa que durante o período em análise, verificou-se um reduzido número de novos negócios associados ao sector de média/alta tecnologia e um baixo nível de disponibilidade para a nova tecnologia mundial. Outro ponto fraco ou de melhoria para Portugal, está ao nível da inovação, visto a geração de novos produtos ser bastante reduzida e os empreendedores (GEM, 2010).

No estudo do Eurobarometer (2009), elaborado pela Comissão Europeia, sobre a atividade empreendedora onde participaram 36 países, 51% dos portugueses referem que preferiam ter o seu próprio negócio, valor acima da média europeia que é de 45%, no entanto, o desejo de ser dono do seu próprio negócio desceu entre 2002 e 2009 cerca de 20% em Portugal. Este estudo adianta que para Portugal atingir a taxa de crescimento médio da UE num prazo de 20 anos, a economia portuguesa deve crescer a uma taxa de 3,86% ao ano. Para atingir este crescimento, Portugal deve conseguir uma TAE de 9%, o que significa que o empreendedorismo seria responsável por cerca de 40% do crescimento.

2.3. Considerações gerais sobre Portugal e o empreendedorismo

Desde a Segunda Guerra Mundial, Portugal passou por vários cenários muito prósperos e conseguiu, inclusive, a ultrapassar o crescimento dos seus congéneres europeus. No entanto, as alterações desencadeadas pelo alargamento à CEE (na altura), assim como a adesão ao Euro num mercado aberto e globalizado à escala mundial, forçaram mudanças significativas em Portugal (Mendes et al., 2011).

De acordo com Mendes et al. (2011), apesar de Portugal fazer parte da UE, deveria ter mantido uma linha estratégica de continuação, de desenvolvimento e crescimento económico, ao contrário daquilo que se assiste atualmente em Portugal, onde a crise poderá levar à estagnação do país e ao encerramento de muitas empresas, que consequentemente incitará à emigração partindo os portugueses em busca de uma vida melhor.

Segundo Sarkar (2010), Portugal não se preparou convenientemente para o salto tecnológico e demonstrou grande vulnerabilidade à concorrência quando, países emergentes como a China e a Índia, concorriam diretamente e conseguiam adquirir conhecimentos que lhes concederam vantagens competitivas. Para este autor, Portugal deve apresentar-se ao mundo como um local propício para o IDE - Investimento Direto Estrangeiro sugerindo vantagens ao nível da produtividade e inovação. Para se atingir esta situação, é necessário existir flexibilidade e capacidade de adaptação das empresas portuguesas face à constante mutação no comércio mundial.

Mendes et al. (2011) assinalam vários aspetos e soluções para Portugal contornar o fraco crescimento económico e a tendência crescente da taxa de desemprego. Assim, Portugal deve apresentar-se como um paraíso aos empreendedores ambiciosos e através de novas iniciativas empresariais, criar emprego e perspectivas de futuro.

Um primeiro aspeto apontado é a inovação empresarial, na medida em que Portugal deve desenvolver produtos ou serviços inovadores, pois é dela que depende a capacidade competitiva e a criação sustentada de emprego de qualidade, assim como a coesão social.

Outro fator importante é a mudança de mentalidade face ao empreendedorismo, assim como uma redefinição de estratégias e a criação de incentivos reais de apoio ao empreendedorismo, visto serem necessárias condições mais atrativas para a criação de empresas, a nível financeiro e legal.

Ao nível da cultura nacional, os autores realçam o facto de ser essencial elevar o conceito de empreendedorismo e expandi-lo ao quotidiano profissional dos portugueses, de forma a reduzir a aversão ao risco e permitir aos empreendedores portugueses mostrarem que se pode aprender mesmo com o fracasso. No entanto, a falta de cultura de empreendedorismo em Portugal pode ser vista como uma oportunidade, obtendo-se vantagens ao nível de mercados potenciais e em ascensão, e da melhoria do processo de criação de empresas.

Os autores apontam várias áreas em que Portugal deve aproveitar para criar empresas e criar valor acrescentado, tais como: área tecnológica, da saúde, da agricultura de qualidade, da energia, do mar, do turismo e da indústria de produtos de qualidade.

Outro fator mencionado pelos autores é a exportação, na medida em que Portugal deve continuar a exportar, como já acontece com algumas empresas nacionais que são reconhecidas no exterior pela sua capacidade de inovação e de diferenciação.

O capital humano é outro aspeto assinalado pelos autores, pois as capacidades e competências dos portugueses são cada vez melhores, tornando-se fundamentais para o desenvolvimento de projetos com potencial de inovação. Por outro lado, apesar do aumento das habilitações, os salários são bastante baixos em Portugal, o que poderá levar a uma procura de oportunidades para empreender e atingir a autorrealização no plano financeiro.

Os mesmos autores defendem ainda uma nova estratégia de desenvolvimento económico para Portugal assente na competitividade e na produtividade, através de um programa de mudança a longo prazo que beneficie o contexto empresarial português e o desenvolvimento de uma capacidade inovadora.

Em suma, os autores consideram que Portugal tem quatro grandes tarefas ao nível da promoção do empreendedorismo e da competitividade na economia global: i) melhorar a eficiência e o seu peso na economia através de mais benefícios para os empreendedores e população em geral; ii) melhorar o sistema de educação através da formação em qualidade e quantidade que corresponda aos perfis adequados ao desenvolvimento do empreendedorismo; iii) fomentar a inovação empresarial através da criação de um sistema de inovação; iv) criar condições jurídicas, fiscais e de financiamento de novas empresas de base tecnológica⁵, que são imprescindíveis para concorrer a nível mundial.

De acordo com Caetano (2012), a promoção e melhoria do empreendedorismo e o fomento da iniciativa privada são desafios atuais para Portugal, que se encontra confrontado com a necessidade

⁵ Uma empresa de base tecnológica corresponde a uma empresa que reúne algumas das seguintes características: i) um valor elevado em atividades de investigação & desenvolvimento em relação ao volume de vendas; ii) a nova atividade a realizar baseia-se na exploração económica de tecnologias desenvolvidas por centros de investigação e ou empresas; iii) a base da atividade a realizar é a aplicação de patentes, licenças de exploração ou outra forma de conhecimento tecnológico, preferencialmente de forma exclusiva e protegida, e iv) converte o conhecimento tecnológico em novos produtos ou processos a serem comercializados no mercado (Ministério da Economia e Inovação, 2009).

de traçar um novo modelo de desenvolvimento económico baseado no conhecimento, tecnologia e inovação, através da criação de valor em produtos e serviços transacionáveis.

Segundo Gaspar e Pinho (2007), os objetivos estratégicos prioritários de Portugal devem basear-se na formação, no apoio, na promoção e no fomento da iniciativa e de uma cultura empreendedora, de forma a impulsionar o seu desenvolvimento económico e social.

Pelo seu lado, o GEM (2010) adverte que, para Portugal aproveitar os seus pontos fortes ao nível do empreendedorismo, nomeadamente a internacionalização, deve ultrapassar as suas fraquezas. Assim, este estudo aponta o desenvolvimento do sector tecnológico e a capacidade da apresentação de novos produtos no mercado, como fatores essenciais a colocar em prática de forma a fomentar a dinâmica empreendedora baseada na criação de empresas inovadoras e de alto valor acrescentado.

Em termos gerais pode concluir-se que vão emergindo mais incubadoras e parques de ciência e tecnologia, surgindo mais apoios financeiros e benefícios fiscais, e vão sendo construídas infraestruturas de apoio à atividade económica, de forma a auxiliar a criação de novas empresas. No entanto, existem países e regiões mais propícios ao empreendedorismo e, nesse sentido, Portugal deve melhorar as condições nacionais através de mecanismos de apoio ao empreendedorismo e de incentivo à criação de empresas, visto o empreendedorismo estimular a inovação e o crescimento, que a longo prazo, beneficiam a saúde económica de um país (Ferreira, Reis, & Serra, 2009).

Capítulo III

Empreendedorismo no ensino

3.1. A relevância do empreendedorismo no ensino

A economia da maioria dos países, inclusivamente Portugal, não consegue gerar empregos suficientes para os jovens que atingem idade adulta e assiste-se, em simultâneo, a um envelhecimento da população. Assim, a taxa de desemprego de 15,8% registada atualmente em Portugal, sendo que 39% do total é desemprego jovem (entre os 15 e os 24 anos) e 15,7% do total corresponde aos desempregados licenciados, segundo dados do INE (2012) - Instituto Nacional de Estatística, traduz-se no grande desafio da sociedade e do governo português (Duarte & Esperança, 2012).

Em 2007, o MCTES – Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior no primeiro relatório sobre o desemprego em diplomados do ensino superior conclui que a situação de procura do primeiro emprego é maior que nos desempregados com habilitação superior em comparação com o total de desempregados e que os desempregados com habilitação superior correspondem a uma estrutura etária mais jovem do que a do total de desempregados (Vieira, 2012). Deste modo, é essencial encarar o desemprego como uma oportunidade de gerar o próprio emprego, de inovar e gerar riqueza e capacidade de assumir riscos em ambientes instáveis, pois são estes os valores sociais capazes de guiar Portugal ao desenvolvimento (Duarte & Esperança, 2012).

A aprendizagem ao longo da vida que surge como solução para permitir obter competências necessárias, de forma a sobreviver numa economia empreendedora, num ambiente marcado por crescente instabilidade e incerteza. Existem atitudes e competências empreendedoras importantes para o exercício de uma atividade profissional como para a vida quotidiana, tais como a criatividade, o espírito de iniciativa, a capacidade de decisão e o bom senso.

No passado, os sistemas de educação não promoviam o desenvolvimento do espírito empreendedor, baseando-se apenas na produção de realização pessoal através da educação de nível superior, do emprego e da estabilidade financeira. No entanto, nos últimos anos e cada vez mais, o empreendedorismo deve ser considerado um motor de crescimento de um país, e verifica-se a necessidade de apoio no desenvolvimento de iniciativas promovendo a cultura empreendedora através da criatividade, inovação e da capacidade de assumir riscos (Duarte & Esperança, 2012).

O desenvolvimento de uma atitude e comportamento empreendedor devem ser promovidos nos indivíduos desde os primeiros anos de ensino, visto que a maior parte dos indivíduos não nasce empreendedor, e ao longo do processo de ensino, devem ser fornecidas as qualificações e competências técnicas e empreendedoras necessárias, contribuindo para o espírito empreendedor que se traduz numa atitude geral que pode ser útil a qualquer indivíduo na vida quotidiana e em qualquer área de estudo (Duarte & Esperança, 2012).

Para Duarte e Esperança (2012), é necessário dar importância a dois fatores no ensino para o desenvolvimento do espírito empreendedor: i) a educação para o desenvolvimento de atitudes e competências empreendedoras através do desenvolvimento de qualidade pessoais, ii) uma formação específica direcionada para a criação e gestão de uma empresa.

O empreendedorismo qualificado⁶ tem assumido particular importância na competitividade económica de um país. Um empreendedor deve ter competências intelectuais e técnicas para sobreviver num mercado global, o que implica qualificação, capacidade de inovação, domínio das TIC -Tecnologias de Informação e Comunicação, competências ao nível da I&D - Investigação e Desenvolvimento e consciência das responsabilidades sociais (Leite & Oliveira, 2007). De facto, o empreendedorismo qualificado é uma das principais lacunas de Portugal. De acordo com Leite e Oliveira (2007), apenas 21% dos empreendedores nacionais possuem habilitações literárias ao nível do ensino superior. Nesse sentido, em Portugal têm surgido vários programas de incentivo ao empreendedorismo qualificado com o objetivo de apoiar projetos de investimento para a criação de empresas dotadas de recursos humanos qualificados e que desenvolvam atividades em sectores com fortes dinâmicas de crescimento, contribuindo para a alteração do perfil produtivo nacional.

3.2. Empreendedorismo no ensino superior: revisão da literatura

Através da revisão da literatura sobre este tema, verifica-se que existe um número limitado de estudos sobre a propensão para o empreendedorismo dos estudantes, mas suficientes para se formar uma perspetiva global sobre este fenómeno a nível internacional e nacional.

As instituições de Ensino Superior sempre tiveram um papel importante enquanto motores do empreendedorismo. Existem vários casos de universidades consideradas exemplos da dinâmica empreendedora e, conseqüentemente, do desenvolvimento económico. Um desses exemplos é o MIT - Massachussets Institute of Technology, situado em Boston, em que antigos alunos e professores fundaram mais de 5000 empresas, empregando cerca de 1,1 milhões de pessoas, registando vendas anuais superiores a 230 biliões de dólares. Esta universidade consegue gerar receitas correspondentes a 1,5 vezes superiores ao PIB português (Sarkar, 2010).

De uma forma geral e numa primeira análise da Tabela 1, apesar da heterogeneidade das amostras e da população-alvo, existem diferenças notáveis entre os estudantes americanos, verificando-se uma maior intenção empreendedora nestes. Apesar de as oportunidades existirem em todas as áreas do ensino, a maior propensão ao empreendedorismo dos estudantes universitários regista-se nos cursos ou escolas de negócios, sendo por esse motivo que a maioria dos estudos são realizados em estudantes das áreas empresariais (Teixeira & Davey, 2008).

⁶ O empreendedorismo qualificado corresponde à criação de empresas, incluindo as atividades nos primeiros anos de desenvolvimento, dotadas de recursos qualificados ou em sectores com fortes dinâmicas de crescimento (Ministério da Economia e Inovação, 2009).

Tabela 1: Estudos internacionais sobre a intenção empreendedora dos estudantes

Autor	Grau de ensino	Área de formação	País	Número de estudantes	Intenção empreendedora
Scott e Twomey (1988)	Licenciados	Áreas Empresariais	EUA	-	24,6%
			Irlanda		34,3%
			Reino Unido		40,7%
Timmons e Spinelli (2009)	Licenciados	Escola de Negócios de Harvard	EUA	-	90,0%
Kolvereid (1996)	Mestres	Áreas Empresariais	Noruega	303	37,6%
Kourilsky e Walstad (1998)	Ensino secundário	Não especificado	EUA	917	66,9%
Henderson e Robertson (2000)	Licenciados e mestres	Áreas Empresariais	Reino Unido	138	23,2%
Oakey, Mukhtar e Kipling (2002)	Licenciados e mestres	Áreas Tecnológicas (Engenharia e Ciências)	Reino Unido	247	17,0%
Lüthje e Franke (2003)	Licenciados	Escola de Engenharia MIT	EUA	512	54,6%
Franke e Lüthje (2004)	Licenciados	Áreas Empresariais	EUA (MIT)	147	49,6%
			Áustria	408	36,2%
			Alemanha	295	25,4%
Gürol e Atsan (2006)	Licenciados	Áreas Empresariais	Turquia	400	18,0%
Klapper e Léger-Jarniou (2006)	Licenciados	Áreas Empresariais e Engenharia	França	538	25%

Fonte: Adaptado de Rosário (2007) e Teixeira e Davey (2008).

De uma forma mais pormenorizada, verifica-se um aumento da intenção empreendedora ao longo dos tempos nos EUA. De acordo com o estudo de Scott e Twomey (1988), na década de oitenta do século XX, 24,6% dos estudantes universitários americanos tinham como objetivo a criação do seu próprio negócio, enquanto na década de 90, segundo o estudo de Timmons e Spinelli (2009) refere resultados de um estudo realizado a 1994 em que 90% dos licenciados da Escola de Negócios de Harvard tinham intenção empreendedora, e segundo Kourilsky e Walstad (1998), 66,9% partilham do mesmo objetivo. Mais recentemente, no estudo realizado por Lüthje e Franke (2003) cerca de 54,6% dos licenciados da Escola de Engenharia do MIT tinham como finalidade a criação do seu próprio negócio após a conclusão dos estudos.

Na Europa, os valores registados em estudos do género são bastante mais baixos. Do estudo de Scott e Twomey (1988), conclui-se que a percentagem dos licenciados que têm propensão para o empreendedorismo é de 40,7% no Reino Unido e 34,3% na Irlanda. Na Noruega, o estudo de Kolvereid (1996) direccionou-se para os alunos de mestrados em áreas empresariais, registando uma taxa de 37,6% face à intenção empreendedora destes alunos. No Reino Unido, o estudo de Henderson e Robertson (2000) teve como população-alvo estudantes de licenciaturas e mestrados em áreas empresariais e concluiu que 23,2% tinham como objetivo a constituição do seu próprio negócio, no entanto, num estudo realizado a alunos de licenciatura e mestrado em áreas tecnológicas, o valor baixa para 17% (Oakey, Mukhtar, & Kipling, 2002). De acordo com o estudo de Franke e Lüthje (2004), face aos 49,6% da intenção empreendedora registada em licenciados americanos, metade (25,4%) corresponde à percentagem assinalada na Alemanha e 36,2% na Áustria. Em 2006, Gürol e Atsan (2006) avaliaram o perfil empreendedor dos alunos turcos de licenciaturas em áreas empresariais e concluíram que apenas 18% tinham como desejo a criação do seu próprio negócio. No mesmo ano, Klapper e Léger-Jarniou (2006) direccionaram o estudo para os alunos franceses de licenciaturas em áreas empresariais e engenharia e concluíram que 25% apresentam propensão ao empreendedorismo.

Em Portugal, os estudos sobre a intenção empreendedora dos estudantes universitários são mais recentes e registam valores que não diferem significativamente, por comparação com os valores analisados na UE, de acordo com a Tabela 2.

Segundo o estudo de Rosário (2007), que englobou 14 Faculdades da Universidade do Porto, a taxa de propensão ao empreendedorismo dos alunos finalistas fixou-se em 26,5%. Este autor conclui que apesar de se verificar um número significativo de estudantes que pretendem criar o seu próprio negócio, estes apresentam uma inadequada preparação em gestão direccionada para o empreendedorismo, e que os alunos do sexo masculino são mais propensos ao empreendedorismo do que as alunas.

Para uma multiplicidade de 60 cursos da Universidade do Porto, Teixeira e Forte (2008) verificaram que 27% dos estudantes do último ano pretendem que a sua carreira passe pelo empreendedorismo, através da intenção de criarem um negócio próprio, sendo que a menor taxa foi registada no curso de Psicologia e a maior em Veterinária.

De acordo com o estudo levado a cabo por Teixeira (2008a), a intenção empreendedora dos alunos das áreas da Química e Farmácia é de 26,5%, verificando-se uma taxa bastante elevada nos cursos de Farmácia e Ciência Química (35%) e uma taxa mais baixa no curso de Engenharia Química (15%). Apesar destes resultados positivos, um número significativos de estudantes reconhecem que o curso não conseguiu fornecer-lhes os conhecimentos e as ferramentas necessários para iniciarem um negócio. O potencial empreendedor é maioritariamente do sexo masculino, com idade compreendida entre os 26 e os 30 anos e com experiência profissional. Neste estudo, o risco emerge como sendo determinante no potencial empreendedor dos alunos inquiridos.

Tabela 2: Estudos nacionais sobre a intenção empreendedora dos estudantes

Autor	Grau de ensino	Área de formação	País	Número de estudantes	Intenção empreendedora
Rosário (2007)	Licenciados (finalistas)	Vários	Portugal	2423	26,5%
Teixeira e Forte (2008)	Licenciados (finalistas)	Vários	Portugal	2430	27%
Teixeira (2008a)	Licenciados (finalistas)	Vários	Portugal	3761	26,5%
Teixeira (2008b)	Licenciados (finalistas)	Áreas Empresariais e Engenharia	Portugal	985	24,7%
Teixeira e Davey (2008)	Licenciados	Vários	Portugal	4413	35%
Redford (2008)	Licenciados	Vários	Portugal	802	16,1%
Parreira, Pereira e Brito (2011)	Licenciados	Vários	Portugal	6532	18,7%
Moreira (2011)	Licenciados	Ciências sociais	Portugal	464	12% ¹
Pinho e Gaspar (2012)	Licenciados (finalistas)	Vários	Portugal	264	74%

Fonte: Adaptado de Teixeira e Davey (2008).

¹ Efetivamente criaram uma empresa.

A mesma autora realizou o mesmo estudo mas em estudantes das áreas empresariais e engenharia (Teixeira, 2008b). O resultado vai de encontro com os valores verificados em países da UE, apresentando uma taxa de 24,7% relativamente aos alunos que têm o objetivo de criar um negócio próprio. A autora conclui que também nesta área de estudo, os alunos assumem que têm uma preparação inadequada e insuficiente ao nível da gestão.

No estudo realizado por Teixeira e Davey (2008), um dos maiores estudos a este nível, mostra-se que a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior é de 35%. Apesar deste valor ser superior à média europeia, os autores concluem que os estudantes apresentam uma elevada aversão ao risco, níveis de criatividade relativamente baixos e reduzido conhecimento do processo empresarial. Os estudantes inquiridos apontam ainda a possibilidade de realização pessoal e independência como fatores de preferência pela criação de um negócio, ao mesmo tempo que afirmam que o empreendedorismo poderia ser promovido se a escola os colocasse em contacto com a rede necessária para criar um negócio e os alunos empreendedores em contacto uns com os outros. De acordo com o estudo, as áreas onde se verifica maior taxa de propensão ao empreendedorismo são economia e gestão, ao contrário da área da saúde, onde se verifica a taxa mais baixa.

No estudo de Redford (2008), 16,1% dos estudantes têm intenção de criar um negócio próprio após a conclusão do curso, no entanto 63,7% acredita na possibilidade de um dia atingir esse objetivo. No

entanto, apenas 17% dos estudantes inquiridos acreditam que o sistema de ensino português promove o espírito empreendedor e incentiva a criação de empresas.

O estudo de Parreira, Pereira e Brito (2011) baseou-se numa amostra de estudantes de dezassete instituições de Ensino Superior Politécnico, distribuídos pelos vários anos de licenciatura englobados em quatro áreas científicas: saúde, tecnológicas, gestão e ciências sociais. Os resultados obtidos revelam uma percentagem de 18,7% relativamente aos estudantes que têm como desejo vir a trabalhar por conta própria, verificando-se uma maior taxa nos estudantes de gestão que contrasta com a menor taxa registada nos estudantes da área da saúde. Os autores concluíram também que existe uma grande disponibilidade dos estudantes para prosseguirem uma atividade empreendedora por conta própria (60,9% dos estudantes inquiridos). Nos estudantes de saúde, a atividade empreendedora é percecionada como menos atrativa, enquanto os estudantes de gestão são aqueles que assumem uma melhor preparação proporcionada pelo curso para serem autónomos.

O estudo de Moreira (2009, 2011) realizado no âmbito do projeto MeIntegra⁷ e inclui os licenciados na área das ciências sociais que terminaram o curso há cerca de 5 anos. Os resultados demonstram que 12% dos inquiridos são empreendedores e são motivados pelas dificuldades de inserção no mercado de trabalho na área de formação, a falta de empresas na área e a atração pela autonomia e independência. Os empresários recém-licenciados são maioritariamente do sexo masculino, solteiros, com mais de 25 anos, pertencem aos cursos de Gestão e de Comunicação Social e apontam a experiência profissional anterior como um fator que desperta a intenção empreendedora.

O estudo de Pinho e Gaspar (2012) destaca uma elevada percentagem de estudantes que declara que gostaria de criar a sua própria empresa (74%). Os autores indicam fatores tais como, mais de 50% dos estudantes inquiridos possuem empresários na família, o tecido socioeconómico em que se insere o Instituto Politécnico de Santarém e o clima propenso ao empreendedorismo criado em cada escola, como sendo determinantes para a obtenção deste resultado.

De acordo com Saraiva (2011), são ainda menos de 25% dos alunos do Ensino Superior em Portugal, que declaram considerar projetos empreendedores como possibilidade, sendo que destes 25%, a maioria revela que tal acontecerá apenas no longo prazo e na falta de opções de trabalho por conta de outrem.

Em Portugal, apesar de todos os avanços registados, especialmente nos Institutos Politécnicos, existe ainda muito a fazer, de forma a intensificar a atitude empreendedora nos alunos universitários.

O estudo realizado por Santos, Caetano e Curral (2010) tem como objetivo contribuir para a análise das atitudes dos estudantes universitários face ao empreendedorismo sistematizando e operacionalizando as características individuais que se distinguem relativamente à capacidade empreendedora. Assim, a capacidade empreendedora corresponde às características psicológicas

⁷ O projeto MeIntegra (Mercados e Estratégias de Inserção de Jovens Licenciados) consistiu num estudo sobre a temática da inserção profissional dos jovens licenciados, promovido pela Universidade do Minho (Centro de Investigação em Ciências Sociais), no âmbito do Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social (POEFDS), co-financiado pelo FSE – Fundo Social Europeu e pelo Estado Português (Moreira, 2009).

diferenciadoras do indivíduo empreendedor. Segundo os autores, essas características podem ser agrupadas em 4 dimensões: motivações empreendedoras (desejo de independência e motivação económica), competências psicológicas (capacidade de inovação, inteligência emocional⁸ e resiliência), competências sociais (capacidade de comunicação e persuasão, capacidade para desenvolver uma rede social) e competências de gestão (visão, capacidade para mobilizar recursos, capacidade para liderar, autoeficácia empreendedora⁹). O estudo envolveu 521 estudantes universitários portugueses pertencentes a variadas áreas de formação e concluiu que os estudantes da área de Ciências Sociais, Ciências da Saúde, Ciências da Gestão e Ciências das Tecnologias apresentam diferentes níveis de capacidade empreendedora, sendo que existem diferenças estatisticamente significativas nos valores médios das sub-dimensões de desejo de independência, motivação económica, capacidade de inovação, capacidade de comunicação e persuasão, capacidade para mobilizar recursos, capacidade de liderança e autoeficácia empreendedora. Os estudantes apresentam também diferenças significativas entre os valores médios das 4 dimensões indicadas. Os autores concluíram ainda que os estudantes da Ciências da Gestão e Ciências Sociais são os que apresentam um índice de capacidade empreendedora mais elevado e os estudantes de Ciências da Saúde um índice mais reduzido.

3.3. Propostas e iniciativas para uma educação empreendedora

De acordo com o estudo realizado no âmbito do Projecto EMPRENDE + INNOVA (2006), a estrutura universitária dos países do SUDOE (Sudoeste da Europa, onde se inclui Portugal) não está preparada para responder aos pedidos e necessidades do mundo do trabalho, ou seja, o sistema educacional não está orientado de forma a desenvolver o empreendedorismo. É imperativo a focalização dos esforços no sistema educativo, a todos os níveis de ensino, enquanto local privilegiado de criação e reforço do espírito empreendedor.

Segundo a Comissão Europeia (2004), “a educação e a formação para o desenvolvimento do espírito empreendedor encontram-se integradas na estratégia da Comissão Europeia e são hoje amplamente reconhecidas como fatores determinantes para o desenvolvimento económico e cultural em toda a Europa”. Neste sentido, Portugal deverá beneficiar desta estratégia de estímulo e de desenvolvimento da atitude empreendedora na Europa de forma a incrementá-la e tornar-se importante no desenvolvimento económico europeu (Mendes et al., 2011).

A educação é fundamental para Portugal ser protagonista de desenvolvimento e deve basear-se em seis princípios, sendo eles: a autonomia, a inovação, a participação, a flexibilidade, a mudança, e a cooperação (Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2006).

⁸ Capacidade para perceber, interpretar e gerir adequadamente as emoções do próprio e na relação com os outros (Santos et al., 2010).

⁹ A autoeficácia nos empreendedores é fundamental, uma vez que estes devem ser confiantes quanto às suas capacidades para desempenhar diferentes tarefas e antecipar situações (Santos et al., 2010).

De acordo com Mendes et al. (2011), é imprescindível conceber um ambiente onde o estudante possa aprender, pensar e agir de forma autónoma através de uma aprendizagem que inclua atividades experimentais, de reflexão e de trabalho em grupo, em que o próprio estudante pesquisa, investiga, seleciona, planeia e executa. Este tipo de aprendizagem deve ser facilitado pela introdução e divulgação da cultura empreendedora entre os estudantes, em que os comportamentos e atitudes de colaboração e assunção de responsabilidades são promovidos. Para estes autores, as autoridades públicas, nomeadamente o Ministério da Educação e Ciência e o Ministério da Economia e do Emprego, têm a obrigação de, por um lado, fomentar o empreendedorismo apontando-o como uma solução viável e sustentada para o crescimento económico e para o desemprego, e por outro lado, promover a cooperação entre as instituições de ensino e as empresas (Comissão Europeia, 2006). De facto, é fundamental assegurar que o ensino do empreendedorismo seja transversal às instituições de ensino básico, profissional e superior, visto que as atitudes e os valores culturais formam-se desde os primeiros anos de vida das crianças (Mendes et al., 2011). Torna-se imperativo a criação de uma rede capaz de potenciar o capital humano e social através da inovação em todas as áreas de atuação e tendo como objetivo o indivíduo desde o seu primeiro ano de aprendizagem (Mendes et al., 2011).

Desta forma, conclui-se que o sistema educativo português pode e deve colaborar para superar com sucesso o desafio do ensino para o empreendedorismo e promover e fomentar os valores do empreendedorismo nos futuros empreendedores. O incentivo à iniciativa individual e à criação do próprio emprego deve partir do ensino e da formação para o empreendedorismo, contribuindo para o desenvolvimento da economia portuguesa e para uma mudança de atitudes e comportamentos (Mendes et al., 2011). Reconhece-se, assim, a importância de promover e desenvolver nos estudantes o espírito empreendedor e das qualidades associadas a esse espírito, tais como a criatividade, a capacidade de iniciativa e a inovação (Mendes et al., 2011).

De acordo com Abranja (2008), o ensino de empreendedorismo em Portugal tem sofrido alterações significativas nos últimos anos. As instituições de ensino superior que casualmente fomentavam este fenómeno, alteraram a sua postura e passaram a incluir disciplinas associadas ao empreendedorismo, estágios, criação de gabinetes de apoio ao empreendedorismo e criação de incubadoras de ideias. No entanto, segundo o autor, ainda se mantém uma metodologia demasiado teórica, sendo o ensino do empreendedorismo baseado principalmente na elaboração de planos de negócios, não dando importância às componentes comportamental e organizacional. O ensino do empreendedorismo em Portugal verifica-se apenas nas licenciaturas dos cursos de gestão de empresas, enquanto em níveis mais avançados (pós-graduações, mestrados ou especializações) verifica-se uma tendência crescente para o ensino do empreendedorismo (Abranja, 2008).

Numa sociedade do conhecimento, em que a constante inovação tecnológica e científica faz com que os saberes e as competências se tornem obsoletos, as Instituições de Ensino Superior deparam-se com o desafio de proporcionarem o desenvolvimento da empregabilidade dos seus diplomados (Vieira, 2012).

No ensino superior português existem várias realidades distintas: o ensino universitário (público e privado) e o ensino politécnico (público e privado). No entanto, até à década de setenta do século XX, o ensino superior português era constituído pelo ensino universitário distribuído geograficamente por Lisboa, Porto e Coimbra. A expansão regional do ensino superior dá-se através da reforma de Veiga Simão em 1973, na altura Ministro da Educação, com a criação de vários institutos politécnicos por todo o país, inclusivamente nos centros urbanos referidos anteriormente (Vieira, 2012). Devido à revolução de Abril de 1974, a afirmação do ensino superior politécnico em Portugal deu-se em 1979, através da substituição da expressão “ensino superior de curta duração” por “ensino superior politécnico” e dando relevância à sua lógica profissionalizante que se diferencia das características teóricas do ensino universitário (Magalhães, 2004) citado por Vieira (2012), e ano a partir do qual, se verificou um aumento da oferta formativa de nível superior permitindo um maior acesso da população a este nível de ensino (Vieira, 2012).

Atualmente é notória a preocupação com a empregabilidade dos diplomados do ensino superior. De facto, em simultâneo com o crescimento do número de estudantes do ensino superior, manifesta-se um fenómeno novo: o desemprego dos diplomados do ensino superior (Vieira, 2012). Neste contexto, as instituições de ensino funcionam como uma réplica da vida que influencia o desenvolvimento vocacional dos indivíduos, no entanto, apesar de se reconhecer que o sucesso académico e o sucesso profissional fazem parte das preocupações políticas e de gestão no âmbito do ensino superior, de acordo com o estudo de Vieira (2012) a análise da qualidade deste nível de ensino superior tem tendência em focar-se em dimensões pedagógicas, em aspetos tangíveis e científicos, afastando a dimensão do desenvolvimento vocacional dos estudantes do ensino superior. De acordo com Parreira et al. (2011), Portugal registou avanços que favorecem a criatividade e a inovação entre os estudantes do ensino superior, ao nível de uma maior frequência do ensino superior da população entre os 18 e os 24 anos, que se traduz num acréscimo de cerca de 37%, ao nível do aumento de 10% dos investigadores nacionais alcançando o número de 8 investigadores por cada 1000 indivíduos na população ativa, e ao nível do aparecimento de incubadoras, ainda que muito direccionadas para áreas tecnológicas.

Com o intuito de criar um ambiente propício a empreender, as Universidades e Politécnicos devem proporcionar um ambiente que permita desenvolver capacidades individuais, sociais e de liderança, impulsionar competências pessoais e organizacionais, fomentar a inovação e investigação, formar indivíduos em empreendedorismo, dispor de equipamentos e estruturas de apoio à transferência de tecnologia e conhecimento, e promover parcerias com entidades e empresas. Em 2010, de forma a avançar no sentido de criar esse ambiente favorável ao empreendedorismo, foram criados gabinetes de promoção do empreendedorismo em todos os Institutos Politécnicos através de um compromisso com MCTES, com a finalidade de criar uma cultura e espírito empreendedor no seio destas instituições (Parreira et al., 2011).

Neste sentido, foi desenvolvida uma iniciativa conjunta dos Institutos Politécnicos denominada por Poliemprende, que tem como objetivo desenvolver o empreendedorismo no Ensino Superior

Politécnico através de um concurso de ideias regional e nacional, em que são avaliados e premiados projetos desenvolvidos e apresentados por estes estudantes. É um programa relevante para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de estudantes ou diplomados, ao nível da criação de empresas inovadoras, tecnológicas, competitivas e geradoras de empregos e ao nível da participação ativa em redes nacionais e internacionais de empreendedorismo (Parreira et al., 2011).

O programa Poliempreende pretende fomentar o espírito de iniciativa e a vontade de empreender que leva à criação do próprio negócio e de postos de trabalho, através do carácter prático e profissionalizante deste tipo de ensino. Acima de tudo, o Poliempreende pretende promover a mudança de atitudes dos estudantes face ao empreendedorismo (9' Poliempreende, 2011).

O Poliempreende teve origem no Instituto Politécnico de Castelo Branco, em 2003, e rapidamente chegou aos Politécnicos da Guarda e de Viseu, sendo que nesta altura, o objetivo passava apenas por desenvolver o empreendedorismo entre os estudantes. Entretanto, o ensino superior politécnico teve consciência de que o empreendedorismo deveria ser promovido internamente e, em 2007, a participação no Poliempreende estendeu-se aos restantes Politécnicos. Em 2008, através de uma coordenação rotativa iniciada pelo Politécnico de Coimbra, verificaram-se as adesões de algumas Escolas não integradas e dos Politécnicos integrados nas Universidades de Aveiro e do Algarve.

Em 2010, o Poliempreende é visto como um projeto nacional que contribui para o desenvolvimento nacional dando especial ênfase no desenvolvimento de projetos regionais. Como se observa na Figura 1, a informação é transformada em conhecimento e o conhecimento transformado em competências, e o processo de empreender transforma competências em capacidades (Almeida, 2003).

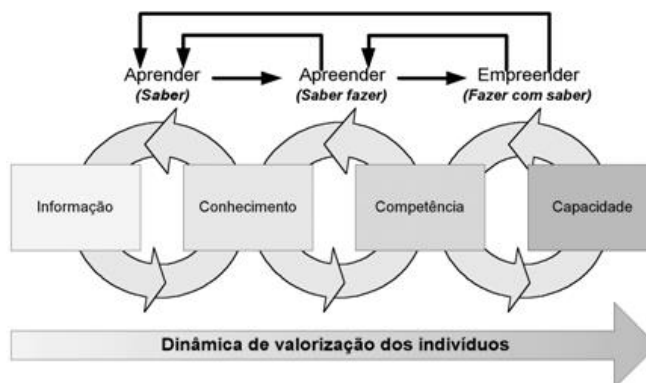


Figura 1: A dinâmica de valorização dos indivíduos
Fonte: Felizardo (1997) citado por Almeida (2003).

O Poliempreende converte-se num programa que dá apoio, desde o incutir a criatividade e inovação nos estudantes, até à constituição do próprio negócio, o seu acompanhamento e monitorização de forma a reduzir a taxa de mortalidade das empresas¹⁰, pois a sua maioria extingue-se antes de

¹⁰ A taxa de mortalidade das empresas em Portugal situava-se nos 17,71% em 2009 segundo (INE, 2012).

completar dois anos de existência (INE, 2012). O apoio é efetuado através de oficinas de empreendedorismo que facultam formação específica para incentivar o surgimento de ideias de negócio e formação que permita desenvolver um plano de negócios, seminários e outros eventos que preparam os estudantes para o mundo empresarial. Numa primeira fase, os projetos apresentados pelos estudantes ou diplomados são avaliados a nível regional, sendo os vencedores, numa segunda fase, sujeitos a um concurso nacional, em que são premiados três projetos. Os vencedores têm a possibilidade de concretizar o seu projetos, constituindo a própria empresa e contribuindo para o desenvolvimento socioeconómico das regiões onde os Politécnicos se inserem (Parreira et al., 2011).

Tabela 3: Balanço das atividades do Poliempreende

Ano letivo	Nº de projetos	Docentes nas equipas	Alunos	Diplomados	Empresas criadas	Patentes	Empresas em criação
2003-2004	24	0	62	0	0	0	0
2004-2005	5	0	18	0	1	0	0
2005-2006	8	3	20	0	1	0	0
2006-2007	17	1	43	0	3	0	0
2007-2008	78	17	223	15	9	4	12
2008-2009	170	33	532	51	8	6	24
2009-2010	154	57	571	59	10	49	26
Total	454	108	1469	125	32	59	

Fonte: Parreira et al. (2011).

De acordo com os resultados do Poliempreende apresentados na Tabela 3, ao longo dos anos verifica-se um aumento dos indivíduos envolvidos, principalmente a partir do momento em que participam docentes e diplomados. No total, através do Poliempreende já foram criadas 32 empresas e registadas 59 patentes.

Segundo os autores Parreira et al. (2011), o Poliempreende está a atingir os seus objetivos, pois para além dos resultados numéricos, contempla uma mudança de atitude e mentalidade nos estudantes do ensino superior politécnico. De facto, está a ser introduzida nos planos de estudos de muitas instituições do ensino superior politécnico, a formação em empreendedorismo.

Na sequência do êxito obtido, o futuro do Poliempreende passa pela expansão a todas as escolas politécnicas não integradas e pretende dar continuidade a um processo de internacionalização através de uma parceria com o Instituto de Macau (Parreira et al., 2011). Assim, o Poliempreende pretende ser uma referência no empreendedorismo nacional ao apoiar o desenvolvimento das regiões onde as instituições se encontram e ao nível nacional, de forma a contribuir para a criação de riqueza no país (Parreira et al., 2011).

Capítulo IV

Metodologia do estudo

4.1. Objetivos do estudo

O presente estudo tem um caráter exploratório e usa uma abordagem quantitativa segundo o método de inquérito por questionário. Pretende-se com esta investigação avaliar a intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP do Porto e identificar os fatores que a influenciam. Nesse sentido, serão avaliados vários fatores determinantes para a criação de uma empresa, sendo que estes podem ser agrupados em fatores sociodemográficos, de formação, ambientais e psicológicos.

Os objetivos específicos do presente estudo são:

- a) Avaliar a intenção empreendedora a curto e a médio/longo prazo dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto;
- b) Analisar em que medida a intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto varia em função de fatores sociodemográficos e da sua área de formação;
- c) Compreender até que ponto os riscos e os entraves percebidos pelos estudantes de duas escolas do IP Porto estão associados à sua intenção empreendedora;
- d) Procurar perceber qual a perceção dos estudantes finalistas de duas escolas o IP do Porto sobre o sistema educativo português face ao empreendedorismo e em que níveis escolares devem os conhecimentos básicos serem ensinados necessários;
- e) Identificar os fatores psicológicos que mais explicam a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto.

4.2. Recolha de dados

Para a constituição do universo do estudo foram selecionadas duas escolas do Politécnico do Porto, sendo uma delas, o ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e, a outra, a ESTSP – Escola Superior de Tecnologia de Saúde do Porto. Estas escolas foram escolhidas por ministrarem cursos na área das ciências empresariais e na área da saúde, respetivamente. Como se pretende analisar os projetos futuros dos estudantes, foram apenas incluídos na população-alvo os estudantes finalistas das escolas referidas, ou seja, aqueles que se encontram no 3º ano das licenciaturas do ISCAP e no 4º ano das licenciaturas da ESTSP. Os cursos foram selecionados aleatoriamente. Assim, o universo global do estudo é constituído por 1248 estudantes, sendo que 803 são os finalistas matriculados no ISCAP no ano letivo de 2011/2012 e 445 os finalistas matriculados na ESTSP no mesmo ano letivo.

A recolha de dados foi realizada presencialmente em sala de aula e operacionalizada após autorização da Presidente do IP do Porto e das autorizações dos Presidentes de cada escola inquirida, tendo decorrido entre o mês de Maio e o mês de Julho de 2012, de acordo com as Tabelas

4 e 5. No ISCAP foram visitadas turmas aleatoriamente de acordo com os horários disponibilizados e distribuídos e recolhidos os inquéritos no início das aulas com autorização do docente da cadeira. Na ESTSP foi necessário um agendamento prévio com os docentes das cadeiras, visto a maioria dos estudantes se encontrarem em estágio.

Tabela 4: Mapa da recolha de dados no ISCAP

Cursos Dias	17/05	21/05	22/05	24/05	25/05	30/05	05/06	TOTAL
Contabilidade e Administração			35		26	6	21	88
Marketing			25	29				54
Comunicação Empresarial		26					5	31
Assessoria e Tradução		17			14			31
Comércio Internacional	16	6						22
TOTAL	16	49	60	29	40	6	26	226

Tabela 5: Mapa da recolha de dados na ESTSP

Cursos Dias	06/06	19/06	25/06	02/07	17/07	TOTAL
Farmácia				42		42
Cardiopneumologia	12	13				25
Medicina Nuclear			11			11
Saúde Ambiental					9	9
TOTAL	12	13	11	42	9	87

4.3. Caracterização do questionário

O inquérito aplicado neste estudo é composto por três grupos. O primeiro grupo, denominado “Identificação”, incide sobre a caracterização sociodemográfica dos estudantes e é constituído por oito questões. Neste grupo está incluída uma questão relacionada com o programa Poliempreeende, que apesar de não ser uma pergunta de classificação, foi incluída neste grupo.

O segundo grupo, denominado “Percepções sobre o futuro” integra o instrumento denominado “National Undergraduate Student Survey” (Redford, 2008) composto por oito questões que incidem sobre a expectativa de carreira profissional futura, os riscos percebidos e obstáculos para a criação de

um negócio e, por fim, a educação para o empreendedorismo. O instrumento foi criado e utilizado no estudo realizado por este autor para os estudantes universitários portugueses (Redford, 2008).

O terceiro grupo, denominado “Capacidade empreendedora” integra o Teste de Capacidade Empreendedora (IAPMEI, n. d.), sendo composto por 60 itens de formato “Likert” com cinco categorias de resposta (1 corresponde a “nunca” e 5 corresponde a “sempre”, de acordo com a frequência com que as situações ocorrem), os quais exprimem as seis dimensões do constructo: a independência, a autodisciplina, a criatividade, as motivações, a capacidade de risco e a autoconfiança. Cada dimensão é construída por 10 itens.

A dimensão “independência” é constituída pelos itens: 3.23. Relaciono-me com pessoas influentes; 3.30. Tenho tendência a revoltar-me contra a autoridade; 3.31. Ajo de acordo com o que penso; 3.33. A minha liberdade é um bem precioso; 3.35. Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho; 3.36. Gosto de tomar iniciativas; 3.46. Gosto de responsabilidades; 3.52. Consideram-me, por vezes, teimoso; 3.56. Alegro-me, frequentemente estar só; 3.59. Gosto de ser ‘senhor(a) das situações’.

A dimensão “autodisciplina” é constituída pelos itens: 3.5. Termino o que começo mesmo que tal implique muito trabalho; 3.8. Sou capaz de trabalhar durante o tempo necessário para levar a cabo um projeto; 3.11. Tenho uma boa capacidade de concentração; 3.15. Sou tenaz (persistente); 3.16. Ponho em prática as minhas ‘boas’ resoluções; 3.17. Procuro entender os meus erros para tirar partido deles; 3.32. Idealizar um projeto, tira-me o sono; 3.45. Sempre que desejo fazer qualquer coisa, vejo claramente as consequências das minhas ações; 3.53. Mesmo que não seja agradável, faço o que é preciso; 3.60. Sou uma pessoa motivada e desejo ser bem sucedido(a).

A dimensão “criatividade” é constituída pelos itens: 3.1. Experimento fazer as coisas de diversas maneiras; 3.3. Utilizo, com frequência, objetos comuns de uma forma original; 3.6. Tenho a faculdade de encontrar todo o tipo de soluções para os meus problemas; 3.9. Tenho muita imaginação; 3.10. Tenho ideias inovadoras; 3.22. Estou aberto(a) a ideias novas; 3.27. Tenho tendência para ser muito intuitivo; 3.37. Sou curioso; 3.44. Tenho boa capacidade de adaptação; 3.57. Considero os meus problemas apostas a vencer.

A dimensão “motivações” é constituída pelos itens: 3.2. Sou motivado; 3.12. Estou disposto a fazer sacrifícios se espero uma recompensa a longo prazo; 3.13. Tento mesmo o impossível; 3.19. Sou ambicioso; 3.20. Sou perseverante; 3.28. Sou corajoso; 3.34. Sou otimista; 3.43. Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário; 3.49. Sou responsável; 3.58. Sou determinado.

A dimensão “capacidade de risco” é constituída pelos itens: 3.4. Sou capaz de falar de uma boa ideia mesmo que não esteja certo(a) do seu sucesso; 3.14. Aproveito todas as oportunidades; 3.21. Estou pronto a desafiar tudo para conseguir algo em que acredito; 3.26. Gosto de descobrir coisas novas e originais para fazer; 3.29. Para alargar o meu campo de hipóteses, estou pronto(a) a fazer face ao insucesso; 3.39. Tenho a impressão de que se não correr riscos vou estagnar; 3.40. Vivo com intensidade; 3.42. Adoro a aventura; 3.47. Penso que as pessoas que correm riscos têm mais hipóteses de sucesso do que as outras; 3.48. Com o fim de aprender coisas novas, dedico-me, frequentemente, ao estudo de assuntos que não me são familiares ou que me são mesmo estranhos.

A dimensão “autoconfiança” é constituída pelos itens: 3.7. Acredito em mim; 3.18. O que quer que aconteça, sou sempre ‘senhor(a) da situação’; 3.24. Estou seguro daquilo que faço; 3.25. Aceito, de boa vontade, um elogio; 3.38. Os meus recursos são ilimitados; 3.41. Sou um(a) ‘batalhador(a)’; 3.50. Aceito os desafios; 3.51. Sou emocionalmente estável; 3.54. Sou capaz de enfrentar qualquer situação; 3.55. Tenho amor-próprio.

O inquérito utilizado no presente estudo foi sujeito a um pré-teste com o objetivo de detetar erros que eventualmente existam no inquérito (Pereira, 2006) e realizou-se no dia 17 de Maio de 2012 com os estudantes finalistas diurnos do curso de Comércio Internacional.

O inquérito em formato de texto é apresentado em anexo à presente dissertação (Anexo I).

4.4. Caracterização da amostra

Como já foi referido anteriormente, o procedimento amostral iniciou-se com a seleção das duas escolas do Politécnico do Porto e, dentro destas, dos cursos aí lecionados. Assim, todos os estudantes finalistas de licenciatura presentes nas turmas visitadas foram convidados a participar no estudo. Nestes termos, embora se tenha procurado alcançar alguma aleatoriedade na seleção dos elementos da amostra, ela acaba por ser não probabilística e de conveniência.

Dos 1248 estudantes finalistas que constituem a população deste estudo, 313 responderam ao inquérito, o que corresponde a uma taxa de resposta de 25%, sendo que no ISCAP a taxa de resposta é de 28,1% e na ESTSP de 19,6%.

Na Tabela 6, estão representadas as características demográficas da amostra total. Verifica-se que 72,2% da amostra é constituída por estudantes finalistas do ISCAP e os restantes, da ESTSP.

Relativamente à taxa de resposta do presente trabalho por cursos, observa-se que a licenciatura em Contabilidade e Administração é a mais representada (28,1%) pois é também aquela que tem maior número de finalistas matriculados, enquanto Comunicação Empresarial, Comércio Internacional e Assessoria e Tradução estão menos representados, correspondendo de uma forma geral ao número de estudantes finalistas matriculados no curso. Na ESTSP, a situação é similar. O curso de Farmácia é o mais representado (13,4%) correspondendo à proporção dos estudantes finalistas matriculados.

A amostra, por sexo, revela que esta é constituída maioritariamente por estudantes finalistas do sexo feminino (66,1%).

A exploração de informação de natureza sociodemográfica realizada no universo do presente estudo, confirma que se está perante uma população jovem com idade média de 25,9 anos. A distribuição por grupos de idades revela que é entre os 20 e os 25 anos que se encontra a maioria dos estudantes finalistas inquiridos (69,4%), seguindo-se os 18,7% dos estudantes finalistas que apresentam idades entre os 26 e os 35 anos, e os restantes 11,9% com idade superior a 35 anos.

Tabela 6: Características demográficas da amostra

Variável	n	%	Variável	n	%
Escola (n=313)			Sexo (n=313)		
ISCAP	226	72,2	Masculino	106	33,9
ESTSP	87	27,8	Feminino	207	66,1
Curso (n=313)			Idade (n=311)		
Contabilidade e Administração	88	28,1	< 20 anos	0	0,0
Marketing	54	17,3	20 a 25 anos	216	69,4
Comunicação Empresarial	31	9,9	26 a 35 anos	58	18,7
Comércio Internacional	22	7,0	> 35 anos	37	11,9
Assessoria e Tradução	31	9,9			
Farmácia	42	13,4			
Cardiopneumologia	25	8,0			
Medicina Nuclear	11	3,5			
Saúde Ambiental	9	2,9			

Na Tabela 7, estão representadas as características económicas e sociais da amostra total. Verifica-se que a maioria dos estudantes finalistas inquiridos já teve ou tem alguma atividade profissional remunerada (64,5%).

Tabela 7: Características económicas e sociais da amostra

Variável	n	%	Variável	n	%
Atividade profissional remunerada (n=313)			Situação económica familiar (n=313)		
Sim	202	64,5	Excelente	0	0,0
Não	111	35,5	Muito boa	3	0,6
Familiar próximo empresário (n=312)			Boa	73	23,6
			Razoável	223	71,2
			Má	14	4,5
Sim	139	44,6			
Não	173	55,4			

Quanto ao facto de possuir um familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) empresário, regista-se maior percentagem de respostas negativas (55,3%).

Relativamente à situação económica familiar, a maioria dos estudantes finalistas inquiridos é de uma família de classe média, visto que 71,2% dos estudantes finalistas inquiridos assumem esta ser razoável, enquanto apenas 23,6% afirmam que é boa e para 4,5% é má. De salientar, que não se obteve qualquer resposta em que situação económica familiar fosse excelente.

4.5. Escolha das variáveis

O presente estudo procura avaliar a intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto e identificar os fatores que a influenciam. Para atingir este desiderato escolheu-se a variável “intenção empreendedora” que é obtida através das respostas às questões 2.1. e 2.2. do inquérito: “Depois de concluir o seu curso, o que tenciona fazer?” e “Acredita na possibilidade de alguma vez vir a ter o seu próprio negócio?”.

De forma a responder aos objetivos deste estudo teve-se em conta as características sociodemográficas, de formação, ambientais e psicológicas, e as várias variáveis associadas a cada uma dessas características, conforme a Figura 2.

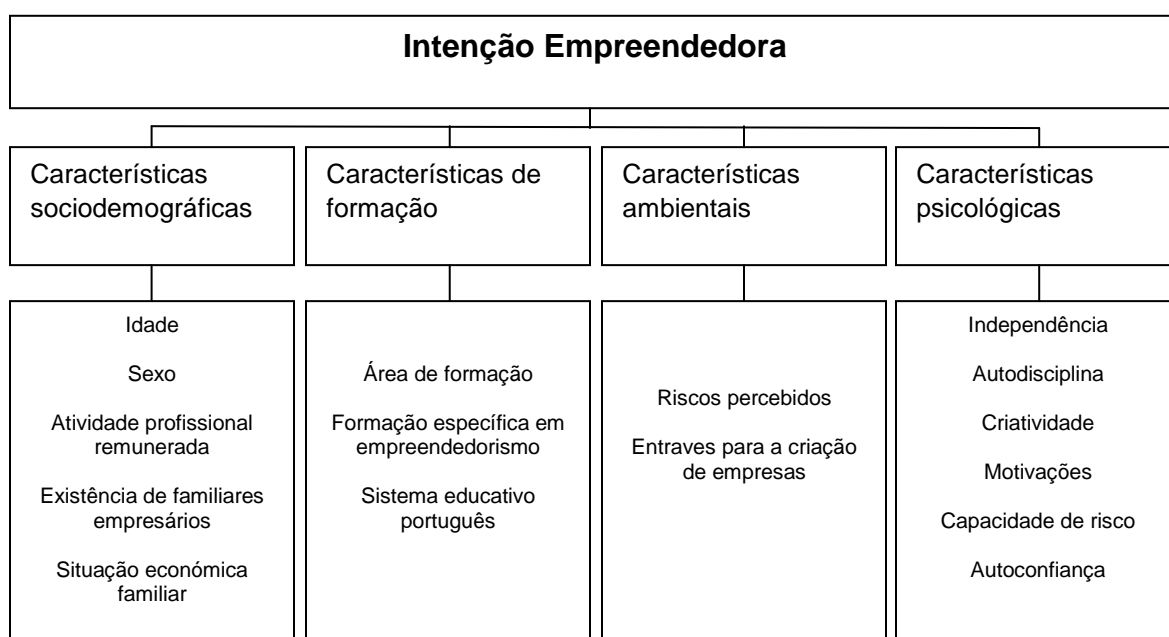


Figura 2: Variáveis do modelo
Fonte: Elaboração própria

Capítulo V

**Intenção empreendedora dos
estudantes finalistas do Instituto
Politécnico do Porto: resultados de um
inquérito**

5.1. Análise e discussão de resultados

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os dados recolhidos através do inquérito aos estudantes finalistas de duas escolas do IP do Porto. Os resultados apresentados estão organizados de forma a responder aos objetivos deste estudo, sendo discutidos por confronto com a evidência empírica anteriormente recenseada.

O estudo inicia-se com uma análise descritiva das principais variáveis que influenciam a intenção empreendedora (Figura 2). De forma a avaliar a associação das variáveis em estudo recorreu-se ao Teste do Qui-Quadrado de independência e, em alternativa, ao Teste do Qui-Quadrado por simulação de Monte Carlo¹¹ nos casos em que mais de 20% das células tenham frequência esperada inferior a 5 unidades, tal como descrito por Marôco (2010). Considerou-se uma probabilidade de erro de tipo I¹² de 0.05 em todas as análises inferenciais, que corresponde ao nível de significância.

Finaliza-se com uma análise fatorial de acordo com Marôco (2010); Pestana e Gageiro (2003); Pereira (2006) e Silvestre (2000) para identificar os principais fatores psicológicos que são suscetíveis de explicar a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP do Porto.

Os testes utilizados e a análise fatorial estão implementados no *software* de análise estatística PASW Statistics (versão 18; SPSS Inc, Chicago, IL).

5.1.1. Intenção empreendedora a curto e a médio/longo prazo dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto

A intenção empreendedora é analisada através da opção de carreira profissional que os estudantes finalistas inquiridos pretendem tomar após a conclusão da licenciatura.

De acordo com o Tabela 8, regista-se uma taxa média de intenção empreendedora de 12,3%. Este valor é relativamente baixo, tendo em conta os valores de referência internacionais e nacionais, conforme Tabela 1 e 2 (Capítulo III). No total, 79,7% dos estudantes finalistas inquiridos têm como objetivo trabalhar por conta de outrem, enquanto apenas 12,3% pretendem criar a sua própria empresa. Dos 7,8% de respostas que decidiram especificar a sua opção de carreira, cerca de 30% afirmaram que desejam emigrar, 30% têm como objetivo continuar os estudos (mestrado) e 30% pretendem continuar na empresa onde estão, os restantes 10% indicam que qualquer uma das opções apresentadas no inquérito é válida.

No entanto, quando os estudantes finalistas são questionados acerca da possibilidade de algum dia vir a criar um negócio próprio, 65,2% responde afirmativamente. Conclui-se que esta é uma opção de carreira que os estudantes finalistas têm em conta, mas a médio/longo prazo. De forma a comprovar a

¹¹ Simulação de 10000 amostras da população em estudo.

¹² Erro de tipo I corresponde à probabilidade de rejeitar uma hipótese nula (Martinez & Ferreira, 2008).

afirmação anterior, dos 65,2% dos estudantes finalistas que acreditam vir a criar o seu negócio próprio, a maioria tem intenção de o fazer a longo prazo, esperando entre 2 a 10 anos após a conclusão da licenciatura. Daqueles que têm o objetivo a longo prazo de criar um negócio próprio, a maioria pretende servir o mercado português (46,1%) e local (25,2%). Conclui-se que a internacionalização dos negócios não está nos planos dos estudantes finalistas com intenção empreendedora.

Tabela 8: Empreendedorismo e percepções sobre o futuro

Variável	n	%	Variável	n	%
Intenção empreendedora a curto prazo (n=309)			Intenção empreendedora a médio/longo prazo (n=313)		
Trabalhar na função pública	59	19,1	Sim	204	65,2
Trabalhar numa empresa multinacional	106	34,3	Não	109	34,8
Trabalhar numa PME	82	26,5			
Criar uma empresa própria	38	12,3			
Outro	24	7,8			
Tempo de espera para iniciar negócio próprio (n=202)			Tipo de mercado a servir (n=202)		
No máximo, 2 anos	38	18,8	Local	51	25,2
Entre 2 a 5 anos	77	38,1	Português	93	46,1
Entre 6 a 10 anos	62	30,7	Ibérico	12	5,9
Mais de 10 anos	25	12,4	Europeu	29	14,4
			Mundial	17	8,4

No estudo de Redford (2008), a taxa de intenção empreendedora a curto prazo é de 16,1% e a taxa de intenção empreendedora a médio/longo prazo é de 63,2%. Destes últimos, 39,8% acredita que irá criar o seu próprio negócio no prazo de 6 a 10 anos após a conclusão dos estudos, sendo que 70,6% irá servir o mercado local ou português.

Segundo o estudo de Rosário (2007), 26,5% dos estudantes finalistas inquiridos têm intenção de criar um negócio próprio após conclusão dos estudos.

Segundo o estudo de Teixeira (2008a), constata-se que 26,5% dos estudantes finalistas inquiridos pretendem, após finalizarem os seus cursos, criar um negócio próprio.

No estudo de Teixeira (2008b) conclui-se que a taxa de intenção empreendedora após conclusão dos estudos dos estudantes finalistas das áreas empresariais e engenharia inquiridos fixa-se nos 24,7%.

De acordo com o estudo de Teixeira e Davey (2008), 35% dos estudantes inquiridos têm como objectivo a criação de um negócio próprio após finalizarem o seu curso e 70% dos estudantes inquiridos pensam na possibilidade de o fazer. O estudo permite ainda concluir que a taxa de

empreendedorismo efectivo em sentido estrito (criação de empresa) é de 6,4% e a taxa de empreendedorismo efectivo em sentido lato (realizados passos para a criação de empresa) é de 11,6%.

O estudo de Parreira et al. (2011), conclui que 18,7% dos estudantes têm como desejo vir a trabalhar por conta própria e 81,3% por conta de outrem.

Segundo o estudo de Pinho e Gaspar (2012), a taxa de intenção empreendedora dos estudantes do IP de Santarém é de 74%, valor justificado pelo facto de mais de 50% dos estudantes possuírem familiares empresários, pelo tipo de tecido económico onde está inserido o Instituto, bem como pelo clima propenso ao empreendedorismo criado em cada escola.

No estudo de Moreira (2011), baseado na transição dos estudantes licenciados para o mercado de trabalho, 12% dos recém-licenciados são efetivamente empreendedores apontando a dificuldade em se inserirem no mercado de trabalho na área de formação frequentada, como o principal motivo para a criação da sua própria empresa.

5.1.2. Análise da intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto em função de fatores sociodemográficos e da sua área de formação

De forma a analisar a influência dos fatores sociodemográficos, de formação e ambientais na intenção empreendedora dos estudantes finalistas, procedeu-se à transformação da variável Intenção Empreendedora a curto prazo (IECP) passando esta a ter dois tipos de respostas, em que “sim” corresponde à resposta “criar uma empresa própria” e “não” corresponde a todas as restantes respostas “trabalhar na função pública, trabalhar numa empresa multinacional, trabalhar numa PME, outros”. A Intenção Empreendedora a médio/longo prazo (IEMLP) mantém os dois tipos de resposta “sim” e “não”.

Relativamente aos fatores de formação por escola (Tabela 9), observa-se que a taxa de intenção empreendedora no ISCAP (área das ciências empresariais) é superior que na ESTSP (área da saúde), quer a curto prazo, quer a médio/longo prazo, apesar de se verificar um aumento significativo de respostas positivas na ESTSP nesta última opção. A análise estatística inferencial permite afirmar que a IECP depende da área de formação ($\chi^2=6,657$; $p<0,05$; $N=309$), assim como a IEMLP ($\chi^2=21,980$; $p<0,05$; $N=313$).

O estudo de Pinho e Gaspar (2012), comparou as escolas que constituem o IP de Santarém relativamente à taxa de intenção empreendedora. Cerca de 90% dos estudantes inquiridos que têm intenção de criar um negócio próprio, frequentam a Escola Superior de Educação, 86% a Escola Superior de Desporto e 75% a Escola Superior Agrária, em oposição aos 63% da Escola Superior de Saúde e 70% da Escola Superior de Gestão, que registam os valores mais baixos. O autor justifica os valores registados pela especificidade dos cursos analisados, pelo nível de incentivo ao

empreendedorismo, pelas iniciativas desenvolvidas em cada escola relativamente ao empreendedorismo e pelas perspectivas de trabalho.

De acordo com o estudo de Teixeira (2008a), apesar da heterogeneidade entre os as escolas e os cursos em relação à intenção empreendedora, as escolas como Farmácia, Direito, Desporto, Biomédicas e Dentária destacam-se como mais empreendedoras manifestando entre 30% e 37% de intenção empreendedora.

Ao nível do tipo de instituições de ensino, o estudo de Teixeira e Davey (2008), permite concluir que ao nível das Universidades públicas, a Universidade Nova de Lisboa apresenta maior taxa de empreendedorismo efetivo e a Universidade Técnica de Lisboa uma maior taxa de intenção empreendedora. Quanto às Universidades privadas, a Universidade Portucalense fixa-se no topo da lista. Relativamente aos Institutos Politécnicos e Escolas Públicas, o IP de Setúbal é pioneiro na taxa de empreendedorismo efetivo e o IP do Cávado e do Ave na taxa de intenção empreendedora.

Tabela 9: Intenção empreendedora por área de formação - Escola

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Área das ciências empresariais	ISCAP	34	188	222	165	61	226
		15,3%	84,7%	100,0%	73,0%	27,0%	100,0%
Área da saúde	ESTSP	4	83	87	39	48	87
		4,6%	95,4%	100,0%	44,8%	55,2%	100,0%
Total		38	271	309	204	109	313
		12,3%	87,7%	100,0%	65,2%	34,8%	100,0%
Resultados do Teste do Qui-Quadrado da independência		$\chi^2=6,657$; $p=0,017$			$\chi^2=21,980$; $p=0,000$		

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto; ESTSP – Escola Superior de Tecnologia de Saúde do Porto; χ^2 – Teste do Qui-quadrado da independência; p – valor prova.

De acordo com Tabela 10 e especificando pelos cursos, observa-se que no curto prazo, a taxa de intenção empreendedora é maior no curso de Contabilidade e Administração ($n=19$; 22,4%), seguindo-se o curso de Marketing ($n=9$; 17,0%), não se destacando nenhum curso na área da saúde. A médio/longo prazo, o curso de Marketing destaca-se com a taxa de intenção empreendedora mais alta ($n=46$; 85,2%), seguindo-se o curso de Comunicação Empresarial ($n=25$; 80,6%) e Contabilidade e Administração ($n=66$; 75,0%). Na área da saúde, as taxas de intenção empreendedora mais altas verificam-se nos cursos de Farmácia ($n=25$; 59,5%) e Medicina Nuclear ($n=6$; 54,5%).

Tabela 10: Intenção empreendedora por área de formação – Curso

		IECP			IEMLP			
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total	
Área das ciências empresariais	CI	1	21	22	15	7	22	
		4,5%	95,5%	100,0%	68,2%	31,8%	100,0%	
	CA	19	66	85	66	22	88	
		22,4%	77,6%	100,0%	75,0%	25,0%	100,0%	
	AS	2	29	31	13	18	31	
		6,5%	93,5%	100,0%	41,9%	58,1%	100,0%	
	MKT	9	44	53	46	8	54	
		17,0%	83,0%	100,0%	85,2%	14,8%	100,0%	
	CE	3	28	31	25	6	31	
		9,7%	90,3%	100,0%	80,6%	19,4%	100,0%	
Área da saúde	CAR	1	24	25	4	21	25	
		4,0%	96,0%	100,0%	16,0%	84,0%	100,0%	
	FAR	1	41	42	25	17	42	
		2,4%	97,6%	100,0%	59,5%	40,5%	100,0%	
	MNU	1	10	11	6	5	11	
		9,1%	90,9%	100,0%	54,5%	45,5%	100,0%	
	SA	1	8	9	4	5	9	
		11,1%	88,9%	100,0%	44,4%	55,6%	100,0%	
	Total		38	271	309	204	109	313
			12,3%	87,7%	100,0%	65,2%	34,8%	100,0%
Resultados do Teste Qui-Quadrado com simulação de Monte Carlo		$\chi^2(2)=18,492$; $p=0,017$]0,14; 0,19[$\chi^2(2)=53,480$; $p=0,000$]0,00; 0,00[

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; CI – Comércio internacional; CA – Contabilidade e Administração; AS – Assessoria e Tradução; MKT – Marketing; CE – Comunicação Empresarial; CAR – Cardiopneumologia; FAR – Farmácia; MNU – Medicina Nuclear; SA – Saúde Ambiental; $\chi^2(2)$ – Teste do Qui-quadrado com simulação de Monte Carlo; p – valor prova.

De salientar que na área das ciências empresariais (ISCAP), o curso de Assessoria e Tradução apresenta a taxa de intenção empreendedora mais baixa, enquanto na área da saúde (ESTSP), esse lugar é ocupado pelo curso de Cardiopneumologia.

A análise estatística inferencial permite afirmar que a IECP é dependente da área de formação -curso ($\chi^2(2)=18,492$; $p<0,05$; $N=309$), assim como a IEMLP ($\chi^2(2)=53,480$; $p<0,05$; $N=313$).

O estudo de Rosário (2007) revela que as áreas relacionadas com Agricultura e Recursos Naturais, Humanidades, Secretariado e Tradução, Educação Física, Artes do Espetáculo e Ciências são as que apresentam maior taxa de intenção empreendedora, em contraste que as áreas relacionadas com Economia, Gestão e Contabilidade, Tecnologias, Direito, Ciências Sociais e Serviço, que apresentam uma menor taxa empreendedora. Curiosamente, são as áreas mais associadas ao empreendedorismo (Economia, Gestão e Tecnologias) que exibem uma taxa relativamente modesta.

Segundo o estudo de Teixeira (2008a), 45% dos estudantes matriculados nos cursos das Ciências do Meio Aquático, Veterinária, Línguas, História da Arte, Filosofia, Matemática Aplicada e Física mencionam ter em conta a possibilidade de criar o seu próprio negócio após conclusão do seu curso. Em oposição, os cursos que manifestam uma baixa intenção empreendedora são Psicologia, Geografia, Medicina e Jornalismo. De acordo com a autora, os cursos que habitualmente estão associados ao empreendedorismo, Economia, Gestão e Engenharia, neste estudo, apresentam uma intenção empreendedora de apenas 24%.

Segundo Teixeira (2008b), das áreas em estudo (área das ciências empresariais e engenharia), os cursos que registam maior intenção empreendedora (30%) são Engenharia Industrial e Gestão e Engenharia Metalúrgica

O estudo realizado por Teixeira e Davey (2008) demonstra que as áreas onde se verifica maior taxa de propensão ao empreendedorismo são Economia e Gestão, ao contrário da área da Saúde, onde se verifica a taxa mais baixa.

De acordo com o estudo de Parreira et al. (2011), são os estudantes da área da Gestão que desejam iniciar a sua vida profissional mais autonomamente, quer numa empresa familiar, numa empresa própria ou por conta própria. Os estudantes da área da saúde são os que mais desejam iniciar a sua vida profissional numa organização ou prosseguir estudos num mestrado ou doutoramento.

No estudo de Pinho e Gaspar (2012) conclui-se que nos cursos de licenciatura que incluem no seu programa disciplinas de empreendedorismo e marketing, regista-se uma maior percentagem de intenção empreendedora dos estudantes inquiridos, nomeadamente nos cursos de Marketing e Publicidade (78%), de Gestão de Empresas (73%), Informática (71%) da Escola Superior de Gestão, no curso de Gestão de Organizações Desportivas (91%) da Escola Superior de Desporto, no curso de Artes Plásticas e Multimédia (93%) da Escola de Educação e no curso de Engenharia Agronómica (88%) da Escola Superior Agrária.

De acordo como estudo de Moreira (2011) que incidiu na área das ciências sociais, a maioria dos empresários recém-licenciados pertencem aos cursos de Gestão e Comunicação Social.

Quanto aos fatores sociodemográficos, observa-se que a amostra é constituída maioritariamente por estudantes finalistas do sexo feminino, o que reflete o facto de que a maior proporção de estudantes pós-secundário em Portugal são do sexo feminino (Cabral-Cardoso, 2004) citado por (Redford, 2008), situação que se justifica pela desigualdade vivida pelas mulheres no mercado de trabalho, em que estas têm como objetivo atenuar as discriminações salariais e socioprofissionais de que são alvo (Moreira, 2009).

Tabela 11: Intenção empreendedora por sexo

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Sexo	M	14 13,5%	90 86,5%	104 100,0%	78 73,6%	28 26,4%	106 100,0%
	F	24 11,7%	181 88,3%	205 100,0%	126 60,9%	81 39,1%	207 100,0%
Total		38 12,3%	271 87,7%	309 100,0%	204 65,2%	109 34,8%	313 100,0%
Resultados do Teste do Qui-Quadrado da independência		$\chi^2=0,197$; $p=0,795$			$\chi^2=4,994$; $p=0,035$		

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; M – Masculino; F – Feminino; χ^2 – Teste do Qui-quadrado da independência; p – valor prova.

No entanto, de acordo com a Tabela 11, regista-se uma maior taxa de intenção empreendedora por parte dos estudantes finalistas do sexo masculino, tanto a curto prazo como a médio/longo prazo. Contudo, a análise inferencial permite afirmar que a IECP é independente do sexo dos estudantes ($\chi^2=0,197$; $p=0,795$; $N=309$), enquanto a IEMLP é dependente do sexo do estudante ($\chi^2=4,994$; $p<0,05$; $N=313$).

De acordo com o estudo de Rosário (2007), os estudantes finalistas do sexo feminino apresentam uma taxa de intenção empreendedora mais baixa (23%) relativamente aos estudantes finalistas do sexo masculino (31%). Esta diferença é mais acentuada nos cursos das áreas da Saúde, Humanidades, Secretariado e Tradução, Economia, Gestão e Contabilidade.

Segundo o estudo de Teixeira (2008a), o potencial empreendedor é do sexo masculino.

O estudo de Teixeira (2008b), conclui que das áreas em estudo (área das ciências empresariais e engenharia), cerca de 29% dos estudantes finalistas do sexo masculino pretendem criar o seu próprio negócio após a conclusão do seu curso, enquanto nas estudantes finalistas do sexo feminino, essa taxa é de 18%. Essa diferença é notória particularmente nos cursos de Engenharia de Minas e Geo-Ambiente, Economia e Engenharia Informática e Computação. Nos cursos de Gestão e Engenharia Civil os estudantes finalistas do sexo masculino e feminino registam uma taxa de intenção empreendedora semelhante.

Segundo o estudo de Parreira et al. (2011), os estudantes do sexo masculino desejam trabalhar mais por conta própria ou numa empresa própria, enquanto as estudantes do sexo feminino desejam trabalhar mais como profissionais numa organização por conta de outrem e prosseguir estudos.

De acordo como estudo de Moreira (2011), a maioria dos empresários recém-licenciados são do sexo masculino.

Relativamente à idade dos estudantes (Tabela 12), na IECP observa-se uma tendência de acréscimo progressivo da taxa de intenção empreendedora com o aumento da idade, registando uma maior IECP nos estudantes finalistas com mais de 35 anos. A análise estatística inferencial permite afirmar que a IECP é dependente da idade ($\chi^2(2)=13,019$; $p<0,05$; $N=307$). Na IEMLP, regista-se um acréscimo da taxa de intenção empreendedora até aos 35 anos e um decréscimo a partir dos 35 anos, verificando-se uma maior IEMLP nos estudantes finalistas com idade compreendida entre os 26 e os 35 anos. Neste caso, a análise estatística inferencial permite afirmar que a IEMLP é independente da idade ($\chi^2(2)=4,968$; $p=0,172$; $N=311$).

O estudo de Rosário (2007) corrobora estes resultados na medida em que é verificada uma tendência de acréscimo progressivo da intenção empreendedora com o aumento da idade dos estudantes finalistas até aos 30 anos e um pequeno decréscimo a partir dos 30 anos. Conclui-se que o facto de ser mais velho contribui para uma maior propensão dos estudantes ao empreendedorismo, enquanto Ribeiro et al. (2010) indicam que são os jovens que têm maior propensão ao empreendedorismo afirmando que a carreira profissional deve ter início precoce.

Tabela 12: Intenção empreendedora por idade

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Idade	20 a 25	20 9,3%	195 90,7%	215 100,0%	135 62,5%	81 37,5%	216 100,0%
	26 a 35	7 12,3%	50 87,7%	57 100,0%	45 77,6%	13 22,4%	58 100,0%
	>35	10 28,6%	25 71,4%	35 100,0%	23 62,2%	14 37,8%	37 100,0%
Total		37 12,1	270 87,9	307 100,0%	203 65,3%	108 34,7%	311 100,0%
Resultados do Teste do Qui-Quadrado com simulação de Monte Carlo		$\chi^2(2)=13,019$; $p=0,020$]0,17; 0,23[$\chi^2(2)=4,968$; $p=0,172$]0,164; 0,179[

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; $\chi^2(2)$ – Teste do Qui-quadrado com simulação de Monte Carlo; p – valor prova.

O estudo de Teixeira (2008a), demonstra que o potencial empreendedor tem uma idade compreendida entre os 26 e os 30 anos.

Segundo o estudo de Teixeira (2008b), os estudantes finalistas com mais de 26 anos das áreas das ciências empresarias e engenharia são mais empreendedores, à excepção dos estudantes do curso de Engenharia Industrial e de Gestão em essa condição não se verifica.

De acordo como estudo de Moreira (2011), a maioria dos empresários recém-licenciados possuem mais de 25 anos.

Quanto às características económicas e sociais (Tabela 13), observa-se uma maior taxa de intenção empreendedora nos estudantes finalistas que têm ou já tiveram uma atividade profissional remunerada. No entanto, a análise estatística inferencial permite afirmar que a IECP é independente da atividade profissional remunerada ($\chi^2=0,836$; $p=0,361$; $N=309$), mas a IEMLP é dependente da atividade profissional remunerada ($\chi^2=5,371$; $p<0,05$; $N=313$).

Segundo o estudo de Rosário (2007), dos estudantes finalistas que têm intenção de criar o seu próprio negócio, 27,0% são os trabalhadores-estudantes, 28,7% possuem um estatuto de dirigente associativo e 26,4% não possuem qualquer estatuto profissional. No entanto, verifica-se que os estudantes finalistas que exercem ou já exerceram uma actividade profissional remunerada registam uma maior taxa de intenção empreendedora (27,8%) corroborando a ideia de que a crescente precariedade dos empregos estimula a intenção empreendedora.

Tabela 13: Intenção empreendedora por caraterísticas económicas e socais – Actividade profissional remunerada

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Atividade profissional remunerada	Não	11 10,0%	99 90,0%	110 100,0%	63 56,8%	48 43,2%	111 100,0%
	Sim	27 13,6%	172 86,4%	199 100,0%	141 69,8%	61 30,2%	202 100,0%
Total		38 12,3%	271 87,7%	309 100,0%	204 65,2%	109 34,8%	313 100,0%
Resultados do Teste do Qui-Quadrado da independência		$\chi^2=0,836$; $p=0,361$			$\chi^2=5,371$; $p=0,020$		

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; χ^2 – Teste do Qui-quadrado da independência; p – valor prova.

O estudo de Parreira et al. (2011) demonstra que os trabalhadores-estudantes têm maior propensão para iniciar a sua vida profissional a trabalhar de forma independente e autónoma, quer por conta

própria, quer para criar uma empresa, em comparação com os apenas estudantes, que são os que mais desejam iniciar uma vida profissional a trabalhar numa organização e a prosseguir estudos.

De acordo como estudo de Moreira (2011), 71% dos estudantes recém-licenciados inquiridos apontam a experiência profissional anterior como um aspeto útil no despertar da intenção empreendedora, assim como o estágio, a formação complementar e as atividades extracurriculares que apoiaram a concretização de uma experiência no âmbito do empreendedorismo.

Segundo o estudo no âmbito do Projecto EMPRENDE + INNOVA (2006), a experiência profissional é um factor determinante ao nível da intenção empreendedora e orienta os jovens para um determinado sector do seu interesse.

No presente estudo, regista-se uma maior taxa empreendedora nos estudantes que têm um familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário (Tabela 14). No entanto, a análise estatística inferencial permite afirmar que a IECP é independente da situação familiar ($\chi^2=3,159$; $p=0,076$; $N=308$), mas a IEMLP é dependente da situação familiar ($\chi^2=14,888$; $p<0,05$; $N=312$).

De acordo com Fillion (1991), citado por Dolabela (2006), “as pesquisas indicam que as famílias de empreendedores têm maior chance de gerar novos empreendedores e que os empreendedores de sucesso quase sempre têm um modelo, alguém que admiram e imitam”.

Segundo o estudo de Rosário (2007), os estudantes finalistas inquiridos com um familiar próximo que seja empresário registam uma menor taxa de intenção empreendedora. Dos estudantes finalistas inquiridos que não possuem um familiar empresário, são os que frequentam os cursos da área da Agricultura e Recursos Naturais, Humanidade, Secretariado e Tradução, Educação Física e Artes do Espectáculo que evidenciam uma maior taxa de intenção empreendedora.

De acordo com o estudo de Teixeira (2008a), as variáveis de contexto, nomeadamente o ambiente familiar propenso ao empreendedorismo, manifestaram-se particularmente importantes.

Segundo o estudo de de Teixeira (2008b), o histórico familiar está fortemente associado à intenção empreendedora dos estudantes finalistas das áreas empresariais e engenharia, o que se verifica particularmente nos estudantes dos cursos de Engenharia de Minas e Geo-Ambiente, Electrónica, Química, Industrial e de Gestão.

O estudo de Parreira et al. (2011) demonstra que os estudantes com pais empresários desejam iniciar a sua vida profissional a trabalhar mais numa empresa familiar, a trabalharem mais por conta própria e a criar mais a sua própria empresa. Os estudantes sem pais empresários desejam mais iniciar a sua vida profissional a trabalhar numa organização.

Tabela 14: Intenção empreendedora por características económicas e sociais – Familiar próximo empresário

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Familiar próximo empresário	Não	16	155	171	97	76	173
		9,4%	90,6%	100,0%	56,1%	43,9%	100,0%
	Sim	22	115	137	107	32	139
		16,1%	83,9%	100,0%	77,0%	23,0%	100,0%
Total		38	270	308	204	108	312
		12,3%	87,7%	100,0%	65,4%	34,6%	100,0%
Resultados do Teste do Qui-Quadrado da independência		$\chi^2=3,159$; p=0,076			$\chi^2=14,888$; p=0,000		

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; χ^2 – Teste do Qui-quadrado da independência; p – valor prova.

Tabela 15: Intenção empreendedora por características económicas e sociais – Situação económica familiar

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Situação económica familiar	Má	2	11	13	6	8	14
		15,4%	84,6%	100,0%	42,9%	57,1%	100,0%
	Razoável	28	193	221	144	79	223
		12,7%	87,3%	100,0%	64,6%	35,4%	100,0%
	Boa	7	65	73	53	20	74
		9,7%	90,3%	100,0%	72,6%	27,4%	100,0%
	Muito boa	1	2	2	1	2	2
		33,3%	66,7%	100,0%	33,3%	66,7%	100,0%
Total		38	271	309	204	109	313
		12,3%	87,7%	100,0%	65,2%	34,8%	100,0%
Resultados do Teste do Qui-Quadrado com simulação de Monte Carlo		$\chi^2(2)=1,817$; p=0,629]0,620; 0,639[$\chi^2(2)=6,222$; p=0,096]0,090; 0,102[

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; $\chi^2(2)$ – Teste do Qui-quadrado com simulação de Monte Carlo; p – valor prova.

Quanto à situação económica familiar dos estudantes finalistas, observa-se que a IECP aumenta à medida que a situação económica piora. Contrariamente, a IEMLP aumenta à medida que a situação económica aumenta (Tabela 15). Contudo, a análise estatística inferencial permite afirmar que a IECP é independente da situação económica familiar ($\chi^2(2)=1,817$; $p=0,629$; $N=309$), assim como IEMLP ($\chi^2(2)=6,222$; $p=0,096$; $N=313$).

De acordo com o estudo de Redford (2008) e considerando o contexto socioeconómico dos estudantes inquiridos – nível de estudos dos pais e situação económica familiar – os estudantes que revelam intenção empreendedora a curto prazo têm famílias com o ensino superior ou com pós-graduação e manifestam uma boa situação económica familiar. Os estudantes com pais que possuem o nível de escolaridade obrigatória, assim como aqueles que declaram viver numa má situação económica familiar, não acreditam na possibilidade de vir a ter um negócio próprio.

5.1.3. Relação dos riscos percecionados pelos estudantes de duas escolas do IP do Porto com a intenção empreendedora

De acordo com a literatura, o risco é um fator ambiental frequentemente associado à intenção empreendedora. No presente estudo, os estudantes finalistas inquiridos assinalaram dois riscos que mais receiam no caso de iniciarem um negócio próprio. Os riscos mais identificados pelos estudantes finalistas são a possibilidade do negócio ir à falência e a incerteza quanto ao rendimento. Os riscos menos assinalados são a necessidade de dedicar demasiado tempo nele e a insegurança no trabalho. De acordo com a Tabela 16, os estudantes apresentam maior tolerância ao risco na IEMLP (65,1%) e menor tolerância ao risco na IECP (12,2%).

Através de uma análise mais aprofundada, conclui-se que a IECP assim como a IEMLP são independentes dos riscos associados à possibilidade do negócio ir à falência e à incerteza quanto ao rendimento, por esse motivo não são apresentados os resultados.

Comparando as áreas de formação em análise (Figura 3), não se registam diferenças relativamente aos dois riscos mais mencionados, estando a área das ciências empresarias e a área da saúde em uníssono. Verifica-se uma maior perceção do risco associado à insegurança no trabalho por parte dos estudantes da área da saúde.

De acordo com o estudo de Redford (2008), existe uma grande perceção dos riscos associados à criação de um negócio próprio por parte dos estudantes, em que 58% dos estudantes apontam que a possibilidade de o negócio ir à falência e 50,9% a incerteza quanto ao rendimento como sendo os maiores receios.

Segundo o estudo de Teixeira (2008a), os riscos apontados pelos estudantes finalistas no desenvolver de um negócio próprio são a possibilidade do negócio ir à falência, a incerteza quanto à remuneração e a instabilidade.

Tabela 16: Intenção empreendedora e o risco

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Riscos	A incerteza quanto ao rendimento	18 11,6%	137 88,4%	155 100,0%	103 65,2%	55 34,8%	158 100,0%
	A insegurança no trabalho	10 20,8%	38 79,2%	48 100,0%	35 72,9%	13 27,1%	48 100,0%
	A possibilidade de sacrificar bens pessoais	9 12,3%	64 87,7%	73 100,0%	46 63,0%	27 37,0%	73 100,0%
	A necessidade de dedicar demasiado tempo nele	2 6,1%	31 93,9%	33 100,0%	23 69,7%	10 30,3%	33 100,0%
	A possibilidade de falhar a nível pessoal	9 13,0%	60 87,0%	69 100,0%	47 67,1%	23 32,9%	70 100,0%
	A possibilidade do negócio ir à falência	25 11,3%	197 88,7%	222 100,0%	141 62,9%	83 37,1%	224 100,0%
Total		73 12,2%	527 87,8%	600 100,0%	395 65,2%	211 34,8%	606 100,0%

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo.

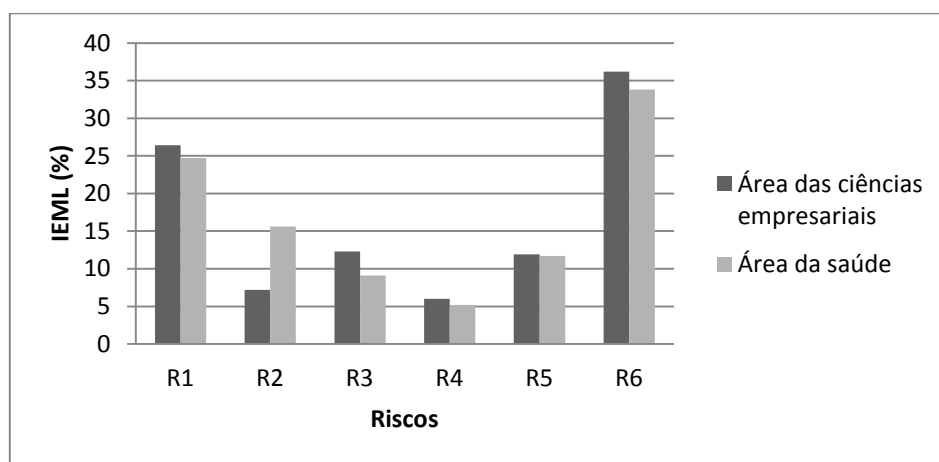


Figura 3: A IEMLP e os riscos segundo a área de formação

Legenda: IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; R1 – A incerteza quanto ao rendimento; R2 – A insegurança no trabalho; R3 – A possibilidade de sacrificar bens pessoais; R4 – A necessidade de dedicar demasiado tempo nele; R5 – A possibilidade de falhar a nível pessoal; R6 – A possibilidade do negócio ir à falência.

O estudo de por Teixeira & Davey (2008) conclui que os estudantes do ensino superior apresentam uma elevada aversão ao risco, fazendo com que a ausência de uma capacidade para arriscar impulse os estudantes para um trabalho por conta de outrem.

Por outro lado, de acordo com o estudo no âmbito do Projecto EMPRENDE + INNOVA (2006), o risco e a ousadia são factores despoletadores da intenção empreendedora, visto que 53% dos empresários inquiridos estavam empregados antes da decisão de empreendedorismo. No entanto, de entre os riscos associados ao empreendedorismo identificados pelos empresários e não empresários, destacam-se a incerteza quanto à realização de receitas e o investimento pessoal em tempo e energia.

5.1.4. Relação dos entraves percecionados pelos estudantes de duas escolas do IP do Porto com a intenção empreendedora

Os estudantes finalistas assinalaram os dois principais entraves à criação de uma empresa em Portugal. O clima económico desfavorável que existe atualmente em Portugal é o entrave à criação de uma empresa mais referenciado pelos estudantes finalistas. Seguem-se a burocracia de entidades governamentais e dificuldades em obter financiamento de privados (bancos e capital de risco). Ainda assim, observa-se que a IEMLP (64,9%) apresenta maior resistência aos entraves enunciados do que a IECP (12,3%), de acordo com Tabela 17.

Através de uma análise mais aprofundada, conclui-se que a IECP assim como a IEMLP são independentes do entrave associado ao clima económico desfavorável, por esse motivo não são apresentados os resultados.

Comparando as duas áreas de formação em análise (Figura 4), estas estão de acordo relativamente ao entrave mais percecionado pelos estudantes finalistas. Contudo, os estudantes finalistas da área da saúde assinalam o elevado montante necessário para criar uma empresa e a ausência de apoios por parte do Estado como os entraves que mais influenciam a criação de uma empresa em Portugal, enquanto os estudantes da área das ciências empresariais referem a dificuldade em obter financiamentos de privados e a burocracia de entidades governamentais.

Um país empreendedor é aquele que oferece oportunidades e infraestruturas de forma a apoiar o empreendedor a criar e gerir o seu negócio (Ferreira et al., 2010).

De acordo com o GEM (2007), uma das principais fraquezas que limitam a atividade empreendedora em Portugal relaciona-se com a dificuldade em obter financiamento de privados e instabilidade dos programas de apoio do Estado.

Tabela 17: Intenção empreendedora e os entraves percebidos

		IECP			IEMLP		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Entraves	Burocracia de entidades governamentais	15	89	104	71	33	104
		14,4%	85,6%	100,0%	68,3%	31,7%	100,0%
	Clima económico desfavorável	24	166	190	119	74	193
		12,6%	87,4%	100,0%	61,7%	38,3%	100,0%
	Ausência de informação disponível	3	8	11	8	3	11
		27,3%	72,7%	100,0%	72,2%	27,3%	100,0%
	Ausência de apoios financeiros	10	72	82	59	23	82
		12,2%	87,8%	100,0%	72,0%	28,0%	100,0%
Total	Elevado montante para investimento	4	56	60	35	26	61
		6,7%	93,3%	100,0%	57,4%	42,6%	100,0%
	Rigidez do mercado de trabalho	4	29	33	17	17	34
		12,1%	87,9%	100,0%	50,0%	50,0%	100,0%
	Dificuldades em obter financiamento	14	108	122	86	38	124
		11,5%	88,5%	100,0%	69,4%	30,6%	100,0%
		74	528	602	395	214	609
		12,3%	87,7%	100,0%	64,9%	35,1%	100,0%

Legenda: IECP – Intenção empreendedora a curto prazo; IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo.

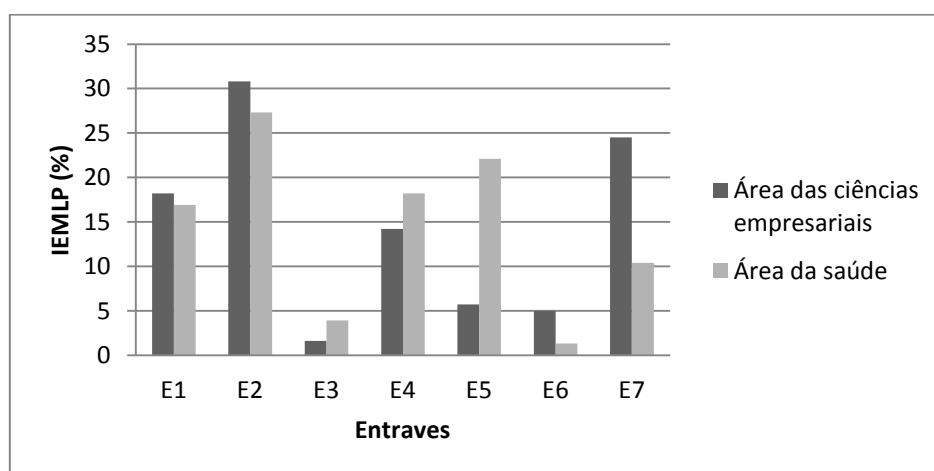


Figura 4: A IEMLP e os entraves segundo a área de formação

Legenda: IEMLP – Intenção empreendedora a médio/longo prazo; E1 – Burocracia de entidades governamentais; E2 – Clima económico desfavorável; E3 – Ausência de informação disponível; E4 - Ausência de apoios financeiros por parte do Estado; E5 – Elevado montante necessário para criar uma empresa; E6 – Rigidez do mercado de trabalho; E7 – Dificuldades em obter financiamento de privados.

Segundo o estudo de Redford (2008), os estudantes inquiridos assinalaram a burocracia das entidades governamentais (49,9%) o clima económico desfavorável (41,2%) e ausência de apoios financeiros por parte do Estado (32,2%) como os principais entraves à criação de um negócio próprio em Portugal.

O estudo de Teixeira (2008a) revela que os principais entraves percepcionados pelos estudantes finalistas são a falta de apoio financeiro, o processo administrativo complexo e a falta de apoio institucional. Curiosamente, o contexto político e económico, assim como as relações externas não são considerados críticos para os estudantes finalistas inquiridos neste estudo.

Segundo o estudo de Pinho e Gaspar (2012), os estudantes inquiridos atribuem relevante importância aos entraves de natureza económica e financeira, assinalando a falta de capital próprio, as dificuldades de financiamento, o risco financeiro e a carga fiscal como os principais entraves associados à criação de um negócio próprio. De forma não tão significativa, os entraves de natureza empresarial e de marketing também foram enunciados pelos estudantes inquiridos, nomeadamente o medo de fracassar, a falta de conhecimentos do negócio, a falta de ideia certa de negócio e a falta de capacidade empresarial. O autor adiante que estes últimos entraves são menos referenciados nas escolas onde o ensino do marketing está mais desenvolvido.

Segundo o estudo no âmbito do Projecto EMPRENDE + INNOVA (2006), 35% dos empresários inquiridos afirma que optou pelo crédito bancário e 28% pelo financiamento pelos próprios meios. Neste sentido, a disponibilização de apoio financeiro à criação de negócios revela-se fundamental. Ainda assim, quanto aos obstáculos identificados no estudo, 72% dos empresários mencionaram os trâmites burocráticos¹³ e 56% as dificuldades em obter financiamentos.

5.1.5. Perceção dos estudantes finalistas de duas escolas o IP do Porto sobre o sistema educativo português face ao empreendedorismo

Os estudantes finalistas assinalaram as opções (sem limite de escolha) onde acham mais apropriado serem ensinados os conhecimentos básicos sobre a criação e gestão de uma empresa. A maioria dos estudantes finalistas (32,9%) indica que os conhecimentos básicos sobre a criação e gestão de um negócio deverão ser ensinados no ensino superior durante a licenciatura, segundo Tabela 18. De realçar que 0,2% tem como opinião que o empreendedorismo não pode ser ensinado.

No estudo de Redford (2008), conclui-se que os estudantes consideram o sistema educacional como a forma mais adequada de fornecer o conhecimento básico sobre a criação e gestão de um negócio próprio, e em particular 57,9% dos estudantes mencionam o ensino superior: licenciatura, 32,8% as escolas profissionais e 30,8% as escolas secundárias.

¹³ Relacionados com procedimentos administrativos, legais e fiscais.

Segundo o estudo de Rosário (2007), os estudantes finalistas preferem frequentar cursos de pós-graduação em inovação e empreendedorismo, e particularmente adaptado às suas áreas de especialização (em comparação com o de carácter geral).

De acordo com o estudo de Teixeira (2008a), os estudantes finalistas inquiridos mostram-se receptivos à frequência de cursos relacionados com o empreendedorismo, principalmente se leccionados na própria escola.

O estudo de Pinho e Gaspar (2012) conclui que os estudantes inquiridos concordam com o facto de que a escola deve apoiar a criação de empresas pelos estudantes. Os autores afirmam que no âmbito do estímulo ao empreendedorismo por parte das escolas, a preparação e o incentivo dado aos estudantes para criarem o seu próprio negócio é reduzido, ressalvando os cursos de licenciatura que no seu plano incluem disciplinas de marketing e empreendedorismo, onde os estudantes assumem que o curso incentivou e os preparou para a criação de um negócio próprio.

De acordo com o estudo no âmbito do Projecto EMPRENDE + INNOVA (2006), 39% dos empresários inquiridos defendem a inclusão de estágios profissionais e ateliers temáticos nos programas de formação universitária, que por sua vez incluíssem formação sobre criação e gestão de empresas.

Tabela 18: Percepção sobre o sistema educativo português

Variável	n	%
Local de ensino de conhecimentos básicos sobre a criação e gestão de um negócio		
Nas escolas secundárias	94	14,8
Nas escolas profissionais	86	13,5
No ensino superior: licenciatura	209	32,9
No ensino superior: pós-graduação/mestrado	59	9,3
Seminários/workshops/cursos para executivos	80	12,6
Formação profissional	106	16,7
Em nenhum lugar, não pode ser ensinado	1	0,2
Total	635	100,0
Sistema educativo português (n=313)		
Enquanto estudante, acredito que o nosso sistema educativo desenvolve uma predisposição para criarmos a nossa empresa	70	22,4
Enquanto estudante, não acredito que o nosso sistema educativo desenvolve uma predisposição para criarmos a nossa empresa	243	77,6
Conhecimento acerca do Programa Poliempreende (n=313)		
Não	184	58,8
Sim	129	41,2

De acordo com Dolabela (2006), a educação empreendedora deve estar presente desde a educação infantil até à universidade, tendo como objetivo desenvolver o espírito empreendedor. O mesmo autor

defende que todos os cursos deveriam incluir um conteúdo sobre empreendedorismo, pois os alunos precisam de aprender a empreender e não se limitarem aos conhecimentos específicos da sua área de estudo.

De salientar que apenas 22,4% dos estudantes finalistas inquiridos assumem que, enquanto estudantes, acreditam que o sistema educativo português desenvolve uma predisposição para a criação da própria empresa. De salientar que não existem diferenças quanto à perceção sobre o sistema educativo português entre os estudantes finalistas inquiridos da área das ciências empresariais e da área da saúde, conforme Figura 5.

De acordo com o estudo de Redford (2008), somente 14,8% acredita que o sistema educativo português desenvolve um estado de espírito que incentiva a criação de empresas.

Segundo o estudo de Rosário (2007), apenas 18,6% dos estudantes finalistas inquiridos acredita que o curso que frequenta forneceu os conhecimentos essenciais para o empreendedorismo. Os alunos que menos concordam com esta afirmação frequentam os cursos da área de Ciências, Educação Física, Artes do Espectáculo, Humanidades e Secretariado e Tradução. A maioria dos estudantes finalistas assume falta de conhecimentos técnicos, principalmente nos cursos da área das Ciências da Educação e Formação de Professores, Economia, Gestão e Contabilidade, Humanidades, Secretariado e Tradução. Cerca de 60% dos estudantes finalistas inquiridos assumem possuírem falta de competências de gestão, principalmente nos cursos da área de Arquitetura, Artes Plásticas e Design, Agricultura e Recursos Naturais.

Segundo o estudo no âmbito do Projecto EMPRENDE + INNOVA (2006), 47% dos empresários e 60% dos não empresários inquiridos, acreditam que a promoção do empreendedorismo deve ser efectuada através dos sistemas educativo e formativo.

De acordo com o estudo de Teixeira (2008a), os estudantes finalistas consideram que o curso que frequentam não fornecem as ferramentas e conhecimentos essenciais para a criação de um negócio próprio, pois admitem que possuem um conhecimento insuficiente quer a nível técnico, quer de gestão.

O estudo de Teixeira (2008b) conclui que apesar que uma quantidade razoável de estudantes das áreas das ciências empresariais e engenharia terem como objectivo a criação do próprio negócio, as suas intenções são prejudicadas pela preparação inadequada, visto estes reconhecerem que o conhecimento sobre a criação e gestão de negócios é insuficiente.

Segundo o estudo de Teixeira e Davey (2008), os estudantes inquiridos apresentam um reduzido conhecimento do processo empresarial, na medida em que poucos têm a noção do tipo de assuntos com que o empreendedor deve lidar, como se elaboram planos de negócios, quais as técnicas que permitem averiguar o que o mercado necessita e como financiar um negócio próprio. Os estudantes afirmam que o empreendedorismo poderia ser promovido se a escola os colocasse em contacto com a rede necessária para criar um negócio e os alunos empreendedores em contacto uns com os outros, tal como acontece na Universidade do Texas em Austin ou no MIT Entrepreneurship Center.

O estudo de Parreira et al. (2011) conclui que os estudantes do ensino superior politécnico percebem de forma mais relevante a preparação que o curso lhes confere para prosseguir com os estudos e para trabalhar numa organização e menos relevante para serem autónomos e para a criação da sua própria empresa. Face a estes resultados, os autores concluem que o ensino superior politécnico está direccionado para uma vertente mais académica do que profissional.

O estudo de Pinho e Gaspar (2012) conclui que para desenvolver o empreendedorismo no ensino superior é necessário incluir disciplinas de marketing em todos os cursos e proceder ao ensino dos conhecimentos direccionados para a criação e gestão de empresas. Esta conclusão deriva da percepção dos estudantes inquiridos assumirem que possuem as capacidades comportamentais estão mais desenvolvidas do que as capacidades de marketing, como por exemplo, identificar oportunidades de negócio, reunir os recursos necessários para a criação de uma empresa, fazer análises numéricas de marketing, comercializar e vender produtos.

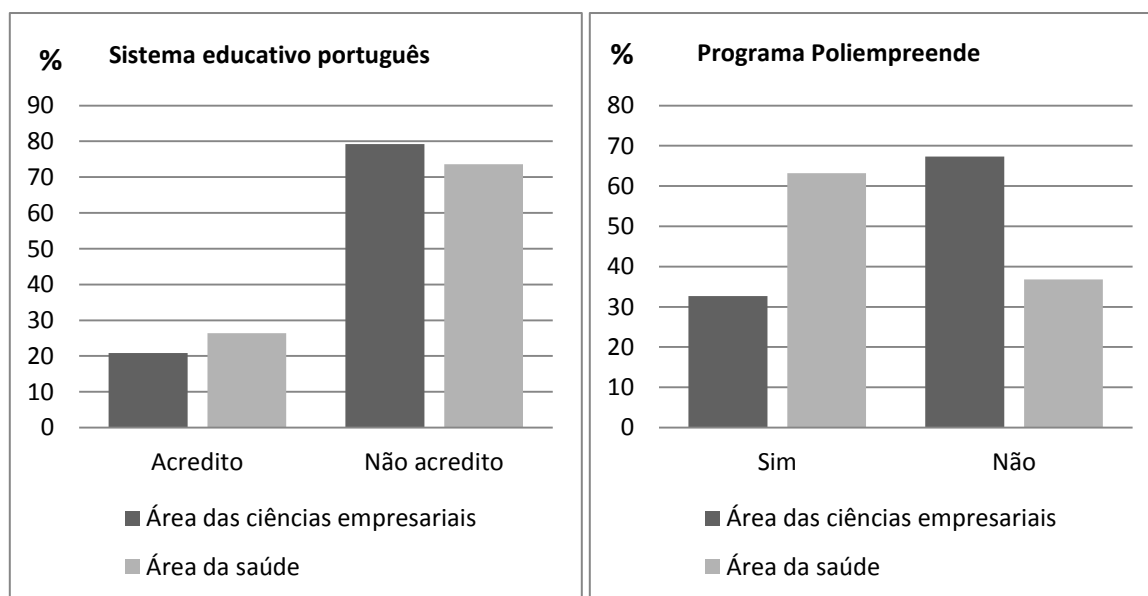


Figura 5: Percepção sobre o sistema educativo português e sobre o programa Poliempreende de acordo com a área de formação dos estudantes

Relativamente ao ensino politécnico, 58,8% dos estudantes inquiridos assumem nunca terem ouvido falar acerca do programa Poliempreende. No entanto, verifica-se que existem uma percentagem superior dos estudantes da área da saúde (63,2%) que já ouviram falar do programa, contra os 32,7% dos estudantes da área das ciências empresariais, conforme Figura 5. Conclui-se que o programa Poliempreende está melhor divulgado na ESTSP do que no ISCAP.

De acordo com o estudo de Parreira et al. (2011), conclui-se que o programa Poliempreende tem sido mal divulgado, principalmente nos Institutos Politécnicos de Santarém, Leiria, Tomar e Universidade do Algarve. Com melhor capacidade de divulgação refere-se a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, os Institutos Politécnicos de Viana do Castelo, Castelo Branco e Coimbra. Os estudantes

que mais acham o empreendedorismo atrativo foram aqueles que mais ouviram falar no Poliempreende.

No estudo de Pinho e Gaspar (2012), os autores concluem que o desenvolvimento do empreendedorismo no ensino superior politécnico em Portugal, deve passar pelo apoio dos IP aos estudantes que têm intenção de criar o seu próprio negócio, especialmente ao nível financeiro, da incubação de empresas e redes de relacionamento, bem como ao nível do ensino do empreendedorismo e marketing nos cursos de licenciatura.

5.1.6. Fatores psicológicos que mais explicam a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP do Porto

Neste ponto, o objetivo é analisar os fatores psicológicos que explicam a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do IP Porto, dessa forma será efetuada uma análise do Teste da Capacidade Empreendedora constituído por 60 itens. Como já foi indicado, a capacidade empreendedora corresponde às características psicológicas diferenciadoras do indivíduo empreendedor (Correia Santos, et al., 2010).

No Anexo II apresentam-se as médias e desvio-padrão dos respetivos itens, em que não se verificam variações significativas nestes valores. Apenas se regista que a variável “tenho tendência a revoltar-me contra a autoridade” e a variável “os meus recursos são ilimitados” apresentam resultados abaixo do valor médio da escala (3), o que significa que os estudantes finalistas inquiridos valorizam menos estas afirmações. O desvio-padrão registado é baixo de uma forma geral, o que significa que existe homogeneidade de respostas, à exceção da variável “alegra-me, frequentemente, estar só” que apresenta maior variação de respostas. São também apresentadas as correlações entre itens, observando-se uma alta correlação (0,769) entre a variável 9 “tenho muita imaginação” e a variável 10 “tenho ideias inovadoras”, e entre a variável 19 “sou ambicioso” e a variável 20 “sou perseverante” (0,622).

Visto existirem 60 itens para medir a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas do IP Porto, proceder-se-á a uma análise fatorial (utilizando os componentes principais como método de extração¹⁴ com rotação Varimax¹⁵) de forma a reduzir os dados, transformando o conjunto de 60 itens num conjunto menor de fatores representativos. O uso da análise fatorial neste estudo baseia-se no diagnóstico prévio do cálculo do Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e as estatísticas sobre o teste de Bartlett e o Alfa de Cronbach irá avaliar a fiabilidade dos fatores obtidos.

¹⁴ O método de extracção das componentes principais é um procedimento estatístico que permite transformar um conjunto de variáveis iniciais noutro conjunto de variáveis designadas por componentes principais, reduzindo a complexidade de interpretação dos dados (Pestana & Gageiro, 2003).

¹⁵ A rotação é aplicada para transformar os coeficientes das componentes principais retidas numa estrutura simplificada. A rotação Varimax pretende que, para cada componente principal, existam apenas alguns pesos significativos e todos os outros sejam próximos de zero (Pereira, 2006).

Procedeu-se à análise fatorial com extração de fatores pelo método de componentes principais seguida de uma rotação Varimax e foram analisados vários resultados. Verificou-se que de uma forma geral, as correlações entre todas as variáveis são baixas (abaixo de 0.30) o que poderá sugerir que alguns itens deverão ser eliminados da análise sob pena da amostra apresentar uma fraca adequabilidade à análise fatorial (Filho & Júnior, 2010), isto porque a análise fatorial depende do padrão de correlação entre as variáveis observadas e espera-se que as variáveis estatisticamente independentes não contribuam para a construção de um fator comum/componente principal. Assim, para a decisão acerca da inclusão ou exclusão de uma variável deve ser analisado o nível de associação entre a variável e o fator extraído, o que corresponde à comunalidade (Filho & Júnior, 2010). Em simultâneo, foram analisados os MSA – Measure of Sampling Adequacy¹⁶, sendo que os valores inferiores a 0,50 são considerados muito pequenos para análise e nesses casos é aconselhável eliminar as variáveis da análise (Pestana & Gageiro, 2003). Por fim, foram analisadas as cargas fatoriais de cada variável e identificadas as cargas elevadas (acima de 0,40) em todos os fatores/componentes. Segundo Hair et al. (2006) citado por Filho e Júnior (2010), a mesma variável não pode contribuir para a construção de fatores/componentes distintos e adota-se 0,40 como limite aceitável da contribuição da variável na criação do fator tendo como finalidade evitar o problema da indeterminação da relação entre variáveis e fatores/componentes.

Assim, decidiu-se retirar 30 variáveis sendo que esta situação poderá ser justificada pela parca robustez da amostra face ao número de variáveis que constituem o instrumento utilizado, visto que a razão entre o número de casos e a quantidade de variáveis deve exceder cinco para um ou mais (Hill, 2000) citado por (Pestana & Gageiro, 2003).

Realizou-se uma nova análise do constructo para uma versão de 30 variáveis. De forma a analisar a adequação da análise fatorial aos dados, o cálculo do Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) resultou no valor de 0,891 e o teste de esfericidade de Bartlett no valor significativo de 0,00. Ambos os resultados demonstram a factorização das variáveis consideradas (Pestana & Gageiro, 2003).

Segundo o critério de Kaiser¹⁷, devem ser extraídos 8 fatores latentes que explicam 62,4% da variância total. As comunalidades variam entre 0,501 e 0,772 de acordo com Tabela 19.

16 O MSA é o valor registado na diagonal da tabela de Anti-image Correlation que indica o poder de explicação dos fatores em cada uma das variáveis analisadas (Pestana & Gageiro, 2003).

17 O critério de Kaiser sugere que devem ser extraídos apenas os fatores com valor de *eigenvalue*/valor próprio acima de um, visto que um fator/componente que apresentar um baixo *eigenvalue*/valor próprio, está a contribuir de forma reduzida na explicação da variância nas variáveis originais (Filho & Júnior, 2010).

Tabela 19: Resultados da análise fatorial do Teste da Capacidade Empreendedora (versão de 30 variáveis)

	Dm	Cargas Fatoriais	Comunali- dades	Medidas
Fator 1 – Autoconfiança				
3.7. Acredito em mim	AC	,659	,655	
3.28. Sou corajoso	M	,604	,607	
3.34. Sou otimista	M	,658	,618	
3.40. Vivo com intensidade	CR	,617	,577	
3.41. Sou um 'batalhador'	AC	,414	,592	
3.42. Adoro a aventura	CR	,604	,619	
3.50. Aceito os desafios	AC	,472	,628	
3.54. Sou capaz de enfrentar qualquer situação	AC	,461	,544	
3.55. Tenho amor-próprio	AC	,602	,687	
Média				3,868
Eigenvalue				8,538
% da variância explicada				28,461
% total da variância explicada				28,461
Alfa de Cronbach				,852
Fator 2 - Liderança				
3.18. O que quer que acontece, sou sempre "senhor da situação"	AC	,753	,635	
3.19. Sou ambicioso	M	,509	,584	
3.20. Sou perseverante	M	,609	,633	
3.57. Considero os meus problemas apostas a vencer	C	,541	,501	
3.59. Gosto de ser "senhor das situações"	I	,771	,682	
Média				3,578
Eigenvalue				2,,199
% da variância explicada				7,331
% total da variância explicada				35,792
Alfa de Cronbach				,795
Fator 3 - Ambição				
3.13. Tento mesmo o impossível	M	,730	,670	
3.14. Aproveito todas as oportunidades	CR	,745	,664	
3.15. Sou tenaz	AD	,688	,657	
Média				3,590
Eigenvalue				1,620
% da variância explicada				5,400
% total da variância explicada				41,193
Alfa de Cronbach				,738
Fator 4 - Criatividade				
3.3. Utilizo, com frequência, objetos comuns de uma forma original	C	,639	,530	
3.9. Tenho muita imaginação	C	,807	,772	
3.10. Tenho ideias inovadoras	C	,800	,756	
Média				3,391
Eigenvalue				1,459
% da variância explicada				4,862
% total da variância explicada				46,055
Alfa de Cronbach				,751

Legenda: Dm – Dimensão original; I – Independência; AD – Autodisciplina; C – Criatividade; M – Motivações; CR – Capacidade de risco; AC – Autoconfiança.

Resultados da análise fatorial do Teste da Capacidade Empreendedora (versão de 30 variáveis)
(continuação)

	Dm	Cargas Fatoriais	Comunali- dades	Medidas
Fator 5 - Espírito de descoberta				
3.22. Estou aberto a ideias novas	C	,665	,559	
3.25. Aceito, de boa vontade, um elogio	AC	,680	,586	
3.26. Gosto de descobrir coisas novas e originais para fazer	CR	,636	,638	
3.37. Sou curioso	C	,444	,615	
Média				4,140
Eigenvalue				1,398
% da variância explicada				4,658
% total da variância explicada				50,713
Alfa de Cronbach				,690
Fator 6 - Responsabilidade				
3.46. Gosto de responsabilidades	I	,700	,633	
3.49. Sou responsável	M	,785	,743	
Média				4,109
Eigenvalue				1,256
% da variância explicada				4,186
% total da variância explicada				54,900
Alfa de Cronbach				,640
Fator 7 - Determinação				
3.43. Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário	M	,572	,565	
3.52. Consideram-me, por vezes, teimoso	I	,702	,541	
Média				3,796
Eigenvalue				1,151
% da variância explicada				3,835
% total da variância explicada				58,735
Alfa de Cronbach				,452
Fator 8- Independência				
3.33. A minha liberdade é um bem precioso	I	,676	,603	
3.35. Esforço-me por resolver as minhas dificuldades sozinho	I	,603	,616	
Média				4,104
Eigenvalue				1,093
% da variância explicada				3,644
% total da variância explicada				62,379
Alfa de Cronbach				,427

Legenda: Dm – Dimensão original; I – Independência; AD – Autodisciplina; C – Criatividade; M – Motivações; CR – Capacidade de risco; AC – Autoconfiança.

O Fator 1, denominado “autoconfiança” e é responsável por explicar 28,46% da variância explicada e regista um bom nível de consistência interna¹⁸ (0,854). Verifica-se a prevalência de variáveis associadas à dimensão original de autoconfiança e este fator refere-se a características psicológicas associadas às convicções que um indivíduo possui em relação a saber fazer algo e fazê-lo bem, de

¹⁸ A consistência interna dos fatores, atribuída pelo cálculo do Alfa de Cronbach, define-se como a proporção da variabilidade nas respostas que resulta de diferenças nos inquiridos.

conseguir alcançar algo, de saber suportar dificuldades e saber prescindir de algo. Em suma, uma postura positiva em relação às próprias capacidades e desempenho.

O Fator 2, denominado de “liderança”, explica 7,33% da variância explicada e registra um razoável nível de consistência interna (0,795). Não se verifica prevalência de variáveis associadas à mesma dimensão original, contudo, este fator reflete as características psicológicas que se relacionam com a persistência e influência que permitem o controle das pessoas e situações.

O Fator 3, denominado de “ambição”, explica 5,40% da variância explicada e apresenta um nível razoável de consistência interna (0,738). Não se verifica predomínio de variáveis associadas à mesma dimensão original, no entanto, identificam-se características psicológicas baseadas no desejo de alcançar objetivos exigentes e no saber identificar e alcançar oportunidades com persistência, apesar dos riscos envolvidos.

O Fator 4, denominado “criatividade”, explica 4,86% da variância total e apresenta um razoável alfa de Cronbach de 0,751. Este fator é composto por 3 variáveis associadas à dimensão original de “criatividade” e está associado a características psicológicas relacionadas com a imaginação e a originalidade.

O Fator 5, denominado “espírito de descoberta”, explica 4,66% da variância total e registra um fraco nível de consistência interna (0,690). Inclui itens de várias dimensões e está relacionado com a descoberta de coisas novas através da curiosidade e liberdade, implicando capacidade de risco.

O Fator 6, denominado “responsabilidade”, explica 4,19% da variância explicada e registra um fraco nível de consistência interna (0,640). Este fator está associado a características psicológicas que se baseiam na assunção de compromissos, cumpri-los e conseqüentemente, assumir riscos.

O Fator 7, denominado “determinação”, explica 3,84% da variância total e apresenta um inadmissível alfa de Cronbach (0,452), que é justificado pelo reduzido número de variáveis (apenas duas) que compõem este fator. Este fator está associado a características psicológicas relacionadas com motivação e determinação em alcançar objetivos específicos.

O Fator 8, denominado “independência”, explica 3,64% da variância total e registra um inadmissível alfa de Cronbach (0,643), valor justificado ser composto por apenas duas variáveis. As variáveis que compõem este fator correspondem à dimensão original de “independência” e está relacionado com características psicológicas associadas com a capacidade de não estar sob o domínio ou influência estranha, ou seja, ter o domínio das situações.

Sendo a consistência interna de cada fator medida pelo índice de fiabilidade alfa de Cronbach, os resultados apresentam um bom nível no fator 1, razoável nos fatores 2, 3 e 4, fraco nos fatores 5 e 6, e inadmissível nos fatores 7 e 8. Assim, é possível afirmar que os fatores encontrados “autoconfiança”, “liderança”, “ambição” e “criatividade” correspondem aos principais fatores psicológicos que explicam a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas do ISCAP e da ESTSP.

O fator que mais contribui para explicar a capacidade empreendedora dos estudantes finalistas é a autoconfiança. Assim, os estudantes finalistas são caracterizados por uma capacidade de padrões de

desempenho elevados, o que leva a um elevado sentido de responsabilidade. O grau de confiança nas suas competências poderá permitir antecipar e desempenhar várias ações em situação de incerteza.

Relativamente à liderança, o perfil psicológico dos estudantes finalistas é caracterizado pela presença de um sentido de controlo da situação, através do controlo das atividades a desenvolver e maior capacidade de assumir riscos. Este tipo de comportamento desenvolve um sentimento de controlo de resultados, estimulando esforços persistentes nesse sentido.

Quanto à ambição, os estudantes finalistas inquiridos são caracterizados por um comportamento que influencia a envolvente onde se encontram e, associado à perseverança, demonstram desejo na identificação de oportunidades e de as alcançar, apesar dos riscos envolvidos.

De facto, a criatividade e inovação são consideradas para alguns autores (Capítulo I) como o conceito central do empreendedorismo. Este desejo de novas experiências é visto como um desafio, em que a imaginação e a criatividade estimulam a personalidade dos estudantes finalistas inquiridos, tendo estes consciência dos riscos associados.

O perfil psicológico do empreendedor tem sido amplamente estudado por vários autores, nomeadamente David McClelland (1987) citado por Acúrio e Andrade (2005) que assinala a autoconfiança, a persistência, a independência, a motivação, a procura de oportunidades, a procura de informação, entre outras, como características de personalidade que definem o empreendedor.

Por seu lado, Timmons (1989) citado por Sarkar (2010) afirma que o empreendedor de sucesso deve ser uma pessoa que tem um elevado nível de criatividade e inovação, assim como capacidades de gestão.

Segundo o estudo de Rosário (2007), foram analisadas várias características psicológicas nos estudantes finalistas inquiridos, tais como a capacidade de arriscar, capacidade de tolerar a instabilidade, a incerteza quanto à remuneração, capacidade de liderança, criatividade e inovação. O estudo concluiu que, de uma forma geral, a capacidade de arriscar, a capacidade de liderança e a criatividade influenciam significativamente a capacidade empreendedora destes estudantes e, consequentemente a sua intenção empreendedora. O autor refere a existência de uma forte relação entre a capacidade de arriscar e o empreendedorismo, visto que os estudantes que revelam possuir maior capacidade de arriscar evidenciam maior taxa de intenção empreendedora (41,1%). As áreas de formação que reúnem simultaneamente, a maior taxa de intenção empreendedora e a maior capacidade de arriscar, são Arquitectura, Artes Plásticas e Design e Humanidades, Secretariado e Tradução. Relativamente à capacidade de liderança, o estudo demonstra que a taxa de intenção empreendedora nos alunos com esta característica é maior, concluindo que a capacidade de liderança está associada ao empreendedorismo. Os estudantes que revelam perfil de liderança e apresentam maior taxa de intenção empreendedora frequentam os cursos da área da Arquitectura, Artes Plásticas e Design (55,6%). Quanto à criatividade, os estudantes finalistas inquiridos que possuem esta característica, evidenciam uma maior taxa de intenção empreendedora. Neste caso, os estudantes

que apresentam maior taxa de intenção empreendedora e revelam um perfil criativo frequentam os cursos da área da Agricultura e Recursos Naturais.

No estudo de de Teixeira (2008b) foram analisadas as mesma características psicológicas identificadas no estudo de Rosário (2007) mas em estudantes finalistas das áreas das ciências empresariais e engenharia. O estudo também concluiu que a capacidade de assumir risco, a capacidade de liderança e a criatividade influenciam significativamente a capacidade empreendedora destes estudantes. Estas características são verificadas nos estudantes dos cursos de Economia, Engenharia Civil e Engenharia Industrial e de Gestão, que apresentam elevada capacidade empreendedora.

De acordo como estudo de Moreira (2011), 20% dos empresários recém-licenciados apontaram a atração pela autonomia e independência como das principais razões que os levaram a criar a própria empresa.

Segundo o estudo de Correia Santos, et al. (2010) que envolveu 521 estudantes universitários portugueses pertencentes a variadas áreas de formação, os estudantes da área de Ciências Sociais, Ciências da Saúde, Ciências da Gestão e Ciências das Tecnologias apresentam diferentes níveis de capacidade empreendedora, sendo que existem diferenças estatisticamente significativas nos valores médios das sub-dimensões de desejo de independência, motivação económica, capacidade de inovação, capacidade de comunicação e persuasão, capacidade para mobilizar recursos, capacidade de liderança e autoeficácia empreendedora. Os estudantes apresentam também diferenças significativas entre os valores médios das quatro dimensões principais: motivações empreendedoras, competências psicológicas, competências sociais e competências de gestão. Os autores concluíram ainda que os estudantes da Ciências da Gestão e Ciências Sociais são os que apresentam um índice de capacidade empreendedora mais elevado e os estudantes de Ciências da Saúde um índice mais reduzido.

De acordo com o estudo de Almeida (2003) que envolveu 99 empreendedores do conhecimento¹⁹, concluiu-se que das quatro variáveis da capacidade empreendedora não é possível confirmar a influência das capacidades instrumentais (relacionamento interpessoal e liderança) no desempenho das empresas. Das restantes três variáveis, capacidades pessoais (comportamentos), capacidades técnicas (conhecimento técnico e experiência) e capacidades de gestão (marketing, recursos humanos, finanças e estratégia), a evidência sugere que são as capacidades pessoais, tais como a perseverança, espírito de iniciativa, potencial criativo, capacidade para inovar, auto-motivação, capacidade para trabalhar, dos empreendedores que contribuem mais decisivamente para o desempenho das suas empresas.

Segundo o estudo de Teixeira e Davey (2008), os estudantes inquiridos que têm preferência pela criação de um negócio próprio são motivados pela possibilidade de realização e pela independência.

¹⁹ Empreendedores do conhecimento são aqueles que desenvolvem empresas do conhecimento designadas como organizações que criam ou adquirem, manipulam, integram, ou de qualquer outro modo, empreguem, transferem e difundem conhecimento como uma parte substancial da sua atividade (Almeida, 2003).

Os estudantes inquiridos definem o empreendedor como sendo um indivíduo com paixão, entusiasmo, iniciativa, persistência, que consegue identificar uma oportunidade numa ideia e com capacidade para arriscar num negócio próprio. Os estudantes assinalaram Belmiro de Azevedo, Joe Berardo e Américo Amorim como as figuras nacionais que representam empreendedores de sucesso, e Bill Gates, Steve Jobs e Richard Branson como figuras internacionais. Relativamente às empresas empreendedoras, a Sonae, Martifer e Portugal Telecom foram as mencionadas como modelos a nível nacional, e a Microsoft, Google Apple e IKEA, a nível internacional.

No estudo de de Teixeira (2008b) foram analisadas várias características psicológicas nos estudantes finalistas das áreas das ciências empresariais e engenharia, tais como a capacidade de assumir risco, capacidade de tolerar a instabilidade, a incerteza quanto à remuneração, capacidade de liderança, capacidade criativa e de inovar. O estudo concluiu que, de uma forma geral, a capacidade de assumir risco, a capacidade de liderança e a criatividade influenciam significativamente a capacidade empreendedora destes estudantes. Estas características são verificadas nos estudantes dos cursos de Economia, Engenharia Civil e Engenharia Industrial e de Gestão, que apresentam elevada capacidade empreendedora.

O estudo de Parreira et al. (2011) incide sobre o estudo do auto-conceito que representa aquilo que o indivíduo pensa de si em termos de características individuais, relacionamentos estabelecidos e desempenho de papéis. Os autores concluem que verifica-se nos estudantes um auto-conceito positivo em duas dimensões: Impulsividade, Maturidade Psicológica e Auto-eficácia, e Aceitação Social, e que o auto-conceito está relacionado com o desejo de empreender. Os autores concluem ainda que o perfil de estudantes é caracterizado por terem motivações empresariais ao nível da Segurança Familiar e na Realização e Oportunidade, serem cautelosos relativamente à entrada na vida profissional, não querendo correr riscos, e por parecem desiludidos com o empreendedorismo. Os autores justificam estas conclusões pela falta de conhecimento dos estudantes sobre o empreendedorismo.

Conclusões

O empreendedorismo é fundamental pelo facto de representar a criação de emprego, de estar associado à inovação e dar origem a riqueza através da constituição de PME que contribuem significativamente para a economia e o desenvolvimento regional de um país. O empreendedorismo é ainda mais importante num contexto de crise económica, política e social no qual Portugal se insere.

Por não existir uma definição de empreendedor e empreendedorismo universalmente aceite, cada estudo deve proceder à definição dos conceitos que irá utilizar.

O estudo do empreendedorismo e do empreendedor relaciona-se com as ações que caracterizam as atitudes e comportamentos dos ditos empreendedores. Quanto mais desenvolvida a sua capacidade empreendedora, mais possibilidades terá de obter sucesso ao nível da criação de um negócio próprio. No entanto, não existe um consenso no que se refere aos fatores psicológicos associados ao perfil do empreendedor, nem aos fatores que o influenciam a optar pelo empreendedorismo.

Devido à globalização, as ideias devem ser inovadoras de forma a competirem a nível mundial. É neste contexto, que o ensino superior deve intervir ao nível da formação e apoio aos empreendedores, e ao nível da cultura empreendedora na sociedade portuguesa. É no ensino superior que são desenvolvidos conhecimentos que irão gerar novas empresas de base tecnológica importantes para o país. O ensino superior deve ainda fomentar a inserção dos estudantes diplomados na vida empresarial e capacitá-los a responderem aos desafios da sua futura vida profissional.

Neste sentido, o ensino superior politécnico criou o Poliempreende de forma a fomentar a intenção e capacidade empreendedora dos estudantes através do estímulo à criatividade e inovação, acompanhamento dos novos negócios e sua monitorização, contribuindo para a redução da taxa de mortalidade das empresas.

O presente estudo teve como objetivo analisar a intenção empreendedora dos estudantes finalistas de duas escolas do Instituto Politécnico do Porto e os fatores que a influenciam. Envolveu 313 estudantes finalistas de duas áreas científicas: área das ciências empresariais e área da saúde.

Os resultados demonstram que 12,3% dos estudantes finalistas inquiridos têm intenção de criar um negócio próprio após concluírem a licenciatura e 65,2% têm intenção de o vir a fazer a médio/longo prazo esperando 2 a 10 anos. Aqueles que pretendem optar pelo empreendedorismo, têm o objetivo de servir maioritariamente o mercado português.

Conclui-se que os fatores de formação e a intenção empreendedora estão associados, verificando-se uma maior intenção empreendedora nos estudantes finalistas da área das ciências empresariais em relação aos estudantes finalistas da área da saúde, sendo nos cursos de Contabilidade e Administração e Marketing (área das ciências empresariais) e Medicina Nuclear e Farmácia (área da saúde) registada uma maior percentagem.

Quanto aos fatores sociodemográficos, conclui-se que o sexo, a idade, a atividade profissional remunerada e o familiar próximo empresário são fatores que estão associadas à intenção empreendedora. De facto, é notada uma maior intenção empreendedora nos estudantes finalistas do

sexo masculino, nos estudantes mais velhos (com idade a partir dos 26 anos), nos estudantes finalistas que desenvolvem ou tenham desenvolvido uma atividade profissional remunerada e nos estudantes que possuem na família um empresário (pais, irmãos, tios, avós). Conclui-se que a situação económica familiar e a intenção empreendedora são independentes.

Neste contexto, conclui-se que a maioria dos estudantes finalistas consideram o empreendedorismo atrativo visto terem em consideração a possibilidade de criação de um negócio próprio, no entanto verifica-se que essa intenção está mais interiorizada nos estudantes do sexo masculino. Verifica-se, assim, a necessidade de uma estratégia direcionada para o empreendedorismo feminino, dada a maior frequência dos estudantes do sexo feminino nas escolas inquiridas, de forma a equilibrar e desenvolver a intenção empreendedora nos estudantes das licenciaturas de um modo geral.

Relativamente aos fatores ambientais, conclui-se que os estudantes finalistas assumem que os riscos que mais receiam na criação de um negócio próprio relacionam-se com a possibilidade do negócio ir à falência e a incerteza quanto ao rendimento. Estes resultados corroboram a afirmação de que em Portugal existe um estigma social em relação à falência. É necessário elevar o conceito de empreendedorismo de forma a reduzir a aversão ao risco, na medida em que a falência passe a ser vista como um processo de aprendizagem e que o empreendedor tenha a oportunidade de recomeçar. Para esta mudança ocorra na cultura portuguesa, o ensino assume um papel fundamental.

Os entraves mais percecionados pelos estudantes finalistas na criação de um negócio próprio é o clima económico desfavorável que existe atualmente em Portugal. Seguem-se a burocracia de entidades governamentais e as dificuldades em obter financiamento de privados (bancos e capital de risco). A burocracia de entidades governamentais poderá ter sido apontada pelos estudantes finalistas como um dos maiores entraves à criação de um negócio próprio, por falta de informação acerca do processo de criação de empresas, pois atualmente existe uma grande facilidade nesse sentido. A burocracia ainda existente em Portugal relaciona-se com pedidos de autorizações e licenças governamentais. O apoio financeiro ao empreendedorismo verifica-se insuficiente em Portugal. De facto, existe ainda uma dificuldade de acesso a financiamento por parte de novas empresas, apesar de existir uma crescente dinamização da comunidade *Business Angels* em Portugal, no entanto os critérios são exigentes e o risco é assumido apenas pelo empreendedor, o que impede a concretização do projeto. Ao nível do financiamento bancário, as exigências e garantias são cada vez mais impraticáveis. O clima económico desfavorável decorre da crise económica, política e social pela qual Portugal está a passar e poderá ser, de alguma forma, combatido através da promoção do empreendedorismo.

Os estudantes finalistas referem que os conhecimentos básicos sobre a criação e gestão de um negócio devem ser ensinados no ensino superior durante a licenciatura. Apenas 22,4% dos estudantes finalistas inquiridos assumem que, enquanto estudantes, acreditam que o sistema educativo português desenvolve uma predisposição para a criação da própria empresa. Conclui-se que os estudantes finalistas não se sentem preparados para a criação de um negócio próprio, apesar de alguns dos cursos analisados incluírem disciplinas associadas ao empreendedorismo no seu plano

de estudo e ambas as escolas possuírem gabinetes de estágios e empregabilidade. Verifica-se que as metodologias de ensino devem ser reformuladas no sentido de fornecer os conhecimentos necessários ao empreendedorismo, promovendo o desenvolvimento de um perfil de estudantes com competências empreendedoras necessárias e suficientes para enfrentar o mercado, aumentando a probabilidade de sucesso do empreendedorismo individual. De facto, o ensino superior deve ser assumido como o instrumento vital na definição de uma estratégia nacional para o empreendedorismo em Portugal, passando por uma cultura do fomento do empreendedorismo.

Relativamente ao programa Poliempree, 58,8% dos estudantes finalistas assumem nunca ter ouvido falar acerca deste. Conclui-se que existe uma falta de comunicação e divulgação do Poliempree nestas duas escolas do Instituto Politécnico do Porto, mas principalmente no ISCAP onde essa situação se verifica de forma flagrante, não existindo uma visão inclusiva e participativa do empreendedorismo.

Quanto à capacidade empreendedora dos estudantes finalistas inquiridos, conclui-se que é explicada por quatro fatores psicológicos: a autoconfiança, a liderança, a ambição e a criatividade.

Os estudantes finalistas são caracterizados por uma capacidade de padrões de desempenho elevados, o que leva a um elevado sentido de responsabilidade. O grau de confiança nas suas competências poderá permitir antecipar e desempenhar várias ações em situação de incerteza.

Relativamente à liderança, o perfil psicológico dos estudantes finalistas é caracterizado pela presença de um sentido de controlo da situação, através do controlo das atividades a desenvolver e maior capacidade de assumir riscos. Este tipo de comportamento desenvolve um sentimento de controlo de resultados, estimulando esforços persistentes nesse sentido.

Quanto à ambição, os estudantes finalistas inquiridos são caracterizados por um comportamento que influencia a envolvente onde se encontram e, associado à perseverança, demonstram desejo na identificação de oportunidades e de as alcançar, apesar dos riscos envolvidos.

De facto, a criatividade e inovação são consideradas para alguns autores (Capítulo I) como o conceito central do empreendedorismo. Este desejo de novas experiências é visto como um desafio, em que a imaginação e a criatividade estimulam a personalidade dos estudantes finalistas inquiridos, tendo estes consciência dos riscos associados.

Na análise da capacidade empreendedora não se verificou se esta é diferente nos estudantes da área das ciências empresariais e nos estudantes da área da saúde, assim como não foi realizada uma análise da influência da capacidade empreendedora dos estudantes finalistas na intenção empreendedora. Um estudante pode possuir capacidade empreendedora mas não ter os comportamentos conducentes à criação de uma empresa, pois terá de estar motivado para tal.

Sugerem-se assim novas linhas de investigação, tendo em conta a validação do instrumento utilizado para os estudantes finalistas do ISCAP e da ESTSP. Ressalta-se, porém, o número limitado de participantes, variável que poderá influenciar os resultados, sendo aconselhado a realização de estudos com amostras mais amplas no futuro, visando maior generalização dos resultados encontrados.

De uma forma geral, o estudo apresentado foi limitado a duas escolas do Instituto Politécnico do Porto, e dessa forma, sugere-se a realização de um estudo que envolva todas as escolas que constituem o maior Instituto Politécnico do país.

Referências Bibliográficas

- 9' Poliempreende. (2011). *9' Poliempreende - Empreendedorismo no ensino superior politécnico*. Obtido em Agosto de 2012, de 9' Poliempreende - Empreendedorismo no ensino superior politécnico: <http://www.poliempreende.pt/default.htm>
- Abranja, N. A. (2008). O empreendedorismo no Ensino Superior de Turismo. *Cogitur: Journal of Tourism Studies vol.1* , pp. 9-20.
- Acs, Z. J., & Audretsch, D. B. (2005). *Entrepreneurship, innovation and technological change*. Obtido em Agosto de 2012, de Indiana University: <http://www.indiana.edu/~idsspea/papers/ISSN%2005-5.pdf>
- Acúrio, M. R., & Andrade, R. C. (2005). *O empreendedorismo na escola*. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras.
- Ahmetoglu, G., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). Measure of entrepreneurial tendencies and abilities. *Unpublished Measure* .
- Ahmetoglu, G., Leutner, F., & Chamorro-Premuzic, T. (2011). Understanding the relationship between individual differences in Trait Emotional Intelligence and entrepreneurship. *Personality and Individual Differences, vol. 51* , pp. 1028-1033.
- Almeida, P. J. (2003). Da capacidade empreendedora aos activos intangíveis no processo de criação de empresas do conhecimento. *Tese de Mestrado - Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior Técnico* .
- Arend, R. J. (1999). Emergence of entrepreneurs following exogenous technological change. *Strategic Management Journal, vol. 20 (1)* , pp. 31-47.
- Arzeni, S., & Pellegrin, J. P. (Fevereiro/Março de 1997). Entrepreneurship and local development. *The OECD Observer, vol.204* , pp. 27-29.
- Audretsch, D. B., & Fritsch, M. (2002). Growth regimes over time and space. *Regional Studies, vol. 36 (2)* , pp. 113-124.
- Audretsch, D. B., & Thurik, A. R. (2001). What's new about the new economy? Sources of growth in the managed and entrepreneurial economies. *Industrial and Corporate Change, vol. 10 (1)* , pp. 267-315.
- Baron, R. A., & Shane, S. A. (2007). *Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thomson Learning.
- Braga, A. M. (2003). O desempenho inovador na economia dirigida pelo conhecimento. *XIII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica* , pp. 21-30.
- Brock, W. A., & Evans, D. S. (1989). Small business economics. *Small Business Economics, vol. 1 (1)* , pp. 7-20.
- Bruce, P., & Kirchoff, A. B. (1989). Formation, growth and survival; Small firm dynamics in the U.S. Economy. *Small Business Economics, vol.1 (1)* , pp. 65-74.

- Busenitz, L., West III, P., Sheperd, D., Nelson, T., Chandler, G., & Zacharakis, A. (Junho de 2003). Entrepreneurship research in emergence: past trends and future directions. *Journal of Management*, vol.29 (3) , pp. 285-308.
- Bygrave, D. W., & Hofer, C. W. (1991). Theorizing about entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, vol.16 (2) , pp. 13-22.
- Bygrave, W., & Minniti, M. (2000). The social dynamics of entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, vol.24 (3) , pp. 25-36.
- Caetano, D. (2012). *Empreendedorismo e incubação de empresas*. Bnomics.
- Cantillon, R. (2010). *Essai Sur La Nature Du Commerce En General (1755)* . Kessinger Publishing Company.
- Carter, N. M., Gartner, B. W., & Shaver, K. G. (Janeiro de 2003). The career reasons of nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, vol.18 (1) , pp. 13-39.
- Carvalho, L. M. (2003). A Trilogia Empreendedorismo, Portugal e o Futuro. *I Jornadas de Gestão e Empreendedorismo da UIFF, Universidade Internacional da Figueira da Foz* , pp. 1-13.
- Cerizza, A. A., & Vilpoux, O. F. (Novembro de 2006). Empreendedorismo e empreendedores: uma revisão bibliográfica. *XIII SIMPEP - Bauru, Brasil* .
- Chiavenato, I. (2005). *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo: Saraiva.
- Comissão Europeia. (2006). *Aplicar o programa comunitário de Lisboa: promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Bruxelas: Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões.
- Comissão Europeia. (2004). *Contribuir para a criação de uma cultura empresarial: um guia de boas práticas para a promoção de atitudes e competências empresariais através da educação*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Comissão Europeia. (1995). *Livro Verde para a Inovação*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- Comissão Europeia. (2003). *Livro Verde: Espírito Empresarial na Europa*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- Cunningham, J. B., & Lischeron, J. (1991). Defining entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, vol.29 (1) , pp. 45-61.
- Davidsson, P., & Wiklund, J. (2001). Levels of analysis in entrepreneurship research: Current research practice and suggestions for the future. *Entrepreneurship Theory and Practice*, vol.25 (4) , pp. 81-100.
- Davidsson, P., Low, M., & Wright, M. (2001). Editor's introduction: Low and MacMillan Ten years on: Achievements and future directions for entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, vol.25 (4) , pp. 5-16.
- Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. (2006). *Guião Educação para o empreendedorismo*. Ministéri da Educação.

- Dolabela, F. (2006). *O segredo de Luísa*. São Paulo: Editora de Cultura.
- Dornelas, J. (2003). *Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e ser diferente em organizações estabelecidas*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Dornelas, J. (2005). *Empreendedorismo: Transformando Idéias em Negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Douglas, E. J., & Shepherd, D. A. (2000). Entrepreneurship as a utility maximizing response. *Journal of Business Venturing*, vol.15 (3) , pp. 231-251.
- Drucker, P. (1985). *Innovation and Entrepreneurship*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Drucker, P. (1987). *Inovação e espírito empreendedor*. São Paulo: Pioneira.
- Duarte, C., & Esperança, J. P. (2012). *Empreendedorismo e Planeamento financeiro*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ede, F. O., Bhagaban, P., & Calcich, S. E. (Maio/Junho de 1998). African american student's attitudes towards entrepreneurship education. *Journal of Education for Business*, vol. 73 nº5 , pp. 291-296.
- Eurobarometer. (2009). *European Commission*. Obtido em 08 de 2012, de http://ec.europa.eu/index_en.htm
- Ferreira, M. P., Reis, N. R., & Serra, F. R. (2009). *Marketing para empreendedores e pequenas empresas*. Lisboa: Lidel - edições técnicas, Lda.
- Ferreira, M. P., Santos, J. C., & Serra, F. R. (2010). *Ser Empreendedor - Pensar, criar e moldar a nova empresa*. Edições Sílabo, Lda.
- Filho, D. B., & Júnior, J. A. (2010). Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. *Opinião Pública, Campinas*, vol.16 (1) , 160-185.
- Filion, L. J. (Abril/Junho de 1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, vol.34 (2) , pp. 5-28.
- Filion, L. J. (1998). From entrepreneurship to entreprenology: the emergence of a new discipline. *Journal of Enterprising Culture*, vol.6 (1) , pp. 1-23.
- Fontenele, R. (Nov./Dez. de 2010). Empreendedorismo, competitividade e crescimento econômico: evidências empíricas. *Revista de Administração Contemporânea*, vol.14 (6) , pp. 1094-1112.
- Franke, N., & Lüthje, C. (2004). Entrepreneurial intentions of business students: A benchmarking study. *International Journal of Innovation and Technology Management*, vol.1 (3) , pp. 269-288.
- Gartner, W. B. (1989). "Who is an entrepreneur?" Is the wrong question. *American Journal of Small Business*, vol.12 (4) , pp. 11-32 .
- Gartner, W. B. (1990). What are we talking about when we talk about entrepreneurship? *Journal of Business Venturing*, 5 (1) , pp. 15-28.
- Gartner, W. B., & Shane, S. A. (Julho de 1995). Measuring entrepreneurship over time. *Journal of Business Venturing*, vol.10 (4) , pp. 283-301.

- Gaspar, F. A. (2006). A influência do capital de risco e da incubação de empresas. *Tese de Doutoramento*. Santarém: Universidade Lusíada de Lisboa.
- Gaspar, F. A. (2004). Factores regionais determinantes da criação de empresas. *XIV Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, pp. 407-416.
- Gaspar, F. (Fevereiro de 2003). O estudo do empreendedorismo e a relevância do capital de risco. *XIII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, pp. 191-200.
- Gaspar, F., & Pinho, L. (Maio de 2007). The importance of entrepreneurship and the situation in Portugal. *Global Management 2007 Conference*, pp. 239-246.
- GCI. (2011-2012). *Global Competitiveness Index*. Obtido em 8 de 2012, de World Economic Forum: <http://gcr.weforum.org/gcr2011/>
- GEM. (2007). *SPI - Sociedade Portuguesa de Informação*. Obtido em 8 de 2012, de Global Entrepreneurship Monitor: <http://www.spi.pt/p.publicacoes>
- GEM. (2010). *SPI - Sociedade Portuguesa de Inovação*. Obtido em 08 de 2012, de Global Entrepreneurship Monitor: <http://www.spi.pt/p.publicacoes>
- Gonçalves, M. A. (2000). O Empreendedorismo em Portugal: tipificação das empresas e perfil dos empreendedores. *Tese de mestrado*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Gonçalves, V. (2009). Empreendedorismo: do ensino básico ao ensino superior. X Congresso – Bragança: 30 de Abril e 1 e 2 de Maio de 2009: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Gürol, Y., & Atsan, N. (2006). Entrepreneurial characteristics amongst university students: some insights for enterprise education and training in Turkey. *Education and Training*, vol.48 (1), pp. 25-38.
- Hansemark, O. C. (2003). Need for achievement, locus of control and the prediction of business start-ups: a longitudinal study. *Journal of Economic Psychology*, vol.24 (3), pp. 301-319.
- Hébert, R. F., & Link, N. A. (1988). *The Entrepreneur: mainstream views and radical critiques*, 2th edition. New York: Praeger.
- Henderson, J. (2002). Building the rural economy with high-growth entrepreneurs. *Economic Review - Federal Reserve Bank of Kansas City*, Q III, pp. 45-70.
- Henderson, R., & Robertson, M. (2000). Who wants to be an entrepreneur? Young adult attitudes to entrepreneurship as a career. *Career Development International*, vol.5 (6), pp. 279-287.
- Hisrich, R. D. (1986). *Entrepreneurship, Intrapreneurship and Venture Capital*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Hisrich, R. D., & Peters, M. P. (2004). *Empreendedorismo*, 5ª edição. Porto Alegre: Bookman.
- IAPMEI. (n. d.). *Empreendedorismo*. Obtido em Abril de 2012, de IAPMEI - Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação: <http://www.iapmei.pt/iapmei-bimteste-01.php>
- IAPMEI. (2008). *Observatório da Criação de Empresas - Relatório de 2007*. Obtido em Agosto de 2012, de IAPMEI - Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação: <http://www.iapmei.pt/iapmei-art-03.php?id=2086>

INE. (Novembro de 2012). *Instituto Nacional de Estatística*. Obtido em Novembro de 2012, de Portal do Instituto Nacional de Estatística - Taxa de desemprego de 15,8% - 3.º Trimestre de 2012: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=133401891&DESTAQUESmodo=2

INE. (2012). *Instituto Nacional de Estatísticas*. Obtido em Agosto de 2012, de Portal do Instituto Nacional de Estatísticas - Evolução do setor empresarial em Portugal : 2004-2010: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=143262137&PUBLICACOESstema=55579&PUBLICACOESmodo=2

Jesuino, J. C., Reis, E., & Cruz, E. (1988). Motivações empresariais em Portugal. Uma perspectiva transcultural. *Revista de Gestão, nº II-III*, pp. 43-50.

Kirzner, I. (Março de 1997). Entrepreneurial discover and the competitive market process: an austrian approach. *Journal of Economic Literature*, vol.35 (1), pp. 60-85.

Klapper, R., & Léger-Jarniou, C. (2006). Entrepreneurial intention among French Grande École and university students: an application of Shapero's model. *Industry & Higher Education*, vol.20 (2), pp. 97-110.

Kolvereid, L. (1996). Prediction of employment status choice intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, vol. 21 (1), pp. 47-56.

Kourilsky, M. L., & Walstad, W. B. (1998). Entrepreneurship and female youth: Knowledge, attitudes, gender differences and educational practices. *Journal of Business Venturing*, vol. 13 (1), pp. 77 - 88.

Lago, M., Oliveira, L., Cabral, P., Cheng, L., & Filion, L. (2005). O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores. *Quim. Nova, vol.28 (suplemento)*, pp. S18-S25.

Leite, A., & Oliveira, F. (2007). Empreendedorismo e Novas Tendências. *Estudo EDIT VALUE Empresa Júnior, n.º 05*.

Loveman, G. W., & Sengenberger, W. (1991). The re-emergence of small-scale production: an international comparison. *Small Business Economics*, vol. 3 (1), pp. 1-37.

Low, M. B., & MacMillan, I. C. (Junho de 1988). Entrepreneurship: past research and future challenges. *Journal of Management*, vol. 14 (2), pp. 139-161.

Lucas, R. (1988). On the mechanics of economic development. *Journal of Monetary Economics*, vol. 22 (1), pp. 3-42.

Lüthje, C., & Franke, N. (Março de 2003). The 'Making' of an Entrepreneur: Testing a Model of Entrepreneurial Intent among Engineering Students at MIT. *R&D Management*, vol. 33 (2), pp. 135-147.

Macrae, N. (Dezembro de 1976). The Coming Entrepreneurial Revolution. *The Economist*, vol.261 (6956), pp. 41-66.

Macrae, N. (Abril de 1982). We're all Intrapreneurial Now. *The Economist*.

Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda.

- Martinez, L. F., & Ferreira, A. I. (2008). *Análise de dados com SPSS - Primeiros passos, 2ª edição*. Lisboa : Escolar Editora.
- McClelland, D. C. (1987). Characteristics of successful entrepreneurs. *Journal of Creative Behavior*, vol.21 (3) , pp. 219-233.
- McClelland, D. C. (1967). *The Achieving Society*. New York: D. Van Nostrand Company, Inc. - The Free Press Paperback.
- Mendes et al. (2011). *Portugal primeiro - Empreendedores precisam-se*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Mill, J. S. (1909). *Principles of political economy with some of their applications to social philosophy*, ed. William James Ashley, 7th ed. London: Longmans, Green and Co.
- Ministério da Economia e Inovação. (Março de 2009). Decreto-Lei n.º 65/2009 de 20 de Março.
- Montanye, J. A. (2006). Entrepreneurship. *The independent review*, X (4) , pp. 549-571.
- Moreira, H. R. (Maio de 2009). Mobilidade e empreendedorismo no ensino superior: o caso das ciências sociais. *Tese de mestrado* . Universidade do Minho - Instituto das Ciências Sociais.
- Moreira, R. (2011). Empreendedorismo na Universidade do Minho - O caso dos diplomados das ciências sociais. *Centro de Investigação em Ciências Sociais - Working paper 4* , pp. 1-17.
- Naisbett, J., & Aburdene, P. (1985). *Reinventing the corporation*. Warner Books.
- Oakey, R., Mukhtar, S.-M., & Kipling, M. (2002). Student perspectives on entrepreneurship: observations on their propensity for entrepreneurial behaviour. *International journal of entrepreneurship and innovation management*, vol.2 (4/5) , pp. 308-322.
- Parreira, P., Pereira, F. C., & Brito, N. V. (2011). *Empreendedorismo e Motivações Empresariais no Ensino Superior*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, A. (2006). *Guia prático de utilização do SPSS - Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, F. J. (2001). *Representação social do empresário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de Dados para Ciências Sociais - A Complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Pinho, L. M., & Gaspar, F. A. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22. Vila Real.
- Projecto EMPRENDE + INNOVA. (2006). *EMPRENDE + INNOVA*. Obtido em Agosto de 2012, de EMPRENDE + INNOVA: http://www.emprendeinnova.org/es/rte/docs/2_Facteurs_Renforçant_lesprit_Entrepreneur_INSCOOP.pdf
- Reber, A. S., & Reber, E. S. (2001). *The Penguin dictionary of psychology, Fourth Edition*. Londres: Penguin Books.

- Redford, D. T. (2008). The state of entrepreneurship education in Portugal: an empirical study on a nascent system in the European Union policy framework. *Tese de doutoramento*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Reynolds, P. D. (1994). Autonomous Firm Dynamics and Economic Growth in the United States, 1986-1990. *Regional Studies: The Journal of the Regional Studies Association*, vol.28 (4) , pp. 429-442.
- Reynolds, P. D. (1999). Creative destruction: source or symptom of economic growth? In Z. J. Acs, C. B., & K. C., *Entrepreneurship, Small and Medium-Sized Enterprises and the Macroeconomy* (pp. 97-136). Reino Unido: Cambridge University Press.
- Reynolds, P. D., & Maki, W. (1991). Regional Characteristics Affecting Business Growth: Assessing Strategies for Promoting Regional Economic Well-Being. *Project report submitted to Rural Poverty and Resource Program, The Ford Foundation, Grant 900-013*.
- Reynolds, P., Storey, D. J., & Westhead, P. (1994). Cross-national comparisons of the variation in new firm formation rates. *Regional Studies*, vol.28 (4) , pp. 443-456.
- Ribeiro, M. L., Vilas Boas, A. A., Oliveira, G. d., & Magalhães, M. D. (2010). Empreendedorismo e Inteligência Emocional: uma parceria de sucesso. *VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão*, (pp. 1-19). Niterói, Brasil.
- Ribeiro, M., Fernandes, A., Matos, A., & Cabo, P. (2011). Empreendedorismo, inovação e desenvolvimento local: as micro e pequenas empresas do interior Norte de Portugal. *5º Congresso de Gestão e Conservação da Natureza*, (pp. 193-207). Bragança.
- Romer, P. (1994). The origins of endogenous growth. *The Journal of Economic Perspectives*, vol. 8 (1) , pp. 3-22.
- Ronstadt, R. C. (1984). *Entrepreneurship: text, cases and notes*. The University of Virginia: Lord Publishing Co.
- Rosário, A. E. (2007). Propensão ao Empreendedorismo dos alunos finalistas da Universidade do Porto. *Tese de mestrado*. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Saes, D. X., & Pita, F. H. (Julho/Dezembro de 2007). Empreendedorismo no ensino superior: uma abordagem teórica. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais*, vol.4 (2) , pp. 33-41.
- Santos, S. C., Caetano, A., & Curral, L. (Outubro/Dezembro de 2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo - Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, vol.9 (4) , pp. 2-14.
- Saraiva, P. M. (2011). *Empreendedorismo: do conceito à aplicação, da ideia ao negócio, da tecnologia ao valor*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação, 2ª edição*. Lisboa: Escolar Editora.
- Schacht, W. N. (2010). Industrial competitiveness and technological advancement: Debate over government policy. *Congressional Research Service*, (pp. 1-12).
- Schumpeter, J. A. (2003). *Capitalism, socialism and democracy (1942), 6th edition*. USA: Taylor & Francis e-Library.

Schumpeter, J. A. (2004). *The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle (1912/1934), Tenth printing*. USA: Transaction Publishers .

Scott, M., & Twomey, D. F. (1988). The long-term supply of entrepreneurs: students career aspirations in relation to entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, vol. 26 (4) , pp. 5–13.

Shane, S. (2003). *A general theory of entrepreneurship: the individual - opportunity nexus*. Edward Elgar Publishing Limited.

Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, 25 (1) , pp. 217-226.

Silvestre, A. L. (2000). *Análise de Dados: Estatística Descritiva*. Lisboa: Editora Vulgata.

SPI. (2001). The Fostering of Entrepreneurship in Portugal. *Sociedade Portuguesa de Inovação with the support of Nova Forum, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento and Banco Português do Investimento* .

Stevenson, H. H., & Jarillo, J. C. (1990). A Paradigm of Entrepreneurship: Entrepreneurial Management. *Strategic Management Journal*, vol.11 (special issue: Corporate Entrepreneurship) , pp. 17-27.

Stewart, A. (1991). A prospectus on the anthropology of entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 16 (2) , pp. 71-91.

Tang, L., & Koveos, P. (2004). Venture entrepreneurship, innovation entrepreneurship and economic growth. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, vol.9 (2) , pp. 161-171.

Teixeira, A. A. (2008a). Entrepreneurial potential in Chemistry and Pharmacy courses. Results from a large survey. *Journal of Business Chemistry*, vol. 5 (2) , pp. 48-63.

Teixeira, A. A. (2008b). Entrepreneurial Potential in Engineering and Business Courses... Why Worry Now? *Innovation in Manufacturing Networks, IFIP International Federation for Information Processing*, vol. 266 , pp. 325-336.

Teixeira, A. A., & Davey, T. (2008). Atitudes of higher education students to new venture creation: a preliminary approach to the portuguese case. *FEP Working Papers*, nº 298 .

Teixeira, A. A., & Forte, R. (2008). Entrepreneurial intentions of final year university students: a multi-course investigation. *4th European Conference on Entrepreneurship and Innovation*. The University of Antwerp, Belgium.

Thurik, A. R. (1999). Entrepreneurship, industrial transformation and growth. *The sources of entrepreneurial activity: advances in the study of entrepreneurship, innovation, and economic growth*, vol. 11 , pp. 29-65.

Timmons, J. A. (1989). *The Entrepreneurial Mind*. Andover Massachusetts: Brick House Publishing Company.

Timmons, J. A., & Spinelli, S. (2009). *New Venture Creation: Entrepreneurship for the 21st Century (1994), 8th edition*. McGraw-Hill Companies.

Ucbasaran, D., Westhead, P., & Wright, M. (2001). The focus of entrepreneurial research: contextual and process issue. *Entrepreneurship Theory and practice*, 25 (4) , pp. 57-80.

Van Stel, A., Carree, M., & Thurik, R. (2005). The effect of entrepreneurial activity on national economic growth. *Small Business Economics*, vol. 24 (3) , pp. 311-321.

Vieira, D. A. (2012). *Transição do ensino superior para o trabalho: o poder da autoeficácia e dos objectivos profissionais*. Porto: Edições Politeia - Fundação Instituto Politécnico do Porto.

Virtanen, M. (1997). The role of different theories in explaining entrepreneurship. *USASBE Annual National Conference*. San Francisco: Helsinki School of Economics and Business Administration.

Welsch, H., & Liao, J. (2003). Strategies for entrepreneurship development: striking a balance between explorative and exploitative research. In *New Movements in Entrepreneurship* (pp. 20-34). USA: Edward Elgar Publishing.

Wennekers, S., & Thurik, R. (1999). Linking entrepreneurship and economic growth. *Small Business Economics*, vol. 13 , pp. 27-55.

Zoltán, J. Á., & László, S. (2010). The Global Entrepreneurship and Development Index (GEDI). *Summer Conference 2010 on "Opening Up Innovation: Strategy, Organization and Technology"*. Imperial College London Business School.

Anexos

Anexo I – Inquérito à intenção empreendedora dos estudantes finalistas

APNOR - ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE



INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO

Caro Estudante:

Este estudo insere-se num projeto de investigação relativo ao **empreendedorismo no ensino superior**, no âmbito da realização de uma tese de **mestrado na APNOR** (Associação dos Politécnicos do Norte), pela licenciada em Comércio Internacional, *Sara Carvalho Costa*.

Todas as **respostas** que lhe solicitamos **são confidenciais e anónimas**, sendo a sua participação muito importante para o apuramento de informação relacionada com as questões associadas ao empreendedorismo no ensino superior.

Muito obrigada pela sua colaboração,

A Mestranda,
Sara Carvalho Costa

1. Identificação

Assinale com uma cruz a resposta que melhor descreve a sua situação (quando aplicável).

1.1. Escola:

1.2. Curso:

1.3. Idade:

1.4. Sexo:

Masculino

Feminino

1.5. Já teve ou tem alguma atividade profissional remunerada?

Sim

Não

1.6. Tem algum familiar próximo (pais, irmãos, tios, avós) que seja empresário?

Sim

Não

1.7. Como classificaria a situação económica da sua família?

Excelente

Razoável

Muito boa

Má

Boa

Programa Poliemprende

1.8. Já ouviu falar do programa Poliemprende?

Sim

Não

2. Perceções sobre o futuro

Assinale com uma cruz a resposta que melhor descreve a sua situação.

2.1. Depois de concluir o seu curso, o que tenciona fazer?

<input type="checkbox"/>	Trabalhar na função pública	<input type="checkbox"/>	Criar uma empresa própria
<input type="checkbox"/>	Trabalhar numa empresa multinacional	<input type="checkbox"/>	Outro (por favor, especifique)
<input type="checkbox"/>	Trabalhar numa PME		_____

2.2. Acredita na possibilidade de alguma vez vir a ter o seu próprio negócio?

<input type="checkbox"/>	Sim	<input type="checkbox"/>	Não (se não, passe para a questão 2.5.)
--------------------------	-----	--------------------------	---

2.3. Quanto tempo pensa que irá esperar após a conclusão do curso para iniciar o seu negócio?

<input type="checkbox"/>	No máximo, 2 anos	<input type="checkbox"/>	Entre 6 a 10 anos
<input type="checkbox"/>	Entre 2 a 5 anos	<input type="checkbox"/>	Mais de 10 anos

2.4. O negócio que pensa criar irá servir o mercado:

<input type="checkbox"/>	Local	<input type="checkbox"/>	Europeu
<input type="checkbox"/>	Português	<input type="checkbox"/>	Mundial
<input type="checkbox"/>	Ibérico		

2.5. Se fosse iniciar um novo negócio, quais são os dois riscos que mais receia?

<input type="checkbox"/>	A incerteza quanto ao rendimento	<input type="checkbox"/>	A possibilidade de falhar a nível pessoal
<input type="checkbox"/>	A insegurança no trabalho	<input type="checkbox"/>	A possibilidade do negócio ir à falência
<input type="checkbox"/>	A possibilidade de sacrificar bens pessoais	<input type="checkbox"/>	Outro (por favor, especifique)
<input type="checkbox"/>	A necessidade de dedicar demasiado tempo nele		_____

2.6. Na sua opinião, quais são os dois principais entraves à criação de uma empresa em Portugal?

<input type="checkbox"/>	Burocracia de entidades governamentais	<input type="checkbox"/>	Rigidez do mercado de trabalho
<input type="checkbox"/>	Clima económico desfavorável	<input type="checkbox"/>	Dificuldades em obter financiamento de privados (bancos, capital de risco, etc.)
<input type="checkbox"/>	Ausência de informação disponível		
<input type="checkbox"/>	Ausência de apoios financeiros por parte do Estado	<input type="checkbox"/>	Outro (por favor, especifique)
<input type="checkbox"/>	Elevado montante necessário para criar uma empresa		_____

2.7. Na sua opinião, onde deverão ser ensinados conhecimentos básicos sobre a criação e gestão de um negócio? (selecione aqueles que ache mais apropriados)

<input type="checkbox"/>	Nas escolas secundárias	<input type="checkbox"/>	Formação profissional
<input type="checkbox"/>	Nas escolas profissionais	<input type="checkbox"/>	Outro (por favor, especifique)
<input type="checkbox"/>	No ensino superior: licenciatura		
<input type="checkbox"/>	No ensino superior: pós-graduação/mestrado	<input type="checkbox"/>	Em nenhum lugar, não pode ser ensinado
<input type="checkbox"/>	Seminários/workshops/cursos para executivos		

2.8. Qual das seguintes afirmações mais se adequam à sua opinião?

<input type="checkbox"/>	Enquanto estudante, acredito que o nosso sistema educativo desenvolve uma predisposição para criarmos a nossa própria empresa	<input type="checkbox"/>	Enquanto estudante, não acredito que o nosso sistema educativo desenvolve uma predisposição para criarmos a nossa própria empresa
--------------------------	---	--------------------------	---

3. Capacidade Empreendedora

Selecione a frequência com que as situações seguintes ocorrem, assinalando com um círculo o número a que melhor corresponde.

	1	2	3	4	5
	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente	Sempre
3.1. Experimento fazer as coisas de diversas maneiras.	1	2	3	4	5
3.2. Sou motivado.	1	2	3	4	5
3.3. Utilizo, com frequência, objectos comuns de uma forma original.	1	2	3	4	5
3.4. Sou capaz de falar de uma boa ideia mesmo que não esteja certo do seu sucesso.	1	2	3	4	5
3.5. Termino o que começo mesmo que tal implique muito trabalho.	1	2	3	4	5
3.6. Tenho a faculdade de encontrar todo o tipo de soluções para os meus problemas.	1	2	3	4	5
3.7. Acredito em mim.	1	2	3	4	5
3.8. Sou capaz de trabalhar durante o tempo necessário para levar a cabo um projecto.	1	2	3	4	5
3.9. Tenho muita imaginação.	1	2	3	4	5
3.10. Tenho ideias inovadoras.	1	2	3	4	5
3.11. Tenho uma boa capacidade de concentração.	1	2	3	4	5
3.12. Estou disposto(a) a fazer sacrifícios se espero uma recompensa a longo prazo.	1	2	3	4	5
3.13. Tento mesmo o impossível.	1	2	3	4	5
3.14. Aproveito todas as oportunidades.	1	2	3	4	5
3.15. Sou tenaz (persistente).	1	2	3	4	5
3.16. Ponho em prática as minhas 'boas' resoluções.	1	2	3	4	5
3.17. Procuro entender os meus erros para tirar partido deles.	1	2	3	4	5
3.18. O que quer que acontece, sou sempre 'senhor(a) da situação'.	1	2	3	4	5
3.19. Sou ambicioso.	1	2	3	4	5

3.20. Sou perseverante.	1	2	3	4	5
3.21. Estou pronto a desafiar tudo para conseguir algo em que acredito.	1	2	3	4	5
3.22. Estou aberto a ideias novas.	1	2	3	4	5
3.23. Relaciono-me com pessoas influentes.	1	2	3	4	5
3.24. Estou seguro daquilo que faço.	1	2	3	4	5
3.25. Aceito, de boa vontade, um elogio.	1	2	3	4	5
3.26. Gosto de descobrir coisas novas e originais, para fazer.	1	2	3	4	5
3.27. Tenho tendência para ser muito intuitivo.	1	2	3	4	5
3.28. Sou corajoso	1	2	3	4	5
3.29. Para alargar o meu campo de hipóteses, estou pronto a fazer face ao insucesso.	1	2	3	4	5
3.30. Tenho tendência a revoltar-me contra a autoridade.	1	2	3	4	5
3.31. Ajo de acordo com o que penso.	1	2	3	4	5
3.32. Idealizar um projecto tira-me o sono.	1	2	3	4	5
3.33. A minha liberdade é um bem precioso.	1	2	3	4	5
3.34. Sou optimista.	1	2	3	4	5
3.35. Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho.	1	2	3	4	5
3.36. Gosto de tomar iniciativas.	1	2	3	4	5
3.37. Sou curioso.	1	2	3	4	5
3.38. Os meus recursos são ilimitados.	1	2	3	4	5
3.39. Tenho a impressão de que se não correr riscos vou estagnar.	1	2	3	4	5
3.40. Vivo com intensidade.	1	2	3	4	5
3.41. Sou um(a) 'batalhador(a)'.	1	2	3	4	5
3.42. Adoro a aventura.	1	2	3	4	5
3.43. Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário.	1	2	3	4	5
3.44. Tenho boa capacidade de adaptação.	1	2	3	4	5
3.45. Sempre que desejo fazer qualquer coisa, vejo claramente as consequências das minhas acções.	1	2	3	4	5
3.46. Gosto de responsabilidades.	1	2	3	4	5
3.47. Penso que as pessoas que correm riscos têm mais hipóteses de sucesso do	1	2	3	4	5

que as outras.					
3.48. Com o fim de aprender coisas novas dedico-me, com frequência, ao estudo de assuntos que não me são familiares ou que me são mesmo estranhos.	1	2	3	4	5
3.49. Sou responsável.	1	2	3	4	5
3.50. Aceito os desafios.	1	2	3	4	5
3.51. Sou emocionalmente estável.	1	2	3	4	5
3.52. Consideram-me, por vezes, teimoso(a).	1	2	3	4	5
3.53. Mesmo que não seja agradável, faço o que é preciso.	1	2	3	4	5
3.54. Sou capaz de enfrentar qualquer situação.	1	2	3	4	5
3.55. Tenho amor-próprio.	1	2	3	4	5
3.56. Alegro-me, frequentemente, estar só.	1	2	3	4	5
3.57. Considero os meus problemas apostas a vencer.	1	2	3	4	5
3.58. Sou determinado.	1	2	3	4	5
3.59. Gosto de ser 'senhor(a) das situações'.	1	2	3	4	5
3.60. Sou uma pessoa motivada e desejo ser bem sucedido(a).	1	2	3	4	5

Obrigada pela sua participação.

Anexo II – Correlações entre variáveis, média e desvio-padrão

	V1	V2	V3	V4	V5	V6	V7	V8	V9	V10	V11	V12	V13	V14	V15	V16	V17	V18	V19	V20	μ	σ
V1	1,000																				3,51	,676
V2	,382	1,000																			3,90	,726
V3	,362	,275	1,000																		3,17	,742
V4	,172	,224	,232	1,000																	3,43	,881
V5	,194	,367	,140	,153	1,000																3,96	,800
V6	,223	,302	,249	,266	,264	1,000															3,44	,705
V7	,154	,434	,173	,231	,327	,372	1,000														4,08	,862
V8	,220	,326	,110	,155	,527	,251	,384	1,000													4,19	,714
V9	,254	,224	,357	,314	,010	,305	,286	,073	1,000												3,61	,806
V10	,192	,189	,364	,434	,044	,296	,276	,114	,769	1,000											3,38	,719
V11	,125	,266	,171	,163	,332	,265	,227	,288	,184	,148	1,000										3,50	,783
V12	,087	,263	,069	,155	,376	,267	,224	,428	,154	,130	,391	1,000									4,04	,732
V13	,302	,239	,249	,163	,300	,302	,194	,331	,131	,148	,221	,428	1,000								3,13	,903
V14	,238	,328	,167	,107	,262	,234	,311	,383	,067	,116	,200	,301	,477	1,000							3,68	,773
V15	,214	,336	,121	,184	,345	,250	,340	,440	,084	,044	,316	,388	,457	,559	1,000						3,96	,694
V16	,226	,266	,156	,241	,264	,247	,248	,344	,144	,117	,222	,264	,322	,352	,422	1,000					3,63	,657
V17	,277	,318	,117	,098	,291	,206	,205	,328	,117	,037	,257	,275	,175	,248	,303	,367	1,000				4,05	,685
V18	,244	,339	,174	,290	,168	,377	,338	,247	,200	,229	,223	,191	,234	,227	,186	,286	,217	1,000			3,12	,782
V19	,249	,376	,219	,364	,339	,309	,459	,304	,326	,346	,190	,320	,269	,281	,391	,347	,241	,417	1,000		3,85	,862
V20	,251	,417	,253	,243	,326	,345	,376	,341	,275	,244	,298	,349	,260	,300	,396	,402	,280	,446	,622	1,000	3,83	,718

Legenda: V1– Experimento fazer as coisas de diversas maneiras; V2– Sou motivado(a); V3– Utilizo, com frequência, objetos comuns de uma forma original; V4– Sou capaz de falar de uma boa ideia mesmo que não esteja certo do seu sucesso; V5– Terminar o que começo mesmo que tal implique muito trabalho; V6– Tenho a faculdade de encontrar todo o tipo de soluções para os meus problemas; V7- Acredito em mim; V8- Sou capaz de trabalhar durante o tempo necessário para levar a cabo um projeto; V9- Tenho muita imaginação; V10- Tenho ideias inovadoras; V11- Tenho uma boa capacidade de concentração; V12- Estou disposto(a) a fazer sacrifícios se espero uma recompensa a longo prazo; V13- Tento mesmo o impossível; V14- Aproveito todas as oportunidades; V15- Sou tenaz; V16- Ponho em prática as minhas 'boas' resoluções; V17- Procuro entender os meus erros para tirar partido deles; V18- O que quer que aconteça, sou sempre 'senhor(a) da situação'; V19- Sou ambicioso(a); V20- Sou perseverante.

	V21	V22	V23	V24	V25	V26	V27	V28	V29	V30	V31	V32	V33	V34	V35	V36	V37	V38	V39	V40	μ	σ
V21	1,000																				3,63	,809
V22	,310	1,000																			4,19	,669
V23	,381	,245	1,000																		3,14	,818
V24	,402	,240	,340	1,000																	3,61	,672
V25	,178	,347	,230	,294	1,000																4,13	,705
V26	,216	,466	,236	,293	,436	1,000															4,06	,655
V27	,197	,301	,226	,290	,252	,373	1,000														3,69	,749
V28	,441	,241	,295	,457	,328	,277	,317	1,000													3,73	,748
V29	,214	,285	,193	,273	,251	,290	,123	,309	1,000												3,46	,717
V30	,147	,217	,063	,069	,099	,162	,209	,129	,167	1,000											2,83	,974
V31	,247	,278	,061	,221	,149	,312	,270	,207	,235	,298	1,000										3,79	,779
V32	-,011	,091	,071	-,087	,033	,093	,082	-,012	,034	,264	,148	1,000									3,17	,926
V33	,099	,235	,061	,102	,210	,304	,133	,159	,135	,095	,359	,009	1,000								4,29	,762
V34	,292	,261	,262	,432	,246	,285	,167	,478	,311	,162	,203	-,034	,215	1,000							3,87	,850
V35	,251	,153	,098	,287	,046	,189	,182	,204	,218	,058	,197	,040	,265	,366	1,000						3,92	,707
V36	,289	,284	,309	,368	,157	,293	,217	,320	,276	,199	,281	,142	,133	,395	,334	1,000					3,73	,664
V37	,233	,387	,235	,191	,199	,361	,259	,191	,216	,113	,208	,081	,253	,186	,224	,307	1,000				4,19	,728
V38	,163	,017	,153	,168	,136	,173	,149	,219	,218	,202	,056	,187	-,016	,175	,126	,142	,056	1,000			2,73	,940
V39	,226	,253	,232	,181	,043	,216	,168	,167	,313	,199	,157	,123	,205	,212	,252	,252	,233	,273	1,000		3,49	,865
V40	,442	,305	,332	,401	,282	,299	,258	,451	,393	,184	,298	,053	,156	,414	,207	,328	,231	,259	,337	1,000	3,68	,753

Legenda: V21- Estou pronto(a) a desafiar tudo para conseguir algo em que acredito; V22- Estou aberto(a) a ideias novas; V23- Relaciono-me com pessoas influentes; V24- Estou seguro(a) daquilo que faço; V25- Aceito, de boa vontade, um elogio; V26- Gosto de descobrir coisas novas e originais para fazer; V27- Tenho tendência para ser muito intuitivo(a); V28- Sou corajoso(a); V29- Para alargar o meu campo de hipóteses, estou pronto a fazer face ao insucesso; V30- Tenho tendência a revoltar-me contra a autoridade; V31- Ajo de acordo com o que penso; V32- Idealizar um projeto tira-me o sono; V33- A minha liberdade é um bem precioso; V34- Sou otimista; V35- Esforço-me por resolver as dificuldades sozinho; V36- Gosto de tomar iniciativas; V37- Sou curioso(a); V38- Os meus recursos são ilimitados; V39- Tenho a impressão de que se não correr riscos, vou estagnar; V40- Vivo com intensidade.

	V41	V42	V43	V44	V45	V46	V47	V48	V49	V50	V51	V52	V53	V54	V55	V56	V57	V58	V59	V60	μ	σ
V41	1,000																				3,95	,747
V42	,332	1,000																			3,75	,868
V43	,330	,322	1,000																		3,58	,802
V44	,313	,315	,254	1,000																	3,95	,684
V45	,156	,161	,193	,256	1,000																3,61	,758
V46	,357	,080	,163	,255	,222	1,000															3,86	,761
V47	,141	,179	,160	,160	,249	,219	1,000														3,96	,776
V48	,247	,220	,194	,127	,225	,237	,336	1,000													3,44	,771
V49	,318	-,026	,135	,178	,128	,460	,051	,080	1,000												4,36	,636
V50	,400	,327	,233	,433	,095	,333	,207	,228	,286	1,000											4,07	,626
V51	,200	,206	,233	,244	,293	,231	,188	,074	,208	,249	1,000										3,85	,812
V52	,129	,193	,338	,127	,132	,050	,148	,163	,115	,135	,204	1,000									4,02	,782
V53	,327	,181	,231	,151	,179	,292	,217	,240	,151	,236	,189	,239	1,000								3,73	,730
V54	,401	,275	,287	,328	,163	,262	,207	,255	,183	,452	,263	,173	,471	1,000							3,60	,740
V55	,257	,295	,203	,277	,058	,148	,140	,112	,183	,269	,367	,146	,226	,297	1,000						4,12	,765
V56	-,060	,012	,113	-,016	,026	-,054	,084	,121	,024	-,009	-,020	,128	,155	,084	,032	1,000					3,14	1,016
V57	,257	,243	,260	,239	,242	,256	,194	,280	,156	,270	,161	,102	,296	,365	,294	,253	1,000				3,67	,698
V58	,480	,298	,267	,342	,135	,329	,103	,182	,308	,362	,344	,248	,327	,362	,431	,014	,489	1,000			4,02	,641
V59	,164	,240	,300	,166	,224	,137	,228	,186	,065	,218	,221	,201	,296	,302	,234	,192	,349	,287	1,000		3,43	,803
V60	,394	,359	,239	,310	,123	,182	,171	,210	,300	,371	,320	,240	,256	,273	,372	-,149	,283	,533	,254	1,000	4,30	,693

Legenda: V41- Sou um(a) batalhador(a); V42- Adoro a aventura; V43- Se decido fazer qualquer coisa, ninguém me convence do contrário; V44- Tenho boa capacidade de adaptação; V45- Sempre que desejo fazer qualquer coisa, vejo claramente as consequências das minhas ações; V46- Gosto de responsabilidades; V47- Penso que as pessoas que correm riscos têm mais hipóteses de sucesso do que as outras; V48- Com o fim de aprender coisas novas, dedico-me com frequência, ao estudo de assuntos que não me são familiares ou que me são mesmo estranhos; V49- Sou responsável; V50- Aceito novos desafios; V51- Sou emocionalmente estável; V52- Consideram-me, por vezes, teimoso(a); V53- Mesmo que não seja agradável, faço o que é preciso; V54- Sou capaz de enfrentar qualquer situação; V55- Tenho amor-próprio; V56- Alegro-me, frequentemente, estar só; V57- Considero os meus problemas a vencer; V58- Sou determinado(a); V59- Gosto de ser 'senhor(a) das situações'; V60- Sou uma pessoa motivada e desejo ser bem sucedido(a).